

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME FIGUEIREDO PIRES CORREA

O MIGRANTE VENEZUELANO NAS REDES SOCIAIS
VIRTUAIS: YOUTUBERS E A WEBDIÁSPORA NOS ANOS DE 2018 A 2022

CURITIBA

2023

GUILHERME FIGUEIREDO PIRES CORREA

O MIGRANTE VENEZUELANO NAS REDES SOCIAIS
VIRTUAIS: YOUTUBERS E A WEBDIÁSPORA NOS ANOS DE 2018 A 2022

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, no Setor de Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia .

Orientador: Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Correa, Guilherme Figueiredo Pires

O migrante venezuelano nas redes sociais virtuais : youtubers e a webdiáspora nos anos de 2018 a 2022. / Guilherme Figueiredo Pires Correa. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Sergio Batista Silveira de Oliveira.

1. Redes sociais on-line. 2. Imigrantes – Venezuela.
3. Venezuelanos – Curitiba (PR). 4. Youtubers - Venezuela.
I. Oliveira, Mario Sergio Batista Silveira de. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GUILHERME FIGUEIREDO PIRES CORREA** intitulada: **O Migrante Venezuelano nas Redes Sociais Virtuais: Youtubers e a webdiáspora nos anos de 2018 a 2022**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Dezembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

03/12/2022 12:28:46.0

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

02/12/2022 18:27:56.0

JOSÉ ANTÔNIO PERES GEDIEL

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/12/2022 17:40:08.0

LEONARDO CAVALCANTI DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Rua General Carneiro, 460 - 9º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: pgsocioufpr@hotmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 239796

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 239796

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Julio e Mirian, minha companheira Rubia Romani e irmão Gustavo, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao professor Márcio, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Ao professor Lisandro e ao grupo do NECCSO pelo acolhimento e parceria nos anos de mestrado.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Ao PPGSocio por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso e um agradecimento especial ao Katiano e Luciane pelo carinho, empatia e muitas ajudas dadas ao longo da formação.

Um abraço afetuoso para Jennifer Batista, Carol Pacheco, Tatiane Almeida e Eduardo de Souza pela força e companheirismo ao longo do processo.

E um super agradecimento a Camila Ribeiro de Almeida Rezende. Sem esse ser maravilhoso e sua linda técnica de escrita eu jamais conseguiria ter avançado até o final da pesquisa. Muito obrigado, Cami!!

*O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore
e o último está sendo comido pelas formigas.*

Cem anos de Solidão - Gabriel Garcia Marquez

RESUMO

A internet é um espaço virtual de interação que incentiva a criação de comunidades, além disso, pode diminuir a distância e o tempo de interações entre os indivíduos por meio das tecnologias da informação (TICs). Quando se trata de migrantes, a internet facilita a formação de comunidades on-line com vários fins, que podem ser desde da formação de grupos para ajuda mútua (retirada de documentos, locais para aprender língua local, oferta de empregos e moradia de forma facilitada sem necessitar de imobiliárias) ou grupos de relações afetivas em um local que não é limitado pela distância física e geográfica. Chegando em território brasileiro, alguns venezuelanos criaram canais de comunicação comunitária na rede social virtual Youtube com intuito de informar, acolher e auxiliar outros migrantes na adaptação ao local de chegada. Esta pesquisa inquiriu os motivos que migrantes venezuelanos criaram conteúdo on-line para a rede social Youtube e, também, analisou as redes sociais virtuais deles com a utilização do software Nvivo20. Os criadores de conteúdo buscam dividir suas histórias, alegrias, tristezas, pensamentos em forma de entretenimento com pessoas na mesma situação em que elas próprias se encontravam no momento da entrevista, em diáspora. Eles utilizam seu tempo livre para a produção de vídeos, o que pode ser considerado como uma atividade laboral autônoma e como uma renda extra, mas não o bastante para substituir o trabalho formal. Além de informações úteis para os migrantes, as mídias dos youtubers venezuelanos colabora na humanização e no sentimento de empatia dos brasileiros usuários da rede social virtual supracitada como uma consequência da pessoalidade e do tom confessional nos vídeos. Conclui-se que o principal motivo para criação de um canal é a solidariedade e que as visualizações de vídeos sobre a migração e o espaço de visibilização criou também uma webdiáspora, ao lado da diáspora tradicional, que ultrapassam um milhão de espectadores.

Palavras-chaves: webdiáspora, Youtube, migrações, venezuelanos.

ABSTRACT

The Internet is a virtual space for interaction that encourages the creation of communities. It can reduce the distance and time of interactions between individuals through information technologies (ICTs). When it comes to migrants, the internet facilitates the formation of on-line communities with various purposes, which can range from the formation of groups for mutual help (removing documents, places to learn the local language, offering jobs, housing easily without needing to real estate companies) or groups of affective relationships in a location that is not limited by physical and geographic distance. Arriving in Brazilian territory, some Venezuelans created community communication channels on the virtual social network Youtube in order to inform, welcome and assist other migrants in adapting to the place of arrival. This research investigated the reasons that Venezuelan migrants created on-line content for the social network Youtube and also analyzed their virtual social networks using the software Nvivo20. It is concluded that the main reason for creating a channel is solidarity and that the views of videos about the webdiaspora exceed one million viewers. Content creators seek to share their stories, joys, sorrows, thoughts in the form of entertainment with people in the same situation they were in at the time of the interview, in diaspora. They use their free time to produce videos and can be considered as an autonomous work activity, an extra income, but not enough to replace formal work. In addition to providing useful information for migrants, the media of Venezuelan youtubers collaborates in the humanization and in the feeling of empathy of Brazilian users of the aforementioned virtual social network as a consequence of the personality and confessional tone in the videos. It is concluded that the main reason for creating a channel is solidarity and that the views of videos about migration and the visualization space also created a webdiaspora, alongside the traditional diaspora, which exceed one million viewers.

Keywords: webdiaspora, Youtube, migrations, Venezuelans

FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA ARPANET.....	21
FIGURA 2 - ROTA TCP/IP.....	22
FIGURA 3 - PÁGINA DO CLASSMATES EM 1995.....	39
FIGURA 4 - MAPA DA VENEZUELA.....	64
FIGURA 5 - O CAMINHO DOS WARAOS.....	71
FIGURA 6 - FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA.....	72
FIGURA 7 - PÁGINA DO INSTAGRAM DO PESQUISADOR.....	86
FIGURA 8 - PÁGINA DO INSTAGRAM DO PPGSOCIO UFPR.....	87
FIGURA 9 - GÊNERO E IDADE DOS ENTREVISTADOS.....	88
FIGURA 10 - IMAGEM DE CAPA DE UM CANAL DE MIGRANTE NO YOUTUBE.....	90
FIGURA 11 - NUVEM DE PALAVRAS.....	94
FIGURA 12 - TABULAÇÃO GRUPO DE PALAVRAS AGRUPADAS.....	95
FIGURA 13 - DADOS 1.....	98
FIGURA 14 - DADOS 2.....	99

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - USO INDIVIDUAL DE INTERNET EM 2005– 2021.....	25
GRÁFICO 2 - USO INDIVIDUAL DE INTERNET POR REGIÃO.....	26
GRÁFICO 3 - USO INDIVIDUAL DE INTERNET POR GÊNERO.....	27
GRÁFICO 4 - USO INDIVIDUAL DE INTERNET: USO URBANO X RURAL.....	28
GRÁFICO 5 - USO DE INTERNET POR PORTE DE MUNICÍPIO, 2019.....	29
GRÁFICO 6 - ENTRADAS E SAÍDAS - CONTROLE MIGRATÓRIO 2012 - 2022.....	69
GRÁFICO 7 – PRINCIPAIS PALAVRAS UTILIZADAS NOS COMENTÁRIOS.....	95
GRÁFICO 8 – CATEGORIAS DE COMENTÁRIOS.....	97

QUADROS

QUADRO 1 – DOMICÍLIOS COM UTILIZAÇÃO DA INTERNET.....	30
QUADRO 2 - OS PRINCIPAIS TICS UTILIZADOS NO BRASIL.....	31
QUADRO 3 - APLICATIVOS MAIS UTILIZADOS.....	32
QUADRO 4 - NÚMERO DE IMIGRANTES POR CLASSIFICAÇÃO, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES DE NASCIMENTO - BRASIL, 2011 - 2020.....	58
QUADRO 5 - SOLICITAÇÕES DE REFÚGIO EM 2021.....	60
QUADRO 6 - FLUXOGRAMA DA EMIGRAÇÃO VENEZUELANA, SÉCULO XXI.....	68
QUADRO 7 - IMIGRANTES VENEZUELANOS POR IDADE.....	71
QUADRO 8 – DADOS DOS CANAIS ENTRE 2017 E 2021.....	88
QUADRO 9 – LÍNGUA UTILIZADA.....	89
QUADRO 10 – REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	91
QUADRO 11 – TEMA DOS VÍDEOS.....	91
QUADRO 12 – O VÍDEO SOBRE SUPERMERCADO.....	92
QUADRO 13 – REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	93
QUADRO 14 – COMENTÁRIOS DE EMPATIA.....	97
QUADRO 15 – COMENTÁRIOS POLÍTICO.....	97
QUADRO 16 – COMENTÁRIOS CRÍTICOS/XENOFOBIA.....	98
QUADRO 17 – MOTIVOS PARA SAIR DA VENEZUELA.....	100

SIGLAS E GLOSSÁRIO

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.
ARPA	Agência para Projetos de Pesquisa Avançada.
ARPANET	Rede da Agência para Projetos de Pesquisa Avançada.
AVI	Audio Video Interleave é um formato encapsulador de áudio e vídeo criado pela Microsoft cuja extensão oficial é .avi.
BPC	Benefício de Prestação Continuada.
BLOCKCHAIN	A tecnologia blockchain é como um livro contábil que faz o registro de uma transação de moeda virtual de forma que esse registro seja confiável e imutável.
CadÚnico	Cadastro Único para Programas Sociais.
CEIM	Centro de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná.
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua.
Cepe	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.
CERN	European Organization for Nuclear Research.
CPF	Cadastro de pessoa física.
Cras	Centro de Referência de Assistência Social.
Creas	Centros Especializados de Assistência Social.
CRIPTOMOEDAS	São moedas digitais, composto por códigos de computador gerados via um software, que permitem que as pessoas enviem, recebam e guardem valores digitalmente, utilizando a tecnologia blockchain.
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social.
CVP	Corporación Venezolana del Petróleo.
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados.
DOWNLOAD	É um termo que corresponde à ação de transferir dados de um computador remoto para um computador local.
EB	Exército Brasileiro.
FTLog	Força Tarefa Logística da Operação Acolhida.
FTLogHum	Força Tarefa Logística e Humanitária.

GLO	Garantia da Lei e da Ordem.
Kbps	Kilobit por segundo. É uma medida de velocidade utilizada para medir quantidade (volume) de dados nas transmissões entre dispositivos móveis ou computadores, utilizamos os “bits” como medida mais comum, que englobam tanto o Kbps (Kilobit por segundo), quanto o Mbps (Megabit por segundo).
LDM	Lei de Migração.
LINK	é uma palavra em inglês que significa elo, vínculo ou ligação. No âmbito da informática, a palavra link pode significar hiperligação, ou seja, uma palavra, texto ou imagem que, quando é clicada pelo usuário, o encaminha para outra página na internet, que pode conter outros textos ou imagens.
LIVE	é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na internet, geralmente feita por meio das redes sociais.
MP4	refere-se a um padrão de container de áudio e vídeo que é parte da especificação MPEG-4 desenvolvido pela ISO/IEC 14496-14.
MODEM	dispositivo de hardware que converte dados em um formato adequado para um meio de transmissão de forma que possam ser transmitidos de um computador para outro.
NFS	National Science Foundation.
OIM	Organização Internacional para as Migrações.
ONU	Organização das Nações Unidas.
OPEP	Organização dos Países Exploradores de Petróleo.
PE	Polícia do Exército.
PET	Programa de Educação Tutorial.
PEtroven ou PDVSA	Companhia Petróleos de Venezuela.
PPGSocio UFPR	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.
PMUB	O Programa Política Migratória e Universidade Brasileira.
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PTrig	Posto de Triagem do Exército Brasileiro.
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

RNE	Registro Nacional de Estrangeiros.
SCO	Sociedade Civil Organizada.
SEJU	Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos.
SESI	Serviço Social da Indústria.
SINE	Sistema Nacional de Emprego.
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório.
SUS	Sistema Único de Saúde.
TCP / IP	Protocolo de transmissão/ Protocolo de internet.
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicações
TORRENT	o (Bit)Torrent, também chamado de sistema p2p (peer to peer - par a par, ou ponto a ponto) é um sistema online de compartilhamento e download é um sistema online de compartilhamento de download de arquivos entre usuários por meio do protocolo de rede sem que o arquivo esteja em um computador servidor, criado pelo programador Bram Cohen, em abril de 2001.
UE	União Europeia.
UFPR	Universidade Federal do Paraná.
UFRR	Universidade Federal de Roraima.
UNDESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas.
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas.
UNIX	Sistema operacional.
UPLOADS	refere-se à transmissão de dados de um sistema de computador para outro por meio de uma rede.
WhatsApp	aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.
WWW	World Wide Web.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
2. AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NO CAMPO DOS ESTUDOS	
MIGRATÓRIOS.....	22
2.1 - UM BREVE HISTÓRICO DA INTERNET.....	22
2.2 - A INTERNET NO GLOBO.....	25
2.3 - A INTERNET NO BRASIL.....	28
2.4 - AS REDES SOCIAIS E A SOCIEDADE EM REDES.....	35
2.4.1 - As Redes na Sociologia.....	35
2.4.2 - A Sociedade em Redes.....	37
2.4.3 - As Redes Sociais Digitais.....	39
2.4.4.1 O Youtube.....	40
2.4.4.2 Youtubers.....	41
2.4.4.3 O Youtuber é remunerado?.....	42
2.4.5 ARS - Análise de Redes Sociais.....	43
2.5 - A INTERNET NO CONTEXTO DA MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS.....	46
2.6 - WEBDIÁSPORA.....	51
3 - MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	55
3.1 - MIGRAÇÕES NO BRASIL.....	55
3.2 - A DIÁSPORA VENEZUELANA.....	64
3.2.1 - A Venezuela.....	64
3.2.2 - A Diáspora Venezuelana em números.....	66
3.2.3 - Operação Acolhida.....	72
3.2.4 - A Interiorização.....	77
3.2.5 - A Interiorização em Curitiba.....	80
4 - OS YOUTUBERS VENEZUELANOS.....	85
4.1 - ETNOGRAFIA ONLINE.....	85
4.2 - ANALISANDO AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	87
4.2.1 - O vídeo sobre as diferenças de preços e produtos entre supermercados no Brasil e Venezuela.....	92
4.3 - DADOS DAS ENTREVISTAS.....	98
4.4 - ANÁLISE DOS DADOS.....	110

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS.....	130

INTRODUÇÃO

Os primeiros passos da pesquisa foram dados antes de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Com a polarização política no Brasil, passei a pesquisar – por conta própria – os comentários dos usuários de redes sociais virtuais (*Youtube, Twitter, Instagram, Facebook*). Ao fazer isso, chegando em um tema que, durante meu percurso acadêmico, nunca tinha dado a importância devida que o assunto merece: as migrações.

Embora conhecesse, de maneira superficial, nunca tinha realmente parado para me aprofundar sobre os movimentos migratórios. Parecendo que, assim como alguns autores clássicos da sociologia, eu via nas migrações um tema secundário, ainda que a grande mídia noticie com frequência os problemas no Mar Mediterrâneo e a entrada em massa de venezuelanos no Brasil como consequência da crise humanitária que nossos vizinhos vêm passando. Somado a isso, também posso adicionar a recente crise Rússia-Ucrânia, que acarreta mais um grande movimento migratório na Europa.

Em outras palavras, era, e é, um tema novo para mim e sobre o qual nem conceitos, ou preconceitos, havia construído. Não tinha nenhum pensamento ou, se tinha, não prestava atenção ao que o tema merece. Não sou de família com tradição de migração ou com apreço aos antepassados que migraram para terras tupiniquins.

Passei a olhar com mais atenção para o tema a partir do confronto entre brasileiros e venezuelanos na cidade de Pacaraima, no estado de Roraima, no ano de 2018. Devido a uma divulgação de notícia falsa em massa via aplicativo de comunicação direta, o *WhatsApp*, da empresa Meta (mais conhecida pelo nome de *Facebook*, que tenta, com a mudança, alterar a péssima percepção que os usuários vêm tendo desta desde a divulgação do escândalo da *Cambridge Analytica*¹ e com a morosidade com que combate a divulgação de notícias falsas e discursos de ódio e, mais recentemente, a publicação do *Facebook Papers*², onde documentos internos apontam que a empresa vem priorizando o lucro em detrimento da segurança e saúde mental dos usuários da rede social virtual), brasileiros, entoando o hino nacional do Brasil, agrediram fisicamente e verbalmente migrantes venezuelanos que estavam acampados pela cidade em retaliação a um assalto e à agressão a um comerciante local por venezuelanos. O

¹ Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/03/facebook-e-cambridge-analytica-sete-fatos-que-voce-pr ecisa-saber.ghtml> Acesso em 27 de jul. de 2022.

² Disponível em: **Facebook Papers**: as provas que faltavam para mostrar como a rede manipulou você - <https://theintercept.com/2021/12/01/facebook-papers-provas-rede-manipulou-voce/> Acesso em 27 de julho de 2022.

que agravou a situação e provocou a organização dos brasileiros via redes sociais virtuais foi o fato de que não havia ambulâncias disponíveis no município e a da Operação Acolhida não foi cedida para atender o ferido. Aproximadamente mil brasileiros participaram dos atos de violência e vandalismo contra 1,5 mil venezuelanos que moravam em barracas improvisadas e em condições precárias antes do episódio de violência. O confronto ocorreu na BR-174, que liga Boa Vista à cidade de Pacaraima, ficando bloqueada com pneus e fogo por cerca de cinco horas. Este conflito foi muito noticiado nas redes sociais virtuais. No *Youtube*, por exemplo, é possível encontrar vídeos subidos (*uploads*) por brasileiros residentes da cidade que gravaram o momento em que barracas são incendiadas e os migrantes³ Chamou minha atenção, além da violência explícita, falas ditas por brasileiros no episódio que já indicavam a direção que a nação seguiria nos anos seguintes com a eleição do presidente Jair Bolsonaro (à época, filiado ao PL, partido presidido pelo Waldemar da Costa Neto, aquele do “Mensalão”) sob a máxima Deus, pátria e família.

Nos comentários presentes nos vídeos, é possível encontrar manifestações de usuários da rede social virtual incentivando a violência e desumanizando os migrantes, chamando-os de “malditos comunistas”, espiões do Maduro⁴, pobres e miseráveis, discursos sobre o perigo que os migrantes trazem, pois vão ocupar as vagas de empregos e os serviços públicos, xingamentos referentes ao ex-presidente Lula e a exaltação do, na época, pré-candidato Bolsonaro. Todavia, existiam comentários “positivos” e pedidos de desculpas para os migrantes por parte de alguns brasileiros, além disso, alguns se compadeciam do sofrimento dos venezuelanos, embora os responsabilizassem pela eleição de Nicolás Maduro.

Assim, desde os primórdios desta pesquisa, ela já era totalmente voltada para o ambiente on-line, para a internet, que ao contrário do assunto das migrações, sempre fez parte de minha existência individual e, também, como pesquisador, acompanhando o meu crescimento, já que, como filho de programadores de Tecnologia da Informação, tive contato e acesso à rede mundial de computadores desde muito cedo, quando as tecnologias de conexão eram realizadas via ligação telefônica e não passavam da velocidade máxima de 128 *kbps*. Atualmente, em 2021, é praticamente impossível encontrar conexões de banda larga

³ 'Bota fogo!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q> Acesso feito em 21 de julho de 2022.

⁴ Nicolás Maduro Moros é um político venezuelano e atual presidente da República Bolivariana da Venezuela. Como vice-presidente, assumiu interinamente a presidência da República em 2012, logo após a vitória eleitoral de Hugo Chávez, em razão da grave enfermidade do presidente eleito.

com menos de cinco megabytes de velocidade. Portanto, cresci em uma geração que viu o mundo se transformar para um novo ambiente, o virtual.

Se nos idos dos 80 e 90 do século passado, o império (do mal) da Rede Globo parecia imbatível, hoje vemos a Band transmitindo Fórmula 1 e o SBT passando futebol! Também é possível perceber a Rede Globo transformando uma postagem de alguma (sub)celebridade (políticos, estadistas, *influencer*, etc), ou de um mero desconhecido, na rede social virtual *Twitter* em pauta para o Jornal Nacional. E, por fim, mas não menos importante, cansada de lidar com as milhões de transmissões on-line de sua programação em diferentes redes sociais na internet (pirataria), as Organizações Globo passaram a transmitir (como suas concorrentes já vinham fazendo anos antes) sua programação gratuitamente na internet (na sua plataforma on-line Globo.com). Quem iria imaginar tal acontecimento anos atrás, quando a internet dava seus primeiros passos via uma conexão discada de 28 *kbps*?

Quase todas as atividades da sociedade contemporânea são realizadas on-line. Pagar contas, assistir às aulas, discussões sociais, relacionamentos afetivos, comida, entretenimento e sexualidade. Tudo on-line! E a pandemia da covid-19 marcou a internet como o grande meio de comunicação atual capaz, inclusive, de influenciar acontecimentos jurídicos, sociais, culturais e econômicos fora do ambiente on-line.

Esta dinâmica também chegou às pessoas em diáspora, transformando as migrações internacionais. Com as possibilidades que a internet permite, os migrantes iniciam sua jornada por meio de pesquisas em redes sociais virtuais sobre os possíveis locais de chegada, a cultura local, o custo de vida ou a retirada de documentação, dentre tantas outras possibilidades. Por meio de *vlogs* gravados ou *lives*, relatam sua história de saída e chegada em um novo ambiente, fazendo uma websérie narrando sua experiência em uma nova comunidade, interagindo com outros migrantes por meio de comentários nas redes sociais virtuais ou em aplicativos de mensagens diretas, que permitem que eles possam se comunicar mais rapidamente (instantaneamente, desde que conectado à rede mundial) com familiares ou amigos/conhecidos em terras distantes, ou então formem grupos virtuais nos locais de chegada para encontrar moradia, trabalho e até mesmo companhia, desenvolvendo uma rede comunitária de ajuda mútua. Assim, devido ao seu baixo custo e relativo fácil acesso, a internet colabora no estabelecimento de novos laços sociais e com o fortalecimento dos já existentes, tornando menos difíceis os projetos migratórios e os processos de adaptação na comunidade de destino.

Como consequência, a internet modifica também as formas como as pessoas em diáspora fazem a transferência de rendas. Os bancos tradicionais estão sendo substituídos por aplicativos de organizações descentralizadas⁵, sem sede fixa, complicando a regulação mediante o mecanismo do Estado. E, com o fechamento de casas de câmbio e de remessas internacionais durante a pandemia do covid-19, os migrantes fora de seu país de origem adotaram as criptomoedas para enviar dinheiro a suas famílias. Além de não dependerem das casas de câmbio, eles podem salvaguardar sua renda da desvalorização da moeda corrente em seu país comprando moedas mais virtuais “estáveis”, escapando do controle de governos autoritários, ao menos no que compete a sua renda, pois não há como os Estados controlarem as criptomoedas⁶, a não ser que desliguem a internet do planeta inteiro.

A nova dinâmica da diáspora on-line é chamada de webdiáspora, ou seja, páginas em redes sociais virtuais, vídeo blogs (*vlogs*), comunicação instantânea, novas formas de remessa de renda ou qualquer mídia criada exclusivamente por migrantes em diáspora. A webdiáspora é organizada em torno de um ou mais elementos culturais compartilhados (como língua, religião, etnia) e é destinada a membros da comunidade em diáspora e à população que se manteve na terra natal procurando informações para iniciar o ato de migrar.

A internet, por meio das redes sociais virtuais, permite a produção de narrativas próprias que podem ser compartilhadas com milhares de pessoas, atenuando o sofrimento de quem fala e, também, de quem escuta/assiste. Além disso, auxilia na manutenção dos vínculos do migrante com seus entes na terra natal através dos recursos midiáticos inovadores.

E as novas dinâmicas das migrações internacionais também se aplicam ao venezuelano em diáspora. A saída de venezuelanos do seu país de origem é a maior da história recente da América Latina e é consequência da crise social, econômica e política que o país vizinho

⁵ CEO da Binance volta a afirmar que empresa não tem sede. Disponível em: <https://portaldobitcoin.uol.com.br/ceo-da-binance-volta-a-afirmar-que-empresa-nao-tem-sede/> Acesso em 21 de jul de 2022.

⁶ No conflito Rússia-ucrânia, o governo ucraniano liberou a utilização de criptomoedas e o governo dos Estados Unidos tem exigido, sem sucesso, que as *exchange* de criptos bloqueiem operações na Rússia, temendo que esta utilize a descentralização das criptomoedas para escapar das sanções internacionais. Informação disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-03/russia-s-crypto-volumes-are-stalling-across-the-major-exchanges>; <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-02/biggest-crypto-exchange-says-blocking-all-russians-unethical>; <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-02-28/u-s-prods-crypto-exchanges-to-thwart-russia-sanctions-dogers>; <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-01/crypto-is-double-edged-sword-amid-war-circle-s-allaire-says> Acesso em 21 de jul. de 2022.

atravessa. Boa parte desses refugiados chega à cidade de Boa Vista, a maior cidade do estado menos populoso do Brasil. Para amenizar os impactos sociais, humanitários e de infraestrutura causados pela movimentação repentina e de grande escala de venezuelanos, foi criada pelo governo federal a Operação Acolhida para interiorização de refugiados e migrantes.

No entanto, a imigração venezuelana não se resume às pessoas que passaram pela fronteira de Pacaraima e depois foram interiorizados mediante a Operação Acolhida. Muitos grupos sociais diferentes saíram de sua terra natal por conta própria, contando com recursos particulares e meios de locomoção variados, derrubando, dessa maneira, qualquer tentativa de caracterizar os migrantes venezuelanos enquanto um bloco único e coeso. São pessoas diferentes, com motivações diversas para a saída e que não necessariamente almejam retornar para a sua terra natal.

E o que une todas essas diferentes pessoas, ao menos no que compete a esta pesquisa, com formações e informações muito diversas, vindos de estruturas sociais divergentes, foi a criação de canais de comunicação comunitária na rede social virtual *Youtube* com intuito de informar, acolher e auxiliar outros migrantes na adaptação ao local de chegada. Os migrantes criaram vídeos sobre a cultura local, dicas de aprendizagem da língua portuguesa, retirada de documentos, custo de vida em determinada cidade, requisição de auxílios do Estado, locais para visitar, supermercados com valores mais acessíveis e formas de enviar renda para familiares na Venezuela.

Esta pesquisa averiguou as motivações que levaram os migrantes a criarem conteúdo on-line na mesma situação em que se encontravam no momento da entrevista, em diáspora. Também pretendeu preencher um espaço ainda ínfimo que o tema da webdiáspora, mesmo nos estudos das migrações internacionais, tem para a Sociologia. Uma pesquisa de palavras-chaves no *Google Acadêmico*, utilizando o termo webdiáspora, revela apenas 64 resultados⁷ relacionados à temática, e a maioria destes é pesquisa da Comunicação Social, sendo um campo completamente novo e ainda pouco desbravado por sociólogos. Não há pesquisas relacionadas à webdiáspora no contexto das migrações venezuelanas – e de outros grupos de migrantes, no Brasil. O que torna esta pesquisa a primeira, no campo da Sociologia,

⁷ Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=webdi%C3%A1spora&btnG=
Acesso feito em 21 de jul. de 2022.

que estuda migrantes no contexto das redes sociais virtuais online e abre espaço para novos estudos.

Dito isso, no capítulo que segue, se refere às redes sociais virtuais no campo dos estudos migratórios, discutindo o conceito da webdiáspora, indicando o entendimento de redes sociais sob a perspectiva da Sociologia, debatendo, em seguida, sobre a sociedade em redes a partir da visão de Castells, veiculando uma apresentação da internet no contexto das migrações internacionais. Por fim, apresento o conceito de Análise de Redes Sociais (ARS) e conto uma breve história do desenvolvimento da internet enquanto tecnologia das redes sociais virtuais, em especial o *Youtube*.

No capítulo três, apresento as migrações internacionais, apontando a mais recente onda migratória para o Brasil, depois discuto sobre a diáspora venezuelana, indicando os dados sobre os migrantes venezuelanos, a retrospectiva dos fatos que levaram ao agravamento da crise no país vizinho, a Operação acolhida e a interiorização em Curitiba.

O capítulo quatro versará sobre a análise dos principais dados retirados da entrevista e dos dados coletados. Neste apresento a etnografia on-line, descrevendo os passos utilizados para encontrar e classificar os perfis das páginas dos migrantes venezuelanos no *Youtube* a partir do conceito de webdiáspora. Além disso, aponto os métodos utilizados para contactar os migrantes, já propondo uma reflexão a ser respondida na conclusão: Será que a forma com que abordei os migrantes influenciou no que foi dito durante as entrevistas?

Por fim, segue-se a conclusão baseada nos resultados obtidos.

2. AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NO CAMPO DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

2.1 - UM BREVE HISTÓRICO DA INTERNET

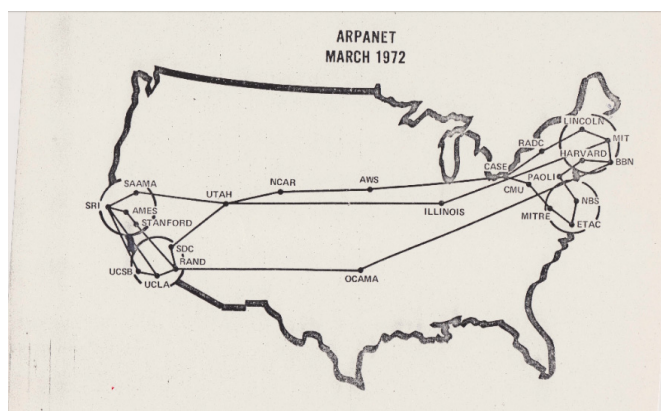
Apesar de haver, ao redor da internet, um imaginário de liberdade, a rede não surgiu para atender às necessidades cotidianas da sociedade. Na verdade, é um reflexo da batalha tecnológica travada entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria. Com o lançamento do satélite Sputnik, em 1957, pela União Soviética, o presidente estadunidense Dwight Eisenhower ordenou que o Departamento de Defesa criasse uma agência de investigação avançada a fim de realizar estudos sobre materiais de guerra e comunicações.

Em 1959, então, foi anunciada a criação da ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), desenvolvendo pesquisas de informação para o serviço militar como um projeto do

Departamento de Defesa para Comunicações Militares dos Estados Unidos. Seu objetivo era criar um meio de comunicação descentralizado, que permitiria fazer frente à ameaça de uma bomba nuclear soviética que colapsaria as telecomunicações no território estadunidense. O plano era criar uma rede nacional de computadores para ser um sistema de comunicação e defesa para informar sobre possíveis ataques dos soviéticos ou terroristas dentro do território estadunidense.

Em 1965, criou-se a primeira rede de longa distância entre computadores. Por meio de uma linha telefônica, conectou-se um computador em Massachusetts com outro na Califórnia, utilizando uma tecnologia a partir de uma troca por pacotes de informações em vez de circuitos, criados pela *Rand Corporation* e pela *British National Physical Laboratory*. Em 1967, a rede ARPA foi criada para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, começando, em 1969, os primeiros testes para conectar computadores em uma rede militar.

FIGURA 1 – MAPA ARPANET



FONTE: https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Arpanet_1972_Map.png

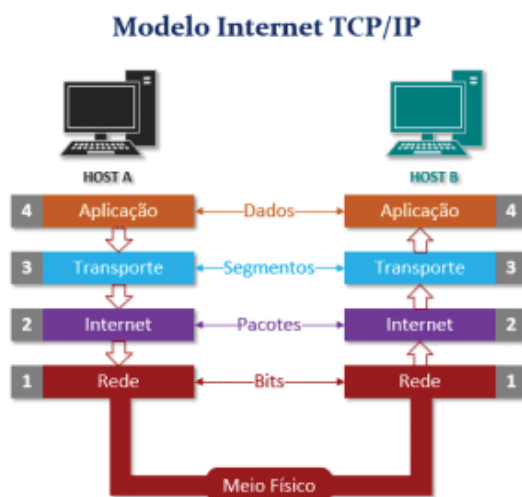
O primeiro nó da ARPANET foi uma conexão entre o computador central do Centro de Medição de Rede da Universidade da Califórnia e o Instituto de Investigação de Stanford, de onde a primeira mensagem foi enviada. Bem-sucedidas as comunicações, novos nós foram desenvolvidos na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara e em Utah, dando origem ao início do ARPANET.

Um conceito-chave que motivou o desenvolvimento da rede foi o de interligação de redes (*internetworking*). Tendo sua arquitetura de programação de rede aberta, a ARPANET permitiria, no futuro, a fusão com outras redes, como de satélites e rádio, para a troca de recursos e informações. Por meio da interligação de redes, as redes individuais podem ser

criadas e desenvolvidas de forma independente para se tornar parte de uma rede-mãe, projetando um protocolo de comunicação padrão.

Em 1973, foi desenvolvido um protocolo de comunicação que poderia satisfazer o ambiente de uma arquitetura de rede aberta da ARPANET, surgindo o TCP/IP (*Transmission Control Protocol/ Internet Protocol*), projetado de maneira que cada rede poderia manter sua própria configuração sem a necessidade de ser alterada, buscando compatibilidade de protocolos de comunicação, estabelecidas com base na tecnologia, oferecendo quatro bilhões de endereços diferentes e uma arquitetura de comunicação em camadas, com protocolos distintos, cuidando de tarefas distintas. Se um pacote de informações não chegar ao seu destino, deve ser retransmitido do ponto de emissão sem nenhum controle central do fluxo de operações, conforme a figura abaixo:

FIGURA 2 – ROTA TCP/IP



FONTE: <https://www.datarain.com.br/wp-content/uploads/2020/08/modelo-TCP-IP-300x278.png>

Com o fluxo de informações, a conexão com outras redes de computadores cresceu. Também em 1973 dois novos nós foram incorporados à ARPANET por meio do uso de um cabo transatlântico, instalado pelo governo dos Estados Unidos em 1858, na Universidade de Londres e no Sistema de Radar Real da Noruega.

No início da década de 1980, uma infinidade de redes comunitárias independentes da ARPANET surgiu em universidades e centros educacionais estadunidenses. Devido ao aumento e preocupado com a segurança das comunicações, o Departamento de Defesa

estadunidense desenvolveu o MILnet, uma rede especificamente para investigação militar. A partir desse momento, a ARPANET passa exclusivamente para os fins de pesquisa acadêmica.

Em 1984, a NFS (*National Science Foundation*) financiou a criação de uma rede que reunisse instituições acadêmicas e centros de pesquisa nos Estados Unidos, criando a NSFNET (*National Science Foundation Net*). Com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética a ARPANET-INTERNET tornou-se obsoleta no contexto de defesa nacional. Em fevereiro de 1990, o Pentágono transferiu a administração da ARPANET à NFS.

Portanto a Arpanet, a principal fonte do que viria a ser afinal a Internet, não foi uma consequência fortuita de um programa de pesquisa que corria em paralelo. Foi prefigurada, deliberadamente projetada e subsequentemente administrada por um grupo determinado de cientistas da computação que compartilhavam uma missão que pouco tinha a ver com estratégia militar. (...) Em conformidade com a tradição da pesquisa universitária, os criadores da Arpanet envolveram estudantes de pós-graduação nas funções nucleares de projeto da rede, numa atmosfera totalmente relaxada do ponto de vista da segurança. Isso incluía o uso da Arpanet para conversas pessoais de estudantes e, segundo consta, discussões sobre oportunidades para compra de maconha (CASTELLS, 2003, p. 25).

Para Castells (2003), a cultura da liberdade individual nos campus universitários estadunidenses, nas décadas de 1960 e 1970, e as próprias universidades desempenharam papel importante ao manter redes comunitárias. Sem a contribuição das redes pioneiras, de bases comunitárias, a internet teria tido uma aparência muito diferente. A comunidade do sistema operacional UNIX também foi fundamental e decisiva na formação de redes de computadores. O UNIX, um sistema operacional desenvolvido pelos Laboratórios Bell, foi liberado para as universidades em 1974, inclusive, seu código-fonte, com permissão de alteração da fonte. Em 1977, dois estudantes escreveram um programa chamado de MODEM, que permitia a transferência de arquivos entre seus computadores pessoais. Em 1978, fizeram outro, o *Computer Bulletin Board System*, que permitia aos computadores armazenar e transmitir mensagens. Ambos foram liberados para o domínio público. A rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita, do *software* e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros *hackers*.

Vale lembrar que o significado de *hackers* se transformou com o passar do tempo e atualmente tem uma conotação de atividade ilegal de criminosos cibernéticos motivados por ganhos financeiros, protestos e coleta de informações (espionagem). Porém, a cultura *hacker*

diz respeito ao “conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagiam on-line em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa” (CASTELLS, 2003, p. 36).

A inovação que permitiu o uso massivo da internet juntamente com o correio eletrônico foi o WWW (*World Wide Web*), uma aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida em 1990 por um programador inglês chamado Tim Berners-Lee. Com base na tecnologia de hipertexto, o sistema permitiria a troca automatizada de informações e consultas de documentação on-line, 24h por dia. O projeto foi aprovado pelas autoridades do CERN (*European Organization for Nuclear Research*), de quem Berners-Lee recebeu apoio.

O programa consistiu no desenvolvimento de um navegador e de uma linguagem de computador para sua operação por meio de um protocolo de comunicações e de um sistema de endereços. Introduzindo novas versões do *software* de navegação da web, a Netscape Communications disponibilizou, em 1994, o *Netscape Navigator*. Posteriormente, a Microsoft lançou o Windows 95 com o *Internet Explorer*, um navegador para a web.

As discussões sobre a privatização da internet iniciaram 1988 com um ciclo de conferências, sob o título: “A comercialização e privatização de Internet”, realizado na Universidade de Harvard. O desenvolvimento das redes de informação culminou em 1995 com a liberação comercial das redes de telecomunicações e com a exploração privada da internet por empresas de companhias telefônicas que cobraram dos usuários pelo acesso a ela. Durante aquele mesmo ano, o Conselho Federal de Redes (Federal Networking Council), órgão criado em 1992 para coordenar a exploração entre redes, aceitou formalmente o termo internet para a rede mundial de computadores (CASTELLS, 2003).

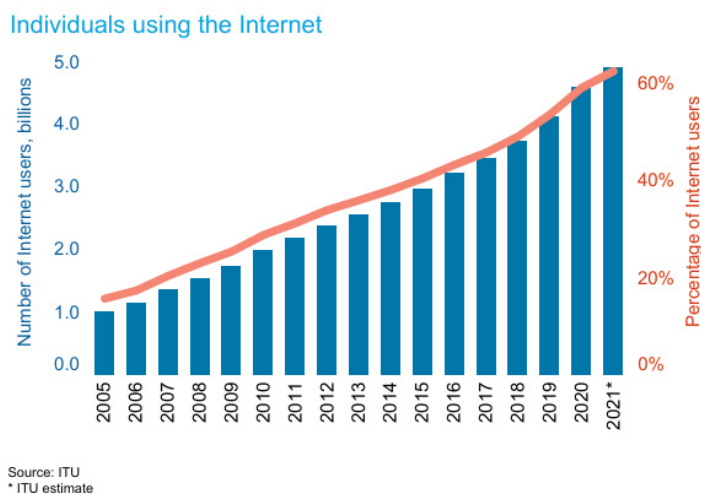
Até o início dos anos noventa, as redes eram voltadas principalmente para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, utilizadas por pesquisadores e funcionários de grandes empresas. Com o fim dos serviços da NSFNET em abril de 1995 e a abertura da Netscape em agosto do mesmo ano, iniciou-se uma nova etapa na história dessa tecnologia: a internet comercial. Um ano depois de seu lançamento, a rede dobrou o número de usuários com uma taxa de crescimento de 50% ao ano. Em 1996, a internet tinha 45 milhões usuários, sendo 30 milhões nos Estados Unidos e Canadá, nove milhões na Europa e seis milhões na Ásia. O acesso à internet passou a ser aberto a qualquer usuário por meio de assinaturas de serviço com as companhias telefônicas, a partir de suas redes privadas de telecomunicações.

A arquitetura aberta proporcionava a cooperação dos usuários. Solidariedade e cooperação são concepções que compõem a cultura *hacker* dos primeiros usuários da rede que participaram conjuntamente da criação da internet. “A Internet não teve origem no mundo dos negócios. Era uma tecnologia ousada demais, um projeto caro demais e uma iniciativa arriscada demais para ser assumida por organizações voltadas para o lucro” (CASTELLS, 2003, p. 27).

No ano de 2016, o governo dos Estados Unidos entregou a gestão do sistema on-line a uma entidade global sem fins lucrativos. Com isso, a operação autorreguladora será ocupada por um grupo interdisciplinar, integrado por engenheiros, acadêmicos, empresários, grupos de governo e organizações não-governamentais (FSP, 2016).

2.2 A INTERNET NO GLOBO

GRÁFICO 1 – USO INDIVIDUAL DE INTERNET EM 2005 - 2021



FONTE: <https://bitly.com/yEXqeImy>

No que se refere ao uso individual de internet, de 2005 a 2021, houve um aumento de 60% nos usuários de internet (uso individual) ao redor do globo. Cerca de um bilhão de pessoas acessaram a internet regularmente no ano de 2005, e este número saltou para perto de cinco bilhões em 2021. Embora tenha-se a impressão de que boa parte das regiões do globo esteja conectada à internet, a realidade não é bem assim. Estima-se que 2,9 bilhões de pessoas não têm acesso à rede, destes, 96% vivem em países em desenvolvimento. Aproximadamente

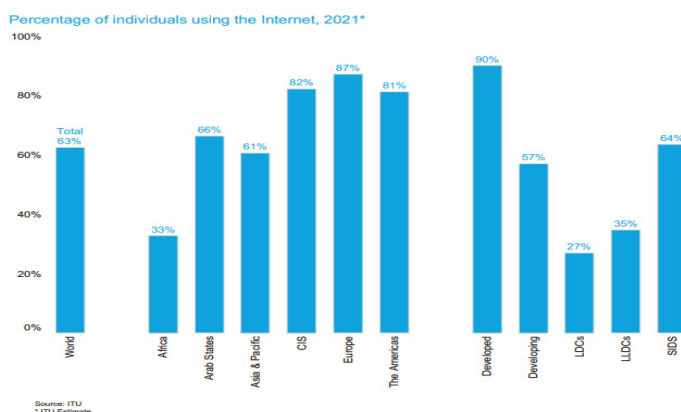
4,9 bilhões de pessoas, ou 63% da população mundial, utilizaram a internet em 2021. Isso representa um aumento de 17% desde 2019, com 782 milhões de pessoas conectadas (ITU, 2021).

Segundo o Google (2020), de 2015 até 2020, mais de 1,5 bilhão de pessoas começaram a usar a internet pela primeira vez na vida. Os novos usuários vivem em países como Brasil, Índia, Indonésia, México, Nigéria, África do Sul e Vietnã. Se, no início, os usuários da internet usavam o computador para acessar a rede, estes novos usuários se conectam pelo celular e adotam novos aplicativos e ferramentas em ritmo acelerado.

Este aumento na conectividade entre os anos de 2019 e 2021 é consequência dos efeitos da pandemia da covid-19. O aumento acentuado no número de pessoas on-line sugere que as medidas tomadas durante a pandemia, como bloqueios generalizados e fechamento de escolas, combinadas com a necessidade das pessoas de acesso a notícias, serviços governamentais, atualizações de saúde, comércio eletrônico e serviços bancários on-line, resultaram em 782 milhões de pessoas adicionais on-line desde 2019, um aumento de 17%.

O número de usuários da internet globalmente cresceu mais de 10% no primeiro ano da pandemia, sendo, de longe, o maior aumento anual em uma década. O forte crescimento desde 2019 foi impulsionado em grande parte por aumentos nos países em desenvolvimento, onde a penetração da internet subiu mais de 13%. Nos 46 Países Menos Desenvolvidos (PMDs) designados pela ONU, o aumento médio ultrapassou 20% (ITU, 2021). Em 2020, primeiro ano da pandemia, o número de internautas cresceu 10,2%, porém, em 2021, o aumento voltou ao patamar pré-crise sanitária, com 5,8% de usuários (ITU, 2021).

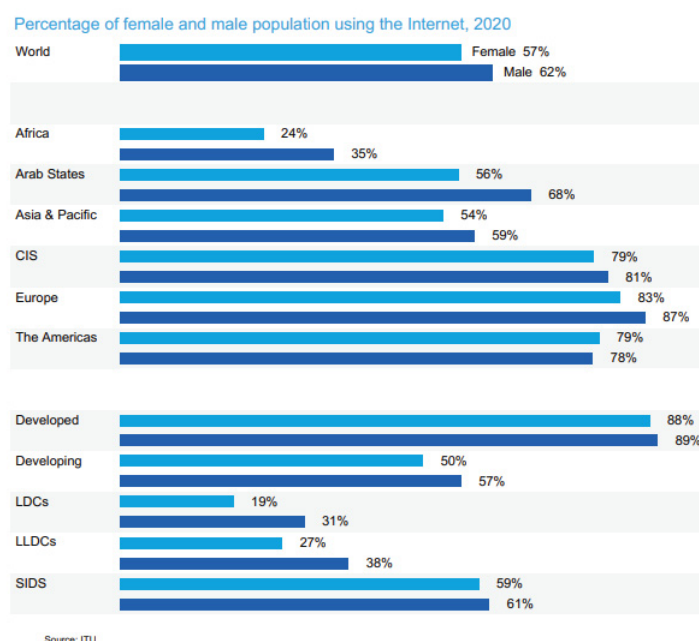
GRÁFICO 2 – USO INDIVIDUAL DE INTERNET POR REGIÃO



FONTE: <https://datahub.itu.int/>

Entre 2019 e 2021, o uso da internet na África e na região Ásia-Pacífico passou de 23% e 24%, respectivamente. No mesmo período, o número de usuários de internet nos países menos desenvolvidos (*LCDs*, no gráfico) aumentou 20%, e agora responde por 27% da população. O crescimento foi menor nas economias desenvolvidas (*Developed*, no gráfico), que o uso da internet já é quase universal em mais de 90 por cento. Mesmo que tenha diminuído a diferença entre os usuários conectados nos países menos desenvolvidos (*LCDCs*) e dos desenvolvidos (*Developed*), a diferença entre os usuários destes países era de 63 pontos percentuais no ano de 2021 (ITU, 2021).

GRÁFICO 3 – USO INDIVIDUAL DE INTERNET POR GÊNERO



FONTE: <https://bit.ly.com/yEXqeImy>

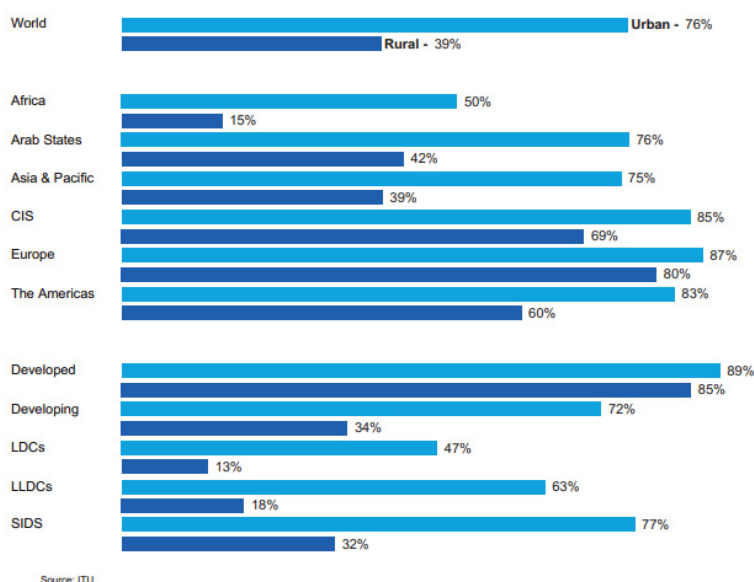
Em 2020, 62% dos usuários da internet ao redor do globo eram homens, em comparação com 57% de mulheres. Em todas as regiões, a divisão de gênero na internet vem diminuindo nos últimos anos. A paridade de gênero foi alcançada nos países desenvolvidos como um todo e nas Américas, quase alcançado (pontuação de paridade entre 0,95 mulheres e 0,98 homens) na Comunidade dos Estados Independentes (*CIS*, no gráfico), nos pequenos estados insulares em desenvolvimento (*SIDS*, no gráfico) e na Europa (ITU, 2021).

A diferença é significativa nos países menos desenvolvidos (*LCDCs*), onde apenas 19% das mulheres estão usando a internet (12 pontos percentuais abaixo dos homens), os países em desenvolvimento sem litoral (*LLDCs*, no gráfico), possuem 27% das mulheres

contra 38% dos homens), a África, 24% mulheres contra 35% dos homens, e os países árabes, 56% das mulheres *versus* 68% dos homens (ITU, 2021).

GRÁFICO 4 – USO INDIVIDUAL DE INTERNET: USO URBANO X RURAL

Percentage of individuals using the Internet by location, 2020



FONTE: <https://bitly.com/yEXqeImy>

As pessoas em áreas urbanas utilizam a internet muito mais do que aquelas em áreas rurais. Na África, a diferença é maior, metade dos moradores urbanos está on-line, em comparação com apenas 15% da população rural. E, nos países menos desenvolvidos (*LCDCs*), os moradores urbanos são quase quatro vezes mais propensos a usar a internet do que as pessoas que vivem em áreas rurais (47% contra 13%). Nas economias desenvolvidas, a taxa de conectividade nas áreas urbanas (89%) é apenas quatro pontos percentuais maior do que nas áreas rurais (ITU, 2021).

2.3 - INTERNET NO BRASIL

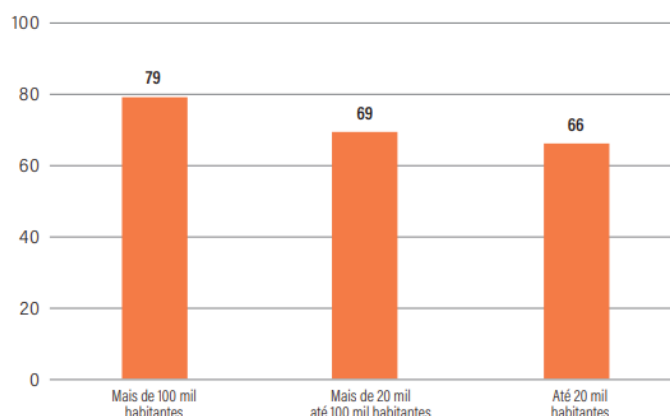
No Brasil, o acesso dos usuários de pequenos municípios e da área rural é menor que nos grandes centros urbanos. Apesar do avanço da infraestrutura e do barateamento das TICs, os municípios de até 20 mil habitantes têm número muito menor de usuários conectados à

rede do que o verificado entre aqueles que vivem em centros urbanos com mais de 100 mil habitantes (FRONTEIRAS DA INCLUSÃO DIGITAL, 2022).

Nos municípios com mais de 20 mil habitantes, 66% da população possuem acesso à internet, enquanto, nos grandes centros urbanos, a taxa alcança o patamar de 79%. Apesar das dificuldades técnicas para a conexão com a internet, uma das principais dificuldades encontradas para a falta de acesso por indivíduos que vivem em municípios com até 20 mil habitantes refere-se à falta de conhecimento sobre TICs e os seus usos. Assim, 72% dos entrevistados da pesquisa feita pelo CETIC, em 2021, relataram a falta de habilidade com o computador; 63% apontam que não têm interesse na tecnologia; a falta de necessidade aparece para 56% da população; as preocupações com segurança ou privacidade, para 46%; o valor do serviço, para 43%, e para evitar contato com conteúdo perigoso, para 43% (FRONTEIRAS DA INCLUSÃO DIGITAL, 2022).

GRÁFICO 5 – USO DE INTERNET POR PORTE DE MUNICÍPIO, 2019

USUÁRIOS DE INTERNET, POR PORTE DO MUNICÍPIO (2019)
Total da população (%)



FONTE: Estudo de fronteiras de inclusão 2022 com base em CGI.br

Nos domicílios dos municípios analisados pela pesquisa Estudo de Fronteiras de Inclusão (2022), dos 63% com acesso à internet, 36% acessam à rede por meio de conexão via cabo ou fibra óptica; 10%, por conexão via satélite, e 9%, por rádio. A pesquisa mostra ainda que 23% destes domicílios acessam à internet por meio de conexão móvel via *modem* ou *chip* 3G ou 4G. Além disso, nos municípios com até 20 mil habitantes, 88% dos usuários acessam à internet pelo telefone celular por meio de wi-fi e 69% usam 3G ou 4G (FRONTEIRAS DA INCLUSÃO DIGITAL, 2022). Essa informação é relevante porque grande parte dos

migrantes venezuelanos estão estacionados nos maiores municípios, logo, tem mais acesso à internet de alta velocidade o que facilita a produção de conteúdo.

A análise por estrato social no Brasil revelou que, entre os mais ricos (A e B), 96,5% das casas têm sinal de internet, ao passo que, nos estratos inferiores (D e E), o índice cai para 59%. Além disso, entre a população cuja renda familiar é inferior a um salário-mínimo, 78% das pessoas com acesso à internet usam exclusivamente o celular. Mediante os dados apontados, pode-se dizer que a pandemia tem deixado claro a desproporcional desigualdade de oportunidades que há entre as camadas sociais no Brasil (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

O rendimento médio *per capita* dos domicílios com utilização da internet (R \$1.527) era o dobro da renda dos que não utilizavam a rede (R \$728). O rendimento médio *per capita* dos que utilizavam *tablet* para navegar na internet (R\$ 3.223) era mais que o dobro do recebido por aqueles que acessam à rede pelo celular (R\$ 1.526) (TIC DOMICÍLIOS, 2021), conforme a imagem que segue:

QUADRO 1 – DOMICÍLIOS COM UTILIZAÇÃO DA INTERNET

Percentual (%)		Sim	Não
TOTAL		82	18
ÁREA	Urbana	83	17
	Rural	71	29
REGIÃO	Sudeste	84	16
	Nordeste	77	22
	Sul	83	17
	Norte	79	20
	Centro-Oeste	83	17
RENDFA FAMILIAR	Até 1 SM	69	31
	Mais de 1 SM até 2 SM	81	19
	Mais de 2 SM até 3 SM	91	9
	Mais de 3 SM até 5 SM	95	5
	Mais de 5 SM até 10 SM	98	2
	Mais de 10 SM	99	1
	Não tem renda	58	42
	Não sabe	83	17
	Não respondeu	82	18
CLASSE SOCIAL	A	100	0
	B	98	2
	C	89	11
	DE	61	39

FONTE: CGI.br/NIC.br (TIC DOMICÍLIOS, 2021)

A figura a seguir demonstra os principais TICs utilizados no Brasil segundo a área, a região, a renda familiar e a classe social:

QUADRO 2 – OS PRINCIPAIS TICS UTILIZADOS NO BRASIL

Percentual (%)		Televisão	Telefone celular	Notebook	Tablet	Aparelho de videogame
TOTAL		95	95	28	12	14
ÁREA	Urbana	96	95	30	13	15
	Rural	91	91	14	6	7
REGIÃO	Sudeste	97	96	32	15	19
	Nordeste	93	92	18	7	6
	Sul	96	96	36	14	18
	Norte	91	94	21	9	9
	Centro-Oeste	94	95	31	12	13
RENDFA FAMILIAR	Até 1 SM	91	89	9	6	7
	Mais de 1 SM até 2 SM	95	95	21	9	11
	Mais de 2 SM até 3 SM	98	99	37	14	18
	Mais de 3 SM até 5 SM	99	100	50	17	22
	Mais de 5 SM até 10 SM	99	100	70	25	34
	Mais de 10 SM	100	100	85	49	48
	Não tem renda	91	84	9	5	6
	Não sabe	95	95	23	8	10
CLASSE SOCIAL	Não respondeu	93	94	34	10	14
	A	100	100	98	62	63
	B	99	100	72	26	32
	C	97	98	25	11	14
	D	90	87	5	3	3
	E					

FONTE: CGI.br/NIC.br (TIC DOMICÍLIOS, 2021)

Assim sendo, mesmo com o avanço no número de usuários de internet nos últimos anos, 47 milhões de brasileiros permanecem desconectados, sendo que 45 milhões (95%) estão na classe C e D/E. O acesso limitado ao celular e à internet dificultou a população para que esta realizasse, por exemplo, o cadastro do auxílio emergencial. Segundo uma pesquisa realizada pela FGV, baseada nos estudos do TIC/covid-19, 20% dos entrevistados das classes mais pobres não tinham o celular para pedir o benefício; outros 22%, embora tivessem o aparelho, não tinham acesso à internet. Além disso, na classe A, apenas 11% dizem fazer uso da rede exclusivamente no celular. Nas classes D e E, este percentual saltou para 85% (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

Quanto ao uso da tecnologia da internet, os brasileiros gastam aproximadamente 91h semanais na rede. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios (2021), apenas 20% das horas gastas na internet são para o trabalho. Por 72h semanais, os usuários de internet estão se entretendo. A maior parte dessas horas livres, mais de 13h semanais, é utilizada assistindo aos programas de TV (tanto sinal aberto, quanto à televisão a cabo), aos filmes e às séries em

streamings (Netflix, HBO+, Amazon Prime), seguido de acompanhar vídeos pelo *Youtube*, com a média de 12h8. Em terceiro lugar, com 11h19 semanais, o usuário dedica-se ao entretenimento em redes sociais, como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, de acordo com o levantamento realizado pela organização de cibersegurança NORDVPN (TELE SÍNTESE, 2022).

QUADRO 3 – APLICATIVOS MAIS UTILIZADOS

	Aplicativo	% de smartphones com o app na homescreen	Variação em 12 meses
1	WhatsApp	55%	
2	Instagram	46%	
3	Facebook	36%	
4	Telegram	13%	
5	Nubank	12%	
6	YouTube	12%	
7	Uber	11%	
8	Google Chrome	9%	
9	Caixa	9%	
10	Banco do Brasil	9%	

 Alta |
  Baixa |
  Estável

FONTE: PANORAMA MOBILE, 2022

Segundo os dados da pesquisa “o Uso de Apps no Brasil” (PANORAMA MOBILE, 2022), o aplicativo Instagram é encontrado na tela inicial de 46% dos aparelhos de celulares no país. Com isso, a rede social se consolida como o segundo aplicativo mais popular do Brasil, seguido pelo Facebook, tendo o WhatsApp na liderança (todos da empresa Meta). O público feminino e jovem é o principal usuário da ferramenta, sendo que 49% destas mantêm o aplicativo na tela inicial de seus smartphones, contra 42% dos homens. No grupo de 16 a 29 anos, 60% têm o Instagram na tela inicial, bem acima dos percentuais verificados nos grupos de 30 a 49 anos (44%). Para os usuários com 50 anos ou mais, a pesquisa apresentou o percentual de 31%. Ainda que o engajamento do aplicativo Instagram tenha aumentado entre os usuários em um ano (subiu de 25% para 30%), o WhatsApp é a ferramenta mais acessada durante o dia a dia.

E com a pandemia de covid-19 os canais de comunicação se limitaram aos meios virtuais em praticamente todos os aspectos da vida do brasileiro. A produção e o consumo de produtos culturais entraram em crise, precisando se adaptarem, o que acarretou o fenômeno das “performances ao vivo” (*lives*) de cantores, bandas, grupos ou indivíduos para entretenimento, arrecadação de itens para doação solidária para comunidades carentes e hospitais ou para outros fins. As *lives* são realizadas em plataformas como o *Youtube*, o *Facebook*, a *TwitchTV*, por exemplo, e se tornaram modelos lucrativos de negócios não somente para os grandes artistas, com cachês milionários e patrocínios de grandes empresas e marcas. Pessoas de diferentes categorias profissionais perceberam nas plataformas on-line uma boa forma de atingir maior visibilidade com intuito de alcançar mais espectadores e possíveis clientes para aumentarem seu próprio capital econômico, cultural e social.

Entre as atividades realizadas pela internet, ouvir *podcasts* foi a que mais cresceu em relação ao período pré-pandemia. De acordo com a 17ª edição da TIC Domicílios, 28% dos usuários de internet disseram ter ouvido um *podcast* em 2021 (em 2019, eram 13%). Em 2021, 41 milhões de pessoas realizaram essa atividade, ou seja, cerca de 24 milhões a mais que em 2019.

Vídeos tutoriais sobre como cozinhar, consertos e manutenção residencial, preparo de cimento, elétrica, ajudas para saúde mental, relacionamentos amorosos, estudos para concursos públicos, vestibulares, dicas de vendas de produtos, aluguéis e compras de residências, solicitações e dúvidas sobre serviços públicos e outras tantas possibilidades passaram a ter importância central na existência de pessoas conectadas⁸. E não é preciso ter um grande conhecimento técnico para a transmissão de uma performance on-line ou gravar um vídeo tutorial. Na verdade, não é preciso nem mesmo um conhecimento técnico intermediário sobre internet e conectividade, basta um aparelho que tenha câmera, microfone e conexão à internet para a atividade. E caso tenha o equipamento, mas não o conhecimento técnico, não tem problema, cinco minutos de pesquisa e a pessoa achará uma infinidade de tutoriais explicando passo a passo como executar a tarefa.

Com a tecnologia que possibilita acessar à internet via televisão, associada ao consumo de entretenimento, os canais perderam o espaço que parecia incontestável. Quem

⁸ Como exemplo do explanado acima, tem-se os vídeos disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JS9EXmSXcW4> (culinária);

<https://www.Youtube.com/watch?v=QszgY2CljOA> (preços dos aluguéis em Curitiba);

<https://www.Youtube.com/watch?v=kuA2I7tXtE4> (saúde mental);

<https://www.Youtube.com/watch?v=-gpaSKebzwc> (dica de emprego). Acesso feito em: 25 de julho de 2022.

poderia imaginar, cinco anos atrás, a Rede Globo demitindo atrizes com mais de décadas de casa? Enquanto serviços de vídeos (*Youtube*, *TwitchTV*) e de *streaming* (Netflix, Amazon Prime e Globoplay) tiveram um aumento em torno de 20%, desde o início da quarentena, de seus usuários, a televisão por assinatura no Brasil perdeu cerca de 2,5 milhões de assinantes. A proporção de acesso à internet pela televisão apareceu pela primeira vez na série histórica da pesquisa acima da proporção de acesso pelo computador, alcançando 44% dos usuários brasileiros (ABRATEL, 2021; TIC DOMICÍLIOS, 2021).

Mais usuários de internet passaram a assistir a vídeos, a ouvir música e a ler notícias on-line. O pagamento por serviços de *streaming* de filmes e séries aumentou mais nas classes mais baixas; os serviços de música, classes mais altas. As transmissões on-line de áudio e vídeo em tempo real ganharam projeção, mas seguem predominantes entre usuários de classes mais altas e com maior grau de instrução. A compra de ingressos para eventos pela internet diminuiu drasticamente (TIC DOMICÍLIOS, 2021). Cresceram o uso combinado de dispositivos (celular + computador) e o acesso à internet pela televisão. Aumentou também a realização de serviços públicos e transações financeiras (especialmente nas classes C e DE). Além disso, mais usuários realizam atividades de trabalho pela internet, sobretudo nas classes A e B (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

Durante a pandemia da covid-19, a busca por informações ou a realização de serviços públicos pela internet teve um grande aumento, assim como a proporção de usuários de internet que realizaram serviços públicos totalmente on-line. As classes D, E e os usuários com 60 anos ou mais acessaram serviços públicos de forma remota em menor proporção. Parte dos usuários citou dificuldades com as tecnologias como o motivo para solicitar e não receber o auxílio emergencial, além de não conseguir usar o aplicativo da Caixa e das limitações da internet (especialmente nas classes D e E), por exemplo (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

Um quinto dos usuários de internet no Brasil utilizou os serviços de consultas de saúde on-line ou de agendamentos e visualização de resultados de exames pela internet. A preocupação com a segurança dos seus dados pessoais está entre os principais motivos para os usuários não terem utilizado esses serviços; um quarto dos usuários utilizou aplicativos de triagem virtual para identificar os sintomas da covid-19. Entre eles, a maioria usou o aplicativo do Sistema Único de Saúde (SUS) (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

O comércio eletrônico cresceu em todas as regiões e classes, sobretudo entre as mulheres. Em 2021, 46% dos usuários fizeram compras na internet, contra 39% em 2019. Em números absolutos, significa dizer que 68 milhões de pessoas realizaram essa atividade em 2021, quase 16 milhões a mais do que antes do início da pandemia. Os usuários de internet que vivem nas regiões rurais também passaram a realizar compras on-line em maiores proporções. A compra de comida ou produtos alimentícios foi a atividade de comércio eletrônico que mais se ampliou, além do uso de aplicativos de mensagens instantâneas como o principal meio de compra no ambiente on-line (em porcentagem, tem-se o crescimento de 19%, em 2019, para 27%, em 2021) (TIC DOMICÍLIOS, 2021).

2.4 REDES SOCIAIS E A SOCIEDADE EM REDES

2.4.1 - A sociologia nas redes sociais

O conceito de rede social surgiu nas Ciências Sociais na primeira metade do século XX, porém, inicialmente, o termo era utilizado de uma forma que não estabelecia relações ou descrições específicas sobre as redes e os indivíduos que as utilizavam. A partir dos anos de 1950, o conceito de redes sociais se desenvolveu em torno de duas abordagens; uma, na Antropologia Social, com os pesquisadores britânicos após a Segunda Guerra Mundial, e outra, de origem estadunidense, que se preocupou fundamentalmente com uma análise quantitativa mediante uma abordagem estruturalista (PORTUGAL, 2007).

O conceito de rede social entre os antropólogos britânicos surge como uma insatisfação com o modelo estrutural-funcionalista clássico, desviando do conceito de sistemas culturais para os sistemas de redes de relações sociais, desenvolvendo um conceito de rede social de uma forma sistemática (PORTUGAL, 2007, apud WELLMAN, 1991; WASSERMAN E FAUST, 1999; MERCKLÉ, 2004). Já para os estadunidenses aparece como sistemas sociais estimulando o desenvolvimento de métodos quantitativos para descrever os modelos de relações sociais.

Na Sociologia, o conceito de rede social é definido como um conjunto de participantes unidos por ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados, um conjunto de elementos e relações que, entre si, mantêm atividades de intercâmbio e troca, uma articulação entre diversas unidades que, por meio de certas conexões, intercambiam elementos entre si,

fortalecendo-se reciprocamente, multiplicando-se em novas unidades (MELO, MELO e VILAR, 2018).

Partindo da percepção da Sociologia, rede pode ser conceituada “como um conjunto de pessoas com quem o ato de manter relações de pessoa a pessoa, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade” (MELO, MELO e VILAR, 2018, p. 24 - 25). Ou seja, uma forma de relação social utilizada pelas sociedades para compartilhar informações e conhecimentos por meio de relacionamentos (de estudo, trabalho, amizade, lazer) entre os atores (pessoas, grupos, organizações, comunidades) que as constituem (MELO, MELO e VILAR, 2018).

Por isso, as redes podem ser compreendidas como um sistema de trocas de informações entre indivíduos ou grupos, envolvendo ações de acordo/desacordo ou de conflitos/alianças, processos capazes de gerar acolhimento e solidariedade entre os integrantes da rede, pois a troca de informações e a aproximação entre os diferentes indivíduos culminam com efeitos positivos, como aumento da confiança pessoal e a capacidade de enfrentar problemas (MELO, MELO e VILAR, 2018).

O que parece a maior contribuição da teoria das redes sociais para o entendimento da sociedade é a sua capacidade de articular os níveis macro e microestrutural na busca de compreender o comportamento dos indivíduos por meio das redes em que os sujeitos estão inseridos e explicar, a partir das interações entre indivíduos e/ou grupos, a estruturação e as dinâmicas das redes e de seus componentes (PORTUGAL, 2007).

São quatro princípios fundamentais na teoria das redes sociais, a saber: 1) os atores e as suas ações são vistos como interdependentes, e não como unidades independentes e autônomas; 2) os laços relacionais entre atores são canais pelos quais circulam fluxos de recursos (materiais e imateriais); 3) os modelos de redes centrados nos indivíduos concebem as estruturas de relações como meios que contribuem para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica, configurando oportunidades ou restringendo a ação individual, e 4) os modelos de redes conceptualizam a estrutura (social, econômica, política, etc.) como padrões constantes de relações entre atores (PORTUGAL, 2007, apud WASSERMAN E FAUST, 1999, p. 4)

Sendo assim, a teoria das redes sociais é sociológica, de caráter macroestrutural, mas que deve ser construída sobre fundações micro. O nível individual e interpessoal constitui a base capaz de explicar as atividades e as estruturas de níveis mais elevados. A teoria das redes

busca responder às duas questões: explicar o comportamento dos indivíduos por meio das redes em que se inserem e a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e as suas motivações (PORTUGAL, 2007).

2.4.2 - A sociedade em redes

Para Castells (1999), as configurações atuais da sociedade, fundamentadas em tecnologias de informação rápidas e/ou instantâneas, servem como instrumentos do capitalismo tardio e global, além disso, são baseadas num discurso de inovação e reconfiguração social. As redes configuram a lógica da sociedade informacional, ou seja, da organização social contemporânea, que se caracteriza pela geração, processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e poder, o que causaria uma transformação de nossa cultura material pelo mecanismo de um novo paradigma tecnológico, organizando-se em torno das tecnologias da informação e comunicação (TICs) (CASTELLS, 1999).

Estas novas tecnologias estabeleceram novos paradigmas comportamentais e uma série de mudanças sociais, culturais e políticas observadas na sociedade contemporânea como consequência do amplo acesso ao fluxo de transmissão de conhecimentos e informações que trafegam no espaço cibernético de praticamente em tempo real para qualquer lugar do mundo.

Uma característica central da sociedade em rede é a transformação da comunicação, incluindo os meios e o mecanismo que media as interações sociais entre os indivíduos e a tecnologia. Os sistemas de comunicação midiáticos criam os relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto como receptores coletivos de informação, mesmo quando a informação final é processada por cada indivíduo de acordo com as suas próprias características pessoais (CASTELLS, 1999).

Com a difusão da sociedade em rede e o desenvolvimento – e barateamento – de novas tecnologias de comunicação, há um grande aumento da formação de redes horizontais de comunicação independentes das mídias tradicionais dos governos, permitindo o surgimento de uma forma de comunicação autogerida pelos próprios usuários que têm acesso à tecnologia. É uma comunicação de massa porque é difundida em toda a internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta. A comunicação entre computadores criou um sistema de redes de comunicação global e horizontal que permite que as pessoas se comuniquem umas com as

outras sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante (CASTELLS, 1999).

Assim, por meio das TICs, os indivíduos debatem e trocam opiniões sem precisarem de outros veículos de massa (TV, rádio, jornais) ao viabilizar o amplo acesso a informações e interação entre os participantes da rede. As tecnologias de comunicação e informação, na sociedade em rede, não substituem umas às outras, pelo contrário, criam ligações entre si. A televisão comunica-se com a internet, com os SMS ou com os telefones. Como também a internet oferece conectividade com todos os meios de comunicação de massa, telefones, e milhares de endereços e páginas pessoais e institucionais na *web*. Esta rede de tecnologia não é um produto de uma mera convergência tecnológica, mas, sim, de uma forma de organização social criada por quem faz uso delas.

As mídias penetram todas as instâncias da vida social, estão no foco das discussões sobre globalização, mundialização da cultura e aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento. A tese da centralidade crescente (e quase determinação) das mídias na vida social pode se apresentar, inclusive, pouco permeável a perspectivas interacionistas, como aquela relacionada aos estudos de recepção, que apontam, como também uma das características das sociedades contemporâneas, justamente distintos posicionamentos, interpretações e temporalidades que demarcam as apropriações e usos das mídias (COGO e BRIGNOL, 2011, p. 76).

As redes desenvolvem novas formas de organização social na atualidade, gerando processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e poder. Esta nova constituição condiciona dimensões diversas na economia, nos processos de conhecimento, na organização do poder, nas formas de comunicação e na tecnologia. A sociedade em rede é transversal a partir da análise de aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais, ao mesmo tempo em que reconhece que a lógica de rede, embora assuma uma dimensão global, não substitui outras estruturas sociais mais centralizadas e hierárquicas. A dinâmica não seria de substituição imediata, mas de convivência e adaptação, como o que percebemos no modo de organização das mídias em uma combinação entre o que é possível identificar como mídias de massa e mídias em rede (CASTELSS, 1999).

Partimos, portanto, do entendimento das redes como estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica leve a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações.

Entendemos, ainda, que as redes sociais configuram interações entre sujeitos, podendo apresentar-se como redes informais, formadas por demandas subjetivas; organizadas, a partir da atuação de grupos com poder de liderança; ou podem ser híbridas entre as duas configurações; além de se caracterizarem pela organização através da mediação das tecnologias da informação e da comunicação, ao mesmo tempo em que são dinamizadas por espécies de “teias invisíveis”, formadas por sujeitos que não têm acesso às tecnologias (COGO e BRIGNOL, 2011, p. 82).

Concluindo, entende-se a sociedade em rede como uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de informação e comunicação. Ela pode ser definida como uma formação social com uma infraestrutura de redes sociais e de mídia, permitindo seu principal modo de organização em todos os níveis: individual, comunitário, organizacional e social. Além disso, se configura como rede de agenciamento coletivo, na qual os papéis de emissor e receptor são transformados e os indivíduos são autônomos e produtores de seus próprios conteúdos. A instrumentalização via internet e redes dá novos rumos aos sentidos das relações interpessoais, permitindo o fortalecimento da sociabilidade em rede e a formação de comunidades (CASTELSS, 1999).

2.4.3 As redes sociais virtuais

FIGURA 3 – PÁGINA DO *CLASSMATES* EM 1995



FONTE: <https://www.classmates.com/>

A imagem acima se refere à primeira rede social virtual da forma como hoje entendemos (perfil, foto, mensagens), em 1995, com o nome de *Classmates.com*, sendo uma rede que unia colegas e amigos que estudaram juntos nos anos escolares e/ou universitários. A plataforma continua ativa com conteúdo atualizado e permite a conexão com redes sociais virtuais de maior alcance, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, contando com 250 mil

usuários nos Estados Unidos e no Canadá. No entanto, o primeiro programa de troca de informações entre os usuários conectados foi criado pela BBS (*Bulletin Board System*) em 1973, proporcionando a distribuição de *softwares*, aplicativos, informações e lazer, como os jogos on-line. Muitos computadores domésticos, na década de 80 (Apple II, Commodore, Atari 800, TRS-80, por exemplo), eram compatíveis com as redes da BBS.

Esta rede operava com redes independentes, estabelecidas por instituições que conectavam indivíduos, empresas, universidades, por exemplo. Para usar o BBS, o usuário precisava conectar seu computador à linha telefônica, da mesma forma que a internet discada. Em 1997, a America On-line (AOL) lançou uma ferramenta que possibilitava a troca instantânea de mensagem entre seus usuários e o gênero de *blog*⁹ começou a ganhar popularidade.

Em 2002, foi lançada a plataforma chamada Friendster, que foi a primeira plataforma a receber o título de “rede social online”. Por se tratar de uma plataforma inovadora, em apenas três meses atingiu o número de três milhões de usuários. No ano de 2003, a plataforma MySpace foi lançada, que além de possibilitar a troca de mensagens entre usuários era uma rede para divulgação de produtores de música eletrônica. No mesmo ano, a rede LinkedIn, que tem ênfase na construção e manutenção de laços sociais profissionais, iniciou suas atividades (permanece ativa). No ano de 2004 foram criadas as plataformas *Digg*, *Facebook*, *Flickr*, *Orkut*, marcando a popularização das redes sociais virtuais. Em 2005 YouTube fez sua estreia.

2.2.4.1 Youtube

A plataforma foi criada por Chad Hurley e Steve Chen em 2005. Eles eram dois funcionários da empresa *PayPal*, situada nos Estados Unidos. Em 2006, o *Google* comprou a plataforma por 1,65 bilhão de dólares, unificando os serviços do seu próprio site de compartilhamento de vídeos, o *Google Video*, ao *Youtube*. A equipe original foi mantida e o site opera até hoje quase de forma independente. A consolidação da plataforma começa no ano de 2008, quando é lançado o programa de parcerias, *Content ID*, para pagamento de direitos autorais e anúncios dentro dos vídeos.

⁹ Um blog é um site ou parte de um site que contém conteúdo frequentemente atualizado sobre um ou múltiplos tópicos. O termo é uma contração para “web log”, que, por sua vez, significa registrar informações em um site. O conteúdo num blog vem na forma de artigos em páginas individuais, chamados de postagens.

Em outubro de 2009, o *Youtube* ultrapassou um bilhão de vídeos visualizados por dia. No ano seguinte, o sítio ganha o sistema de “likes” e “dislikes” e a possibilidade de alugar filmes completos. O *Youtube Live* surgiu em 2011. Atualmente, a plataforma é a segunda rede social mais popular do mundo em usuários ativos, tendo 2,1 bilhões de usuários ativos mensais em todo o mundo. Em fevereiro de 2021, mais de 500 horas de vídeo foram enviadas a cada minuto.

Com uma estimativa de 225 milhões de usuários do *Youtube*, a Índia tem mais usuários na plataforma do que qualquer outro país. Os Estados Unidos estão em segundo lugar, com 197 milhões de usuários. E o Brasil, com a terceira posição, com 83 milhões de usuários, porém, tem a maior média de visualizações por pessoa. A base de usuários do *Youtube* é 56% masculina e as mulheres são 44% de seus usuários. Em termos de usuários ativos diários, a plataforma recebe aproximadamente 122 milhões de usuários por dia.

2.2.4.2 *Youtubers*

Youtuber é um usuário que apresenta e compartilha seus vídeos na rede social *Youtube*. O primeiro *youtuber* foi Jawed Karim, co-criador do site, que publicou, em 2005, um vídeo de 19 segundos com o título: “Eu no zoológico” (*Me at the Zoo*), no qual caminhava observando animais. Naquele período, ser *youtuber* significava somente ter uma conta no site e fazer *uploads* de vídeos simples.

A fama e os negócios envolvendo o *Youtube* deixaram de ser vistos como algo não tão sério quando *youtubers* começaram a lucrar muito dinheiro não somente na rede social virtual, como também no mundo concreto com influência social, dinheiro e engajamento de espectadores; alguns deles se tornaram escritores, tendo os seus livros sendo campeões de vendas nas livrarias brasileiras e por todo mundo¹⁰.

Algumas personalidades do *Youtube* têm patrocinadores corporativos que pagam pela colocação de produtos em seus clipes ou produção de anúncios on-line. Dessa forma, os *youtubers* são utilizados para fazer a divulgação de seus patrocinadores para os seus milhões de assinantes. Estas ações podem ocorrer de diversas formas, por exemplo, com a presença dos produtos dos patrocinadores no cenário em que o *youtuber* apresenta seus vídeos, ele pode

¹⁰ Disponível em:

<https://emails.estadao.com.br/galerias/comportamento,veja-Youtubers-que-lancaram-livros,27892>

Acesso feito em 22 de julho de 2022.

vestir ou usar algum desses, mostrando também de forma direta. Outra forma de monetização do canal pode ser através dos “Anúncios do Google”, plataforma pela qual milhares de empresas pagam para colocar seus anúncios nos diversos vídeos, dinheiro que os donos dos canais recebem (dependendo da quantidade de visualizações dos vídeos). Esta publicidade pode variar dependendo do conteúdo da página ou da área geográfica em que o vídeo está localizado.

2.2.4.3 O Youtuber é remunerado?

A maneira mais utilizada para rentabilizar a produção é por meio de anúncios veiculados automaticamente pela plataforma nos vídeos, *banners* ou janelas sobrepostas no *Youtube*. Para tal, é necessário que o usuário da rede social se associe ao *Google AdSense*¹¹. Depois, o *youtuber* deve alcançar o número de mil seguidores no ano anterior ao pedido de monetização e um total de 4 mil horas de exibição dos vídeos.

Existem três formas de remuneração vinculada ao *Google AdSense*: Custo por Clique (CPC), que permite que o *youtuber* ganhe 68% do valor pago pelo anunciante ao Google, Receita por Mil Visualizações (RPM), a cada mil exibições do anúncio, o *youtuber* recebe uma quantia, e o Custo por Mil Visualizações (CPM), quando ganha a cada mil impressões do anúncio antes da participação no faturamento do *Youtube*.

Estima-se que o criador de conteúdo digital recebe um valor aproximado de US\$2 para cada mil visualizações de cada vídeo. O pagamento do *Youtube* é feito pelo *Google AdSense*. É preciso acumular pelo menos USD 100 (dólares americanos) para que a quantia seja transferida. No entanto, é uma estimativa, já que o valor real é definido pelo algoritmo da plataforma a partir de algumas variáveis, como relevância do canal e tema, por exemplo, que não é claro para os usuários.

Outra forma de receita recorrente oferecida pelo *Youtube* são os Clubes de Canais. Neste formato, o produtor de conteúdo oferece benefícios exclusivos para os espectadores que se tornarem membros do seu clube de assinaturas por um valor mensal. Para tal modelo, é preciso atender aos seguintes requisitos: o canal tem que ter pelo menos 30,000 inscritos, a

¹¹ *AdSense* é o serviço de publicidade oferecido pelo *Google Inc.* Os donos de *websites* podem inscrever-se no programa para exibir anúncios em texto, imagem e, mais recentemente, em vídeo. A exibição dos anúncios é administrada pela *Google* e gera lucro baseado na quantidade de cliques ou de visualizações.

monetização do canal deve estar ativada e o criador deve cumprir os Termos e Políticas do *Youtube*. A plataforma fica com 30% dos rendimentos obtidos pelo criador nesse formato.

O *Super Chat* também é uma maneira de remuneração disponível nas *lives* no *Youtube* e exclusivo para canais que geram receita. Durante esses eventos, os espectadores podem pagar entre R\$ 1,00 a R\$ 500,00 para terem seu comentário destacado no chat; quanto maior o valor, mais tempo de destaque. Da mesma forma que ocorre no Clube dos Canais, do valor pago pelos espectadores, 70% fica com o criador de conteúdo, e 30%, com a plataforma.

Por fim, existe o produto *Youtube Premium*, uma versão paga da plataforma que pode ser outra maneira para gerar receita para os canais de conteúdo. Tal modelo de monetização independe de publicidade e o produtor recebe um percentual das taxas de assinatura, o valor é proporcional à quantidade de assinantes que assistiram ao seu conteúdo. Assim, independentemente da quantidade de inscritos ou curtidas, o que importa é a frequência de vídeos subidos para receber alguma monetização (TORRES, 2022).

2.4.5 – ARS – Análise de Redes Sociais

A Análise de Redes Sociais (ARS) é uma tradição de pesquisa recente nas Ciências Sociais, entretanto, com a consolidação de um conjunto de conceitos operacionais próprios da análise relacional (“corrente migratória”, “polos de atração/expulsão” e “redes pessoais e familiares”) e o avanço dos métodos dos modelos estatísticos de redes, a ARS tem encontrado grande espaços nas pesquisas voltada às redes sociais (FAZITO, 2002). A ARS é uma das perspectivas de estudo de grupos sociais, uma abordagem que tem suas raízes na Sociometria e na Teoria dos Grafos, de viés matemático, para analisar as relações sociais. Por não ser exclusivamente um método, mas uma abordagem na visão dos grupos sociais, a opção pela ARS pressupõe a percepção do grupo social como uma rede e de sua análise através de determinadas premissas metodológicas.

A ARS utiliza basicamente duas abordagens de redes: “redes egocentradas” (*egocentric networks*) ou “redes totais” (*full networks*). As redes pessoais identificam o campo de relações sociais elaboradas em torno de um único ator, e o foco de análise se estende, no máximo, a um terceiro ator. Já a rede total é aquela na qual se apresentam diversos atores conectados uns aos outros, revelando a estrutura social completa de uma coletividade de atores (FAZITO, 2002).

O método se desenvolveu na década de 1930, a partir do estudo de antropólogos que começaram a estudar os conceitos de “comunidade”. Um dos principais fundamentos da ARS está na abordagem de Jacob Moreno e na invenção do sociograma, no início da década de 1930 (RECUERO 2017, apud WASSERMAN; FAUST, 1994), que é a representação da rede em que os atores sociais são apresentados como nós, e suas conexões, indicadas por linhas que unem esses nós. O principal interesse de Moreno era medir as relações dos grupos, compreendendo, a partir dessa medida, como os conjuntos de atores eram estruturados. Embora fundamentadas na Psicologia, as pesquisas de Moreno se amparam em importantes trabalhos de Tönnies, Weber, Simmel e outros pesquisadores alemães (RECUERO, 2017).

Se a Sociometria trouxe para a análise de redes o foco na estrutura social para que se compreendesse a dinâmica dos grupos, foi na Teoria dos Grafos que a análise de rede encontrou formas mais sistemáticas de medida e compreensão desta estrutura. Os grafos são representações das redes e, em sua teorização, estão as principais métricas utilizadas para a compreensão de sua estrutura e das posições de seus nós (RECUERO, 2017).

Atualmente, a ARS ampliou o foco do estudo de grupos pequenos para grupos em larga escala. Esta transformação está relacionada, primeiramente, à disponibilização de dados sociais, especialmente, pelas ferramentas digitais de comunicação. Em um segundo momento, também está relacionada ao uso de métodos computacionais, que permitiram a coleta e a análise desses dados sociais. Desse modo, pode fornecer conteúdos de interesse para a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Saúde Coletiva, por exemplo. Assim, a ARS é um espaço onde diferentes disciplinas e tradições intelectuais podem dialogar entre si, embora com interesses e objetos de estudo diversos (RECUERO, 2017).

Com uma abordagem mais ampla do conceito, em um afastamento de enfoque teórico-metodológico de análise de redes, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento propõem pensar sobre a ideia de “rede” como articuladora de uma reconfiguração no modo de pensar as organizações sociais, implicando um ponto de vista epistemológico que permita reconhecer as aproximações entre o local e o global, o particular e o universal, cada vez mais imbricados e responsáveis pela interconexão das identidades no cenário contemporâneo (BRIGNOL, 2010, p. 67).

A análise de redes é um instrumento de avaliação crítica das estruturas ou ambiente estrutural e sua relação com os atores, trabalhando com as preferências pessoais, padrões de comportamento, opiniões individuais, dentre outras possibilidades, e não por meio dos

indivíduos ou determinadas escolhas individuais. A ideia é explicar tais relações a partir de sua distribuição e localização em uma rede concreta.

A ARS foi desenvolvida inicialmente para análise de redes de sistemas de telecomunicações e computação ou circuitos eletromagnéticos, por exemplo, mas foi adaptada aos estudos e às análises das relações sociais comuns da sociedade humana (FAZITO, 2002, apud DEGENNE e FORSÉ, 1999, p. 7).

Na perspectiva da ARS, especifica-se um tipo de rede social, que tem como elementos fundamentais os fluxos populacionais trocados por regiões ou territórios que compõem um sistema social. No caso das redes sociais na migração, são diversas as dimensões das relações sociais que participam no processo social da migração que podem ser representadas enquanto um “circuito elétrico”, em que vários pontos (nós) em um sistema se conectam através de “correntes” ou “fluxos”; nesse caso, fluxo de pessoas, informações, bens de consumo, dentre outros. O objetivo dessa análise é identificar os padrões estruturais de distribuição e de localização dos fluxos (relações), além dos pontos (nós), possibilitando a comparação e a compreensão do processo migratório (FAZITO, 2002 e 2010).

Com isso, os conceitos fundamentais que constituem as ARS são três: o ator, que, na ARS, pode ser uma pessoa, um grupo específico de indivíduos reunidos, organizações, entre outros, podendo representar tanto um único trabalhador de um setor de uma indústria, como toda a organização em si; os atributos, que são as características individuais de um ator (formação, idade, gênero, etc) e a instituição que ele está vinculado, por exemplo, e o laço relacional, responsável por estabelecer a ligação entre pares de atores, como as relações formais e informais em uma empresa (BEZ, FARACO e ANGELONI, 2010).

O que a ARS procura é estabelecer um meio de identificar laços ou relações e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado e, desse modo, representar padrões estruturais de relações que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não-lineares (relações emergentes). Ademais, pode ser considerada como uma metodologia que se aplica ao estudo das relações entre entidades e objetos de qualquer natureza. Por isso, a ARS lida com dados relacionais que expressam relações (conexões ou laços) entre objetos (nós, indivíduos, grupos) diversos. Assim, o foco da análise é deslocado dos atributos individuais para as relações que estes estabelecem com outros coparticipantes em determinado contexto social. Logo, a ARS não se ocupa de indivíduos isolados, mas, sim, de suas conexões em um coletivo (FAZITO, 2002).

É importante frisar que as técnicas de ARS não se limitam somente ao uso de um *software*, já que, antes, se caracteriza por ser uma técnica de levantamento de dados que englobam os tipos de questões que se perguntam e a separação das camadas de informação que o mapeamento pode produzir.

A ARS possibilita os seguintes benefícios: promoção da integração da rede de pessoas participantes em atividades de negociações da empresa; identificação dos indivíduos que não compartilham seus conhecimentos, e avaliação do desempenho de um grupo de pessoas que trabalham de forma integrada, dentre outros (BEZ, FARACO e ANGELONI, 2010).

Sendo assim, a análise do processo migratório pode ser enriquecida por meio da compreensão de padrões relacionais que compõem um sistema social ao demonstrar como atuam nos indivíduos e grupos (como as famílias), nas pressões de determinadas estruturas sociais ou ainda no inverso, de como processos migratórios consolidados ao nível institucional (como as migrações laborais) podem estancar devido à não adequação de atores aos padrões de um sistema específico.

A aplicação da ARS se torna possível, no caso das migrações, mediante a consideração dos fluxos migratórios entre duas ou mais regiões como relações, sendo estas como pontos de interação, considerando os laços entre migrantes, não migrantes e instituições em certo contexto (FAZITO, 2002 e 2010).

2.5 - INTERNET NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

A internet, conforme as características apresentadas anteriormente, é um espaço virtual de interação que incentiva a criação de comunidades que podem diminuir a distância e o tempo de interações entre os indivíduos por meio das TICs e seus subprodutos, como *hardwares* (celulares, *tablets*, computadores) e *softwares* (*WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Skype*, dentre outros). Com os avanços tecnológicos e maior acesso à grande rede, um número grande de pessoas ao redor do mundo (4,6 bilhões de usuários em 2021¹², embora 2,9 bilhões de pessoas, mais de um terço dos habitantes do planeta, não tenham nenhum tipo de acesso,

¹² Disponível em:

<https://www.istoedinheiro.com.br/numero-de-usuarios-de-internet-no-mundo-chega-aos-466-bilhoes/>
Acesso em 22 de julho de 2022.

principalmente em países em desenvolvimento¹³) passaram a interagir entre si e a construir uma infinidade de comunidades no espaço virtual.

Para Brignol (2010), quando se trata de migrantes, a internet facilita a formação de comunidades on-line com vários fins, como, por exemplo, a formação de grupos para ajuda mútua, retirada de documentos, locais para aprender língua local, jogadores de um *game* qualquer, ou a relações afetivas em um local que não é limitado pela distância geográfica. As redes sociais migratórias podem ser compreendidas como um conjunto de relações interpessoais mediadas tecnologicamente, vinculando os migrantes a seus familiares, amigos e conhecidos do mesmo país de nascimento, implicando a constituição de novos vínculos no país de migração. A organização dos migrantes em redes é uma prática associada ao próprio fenômeno da migração, fazendo com que o conceito de rede social seja importante para o estudo das migrações (BRIGNOL, 2010; LEE, 2012).

Entre as consequências das interconexões através de usos das TICs nas migrações podemos citar, ainda, o surgimento de passagens aéreas de baixo custo que facilitam o deslocamento mais frequente entre país de nascimento e de migração, a possibilidade de reunião familiar (ainda que muitas vezes mediada), o movimento de idas e vindas em torno de trabalhos temporários, e o aparecimento de novos grupos de migrantes que baseiam seu projeto de migração na possibilidade de alta conectividade, como as mães migrantes desacompanhadas de seus filhos, por exemplo. Nesse sentido, quanto mais conhecermos sobre os fluxos de informação e comunicação dos migrantes, mais entenderemos das próprias dinâmicas migratórias (BRIGNOL, 2010, p. 76).

E aqueles migrantes que não têm capacidade financeira para adquirirem seus aparatos tecnológicos podem acessar a rede em lojas especializadas para o acesso, como as *lan houses*. Por outro lado, os telefones celulares e o aumento da cobertura da internet permitem que os migrantes permaneçam conectados, acessíveis em qualquer lugar e a qualquer hora. “A nostálgica ‘dupla ausência’, descrita por Abdelmalek Sayad (1991), foi gradativamente substituída pela ‘dupla presença do migrante conectado’, de Dana Diminescu (2005), o que nos leva a uma nova interpretação da condição de migrante” (SCOPSI, 2009, p. 83 – tradução livre do autor¹⁴).

¹³ Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/12/01/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-nao-tem-conexao-com-a-internet-segundo-a-onu.ghtml> Acesso em 22 de jul. de 2022.

¹⁴ À la « double absence » nostalgique décrite par Abdelmalek Sayad (1991), s’est peu à peu substituée la « double présence du migrant connecté » de Dana Diminescu (2005) qui nous conduit à une nouvelle lecture de l’état de migrant.

O telefone celular, assim como outras tecnologias, conectado à internet, é uma ferramenta pela qual o migrante organiza sua vida. É um recurso fundamental na inserção profissional no local de chegada, pois permite a formação – ou inserção – de uma rápida rede de informações e contatos para que o migrante encontre os primeiros trabalhos pontuais e/ou informais. Além disso, permite também o vínculo com o local de partida, podendo, inclusive, intervir remotamente no cotidiano da casa de origem, controlar finanças e nascimentos nas manadas. Nesse sentido, as tecnologias de comunicação são meios de participação do indivíduo em suas comunidades (SCOPSI, 2009).

O correio eletrônico tomou o lugar das cartas escritas dos migrantes. A videoconferência, por outro lado, levou mais tempo para ocupar o lugar de outros meios de comunicação, como a ligação direta via telefone. Foi necessário o barateamento das tecnologias para que esta forma de comunicação não ficasse restrita aos migrantes mais ricos. As práticas de informação dos migrantes não ficam mais restritas na esfera privada e específica de uma comunidade e de uma época, sendo observáveis no espaço público (SCOPSI, 2009).

Desde 2000, na França, uma infinidade de lojas de telefone e produtos tecnológicos, assistência técnica e *lan houses* foram criadas por migrantes nos locais em que vivem as populações multiétnicas. Com isso, as operadoras de telecomunicações e os agentes financeiros de microcrédito abriram suas franquias nesses locais, aproveitando a atratividade. A videoconferência, as mensagens diretas, dentre outras tecnologias, passam a fazer parte do cotidiano das pessoas em diáspora e a relação dos indivíduos e dos grupos aos quais pertencem são observáveis no espaço público por meio dos serviços voltados à comunidade (SCOPSI, 2009, apud SCOPSI, 2004 e 2008).

As mídias de migrantes ganharam uma nova dimensão na internet. Suas histórias da jornada de saída da cidade natal, desde o planejamento até execução, são registradas em celulares e compartilhadas nas redes sociais virtuais, utilizando a narrativa como forma de comunicação dos momentos vividos ou com o uso de edições de vídeos, com músicas e efeitos visuais adicionados para aumentar a atratividade da midiática, sendo possível, dessa maneira, ver as demandas, vitórias, derrotas e os desafios que muitas dessas pessoas passam até chegar no local de destino. Após gravadas, as mídias são subidas (*uploads*) em alguma rede social virtual e podem ser compartilhadas em várias plataformas diferentes que qualquer pessoa que tenha acesso à internet, de qualquer país, de qualquer língua, pode assistir e ver

por si só os bônus e os ônus que o narrador passou e ainda emitir livremente suas opiniões e sensações. Tal aproximação com o criador de conteúdo, mesmo que mediada por TICs, pode acarretar um sentimento de empatia dos telespectadores, que passam a ver os migrantes muito mais como “gente como eles” do que como invasores, vagabundos, e miseráveis, por exemplo. Ao menos no ambiente on-line, o migrante pode ser reconhecido como pessoa além das representações sociais que normalmente lhe cabem, mas isso não quer dizer que o ambiente on-line seja perfeito, pois o mundo virtual é uma representação do mundo concreto, real, então, o preconceito, o racismo, a xenofobia, a misoginia e a homofobia estão presentes e a possibilidade de anonimato faz com que este tipo de comportamento seja facilmente encontrado em diferentes mídias¹⁵.

Assim sendo, a internet permite que os migrantes produzam seus próprios discursos e narrativas que podem, inclusive, contrariar perspectivas hegemônicas da mídia tradicional e até mesmo de governos. A estrutura de rede da internet também possibilita aos migrantes em diáspora que se encontrem e formem comunidades descentralizadas e não hierárquicas no sentido de que as trocas de informações são desenvolvidas com base em interações e atividades horizontais. Apesar disso, os recursos da internet acabam sendo mais acessíveis para as elites financeiras e intelectuais em diáspora do que para os mais desvalidos, podendo ainda acarretar a formação de comunidades on-line, fechadas contendo, entre seus membros, apenas migrantes que promovem o uso apenas de sua língua nativa e, em alguns casos, do nacionalismo exacerbado (LEE, 2012).

Este fechamento em grupos étnicos com nacionalismo exacerbado, segundo Lee (2012, apud BAHK e JANDT, 2004), pode representar a dificuldade de certos imigrantes em aprender a língua da comunidade de chegada e de se identificarem com a cultura anfitriã, inferido uma ansiedade psicológica e a resistência em se socializar com os nativos e os costumes do local de chegada, limitando-se a buscar exclusivamente mídias criadas por migrantes. Com isso, as dificuldades de interações no mundo concreto podem gerar uma sensação ainda maior de marginalidade frente à sociedade de acolhimento e à necessidade de

¹⁵ Informações disponíveis em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/25/neonazistas-aproveitam-pandemia-para-intensificar-acoos-no-brasil.htm> e <https://new.safenet.org.br/content/crimes-na-web> Acesso em 22 de jul. de 2022.

confiar somente nas redes étnicas imigrantes no ciberespaço e em suas diversas atividades virtuais (LEE, 2012).

Porém, as limitações supracitadas não são capazes de ofuscar ou diminuir a importância da formação de comunidades on-line e do uso da internet como um instrumento para arrefecer as dificuldades de socialização na comunidade de chegada. Além disso, as comunidades on-line de migrantes vão se transformando à medida que as novas tecnologias multimídias ficam acessíveis para as pessoas, inclusive, tecnologias financeiras para remessas de dinheiro e conversão de moeda (LEE, 2012).

Em novembro de 2021, foi lançada, no Brasil, a quarta edição da *Cartilha de Informações Financeiras para Migrantes e Refugiados*, tendo como tema Planejamento, Poupança e Crédito Consciente. O objetivo do documento é contribuir para que os migrantes e os refugiados tenham acesso a informações atualizadas sobre produtos e serviços financeiros e bancários, além de facilitar a integração econômica e bancária dos migrantes. A nova versão da cartilha foi elaborada pelo Banco Central, em parceria com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM)¹⁶.

O guia traz informações sobre novos serviços, como o uso do Pix¹⁷, cobrança e agendamentos por meio da ferramenta financeira. Assim, a cartilha busca sanar as dúvidas de migrantes e refugiados sobre os principais produtos financeiros de seus interesses, como o processo de abertura de contas em instituições financeiras e de pagamentos, a forma de receber/remeter recursos do/para o exterior, a retirada e a gestão de cartão de crédito e o credenciamento para receber as máquinas de pagamentos e cobranças para seus negócios. Parte relevante dessa população acabou empreendendo no Brasil, inclusive em decorrência da própria dificuldade de encontrar emprego em suas profissões de origem. A cartilha está disponível em português, espanhol, inglês, francês e árabe¹⁸.

¹⁶ Disponível em:

<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/acolhida/noticias/lancada-a-4a-edicao-da-cartilha-de-informacoes-financeiras-para-migrantes-e-refugiados>

¹⁷ “Criado pelo Banco Central, o Pix é mais uma opção para efetuar o pagamento de contas e compras do dia a dia, fazer transferências e ainda receber pagamentos de forma instantânea. O valor entra na conta de destino em segundos, mesmo que a operação seja realizada entre bancos diferentes. Os serviços do Pix estão disponíveis a qualquer hora do dia ou da noite, incluindo finais de semana e feriados. Fazer um Pix é mais fácil e rápido que efetuar uma TED, DOC ou utilizar o cartão de débito, além de ser gratuito para pessoas físicas”. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/pix/Paginas/default.aspx> Acesso feito em 22 de julho de 2022.

¹⁸ Embora esteja amplamente divulgado nas mídias, o documento não é encontrado sem uma busca mais aprofundada. Em sites oficiais do Estado, da ONU e outras entidades que apontavam para a cartilha, não foi possível acessar, sendo necessário a pesquisa por palavras-chaves até encontrar o *link* correto. Disponível em:

Embora a cartilha não indique as instituições financeiras para converter as moedas entre as nações, com uma rápida busca em mecanismo de busca on-line (Bing, Google, Yahoo), é possível encontrar as instituições que façam esse tipo de operação. Porém, como na internet a possibilidade de sofrer golpes é grande, cabe ao migrante ou ao refugiado buscar informações sobre a instituição financeira antes de recorrer aos serviços da mesma.

A renda que os migrantes enviam as suas famílias no seu país de origem ajuda estes com gastos com educação, saúde, alimentação, dentre outros. Assim, apesar de algumas representações sociais negativas referente aos migrantes, estes têm um importante papel econômico na economia global, pois as remessas formais de dinheiro para países em desenvolvimento cresceram para US\$401 milhões em 2012. Em 2020, um total de US\$ 540 bilhões foram enviados para o país de origem por migrantes internacionais¹⁹. (CARTAXO, nd).

Com as novas TICs, juntamente com a expansão dos sistemas globais de telecomunicação, mídias, transporte e o agravamento de situações regionais ao redor do globo, a diáspora contemporânea ganha uma nova característica que não só acelera seus processos de formação, mas impulsiona seu crescimento e mantém o movimento ativo. E, com essa dinâmica atual, a internet assume um importante papel no processo migratório, se tornando cada vez mais o primeiro ponto de entrada para imigrantes, mesmo antes de sua chegada real, porque, antes de se colocar na jornada, a pessoa que tem o desejo, ou a necessidade de migrar, pode, ao alcance de poucos *clicks*, levantar o máximo de informações que lhe pareçam pertinentes sobre a sociedade de chegada, seus costumes, regras de conduta e o comportamento, dentre outras tantas possibilidades e isso explica o crescimento das redes virtuais (LEE, 2012).

2.6 - A webdiáspora

Embora o tema da webdiáspora já seja estudado na Comunicação Social desde o início dos anos 2000 (SCOPSI, 2009), ainda é um campo relativamente novo, necessitando ser desbravado pela Sociologia no Brasil. Em uma pesquisa de palavras-chaves no *Google*

https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cartilha_Migrantes_Refugiados/cartilha%20BC%20-%20Portugu%C3%AAs_vers%C3%A3o%204.0_final.pdf

¹⁹ Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1773932> Acesso feito em 22 de julho de 2022.

Acadêmico, ferramenta que pesquisa da empresa *Google* que indexa, em sua busca, apenas artigos acadêmicos, foram encontradas apenas 64 menções à webdiáspora em língua portuguesa e 107 utilizando o filtro “em qualquer língua”. Na pesquisa em português, a maioria dos tópicos revelados é principalmente da Comunicação Social e tem relação com as migrações internacionais; e um ínfimo resultado vindo da Sociologia. Já em outras línguas, os pesquisadores franceses e estadunidenses estão na vanguarda dos estudos sobre o tema.

A Sociologia no Brasil recentemente começou a dar atenção para os processos da internet relacionados às migrações internacionais. Também vale citar que não há pesquisas relacionadas à webdiáspora no contexto das migrações venezuelanas – e de outros grupos de migrantes, no Brasil.

Diáspora se refere a qualquer dispersão de uma população de sua terra original, assentamento ou vários territórios. Embora tenha sido originalmente associada ao exílio dos judeus, atualmente é o termo utilizado como uma metáfora para populações minoritárias de expatriados que migraram para novos países, como refugiados políticos, residentes estrangeiros, imigrantes, migrantes, e assim por diante.

One of the most effective ways to study digital diasporas is to utilize more detailed ethnographic approaches to examine how particular groups' conditions in a society intersect with the space of on-line communities and how, in turn, on-line communities provide a meaningful place in which their lives are reconstructed. We can learn, through this, what kinds of new possibilities are enabled by on-line communities, allowing for contemporary im/migrants to contribute to the formation of digital diasporas. By doing so, new media technologies can be understood in terms of tools for building specific visions beyond what is passively imposed on the public (LEE, 2012, p. 2 apud SRINIVASAN, 2006).

A diáspora on-line auxilia a lidar com a sensação de perda produzida pela migração, principalmente com o aumento do sentimento antimigração após o 11 de setembro de 2001 e a crise financeira imobiliária estadunidense de 2008, que acarretou a insegurança das pessoas em diáspora e intensificou a necessidade da sensação de segurança, mesmo que esta seja num ambiente virtual, assim como também é uma ferramenta que ajuda na socialização em um novo país (LEE, 2012 apud MITRA, 2006; SIDDIQUEE & KAGAN, 2006; TSAGAROUSIANOU, 2001).

No que se refere à webdiáspora, são sites, blogs e vlogs que têm o objetivo de orientar os migrantes, as pessoas com desejo ou necessidade de migrar, sobre assuntos de caráter orientativo, como dúvidas sobre documentação, exigências legais do processo de migração,

dicas para os migrantes que se encontram em situação irregular, permitindo a troca de experiências entre eles por meio da criação de ferramentas como grupos de discussão em aplicativos de mensagem instantânea ou microblogs, encontros familiares em dois ou um pequeno grupo, ou uma reunião com cem pessoas participantes ao mesmo tempo, via software de videoconferências (BRIGONOL, 2011).

Mesmo criada por um indivíduo, a gestão da webdiáspora é coletiva e com características próprias, pois toma uma nova forma a cada indivíduo que “entra” e participa postando algum conteúdo (textos, fotos, vídeos, comentários, compartilhamentos, curtidas etc.). Não visa o lucro, porque é financiada pelos próprios usuários ou por doações dos espectadores, mantendo a autonomia em relação a governos e a outros grupos de interesse (PAIVA, 2007; PERUZZO, 2006).

Com o aumento e a popularização da internet no fim dos anos 1990, a questão da diáspora teve como consequência a criação de literaturas cada vez mais voltadas para as relações das comunidades de imigrantes, principalmente entre seus pares por meio das TICs. É contemplada pelo conceito toda tecnologia que tenha as atividades referentes ao local de origem e de acolhida, com os seus sujeitos e narrativas em uma troca virtual via internet, desde que sejam concebidos e elaborados por migrantes. Assim, a webdiáspora representa um espaço de reordenamento das experiências e práticas subjetivas dos imigrantes transnacionais (ELHAJJI, 2016).

Sites produzidos pelas comunidades transnacionais a partir de um dos lugares de dispersão, organizados em torno de um ou mais elementos culturais compartilhados (língua, religião, etnia), destinado explicitamente a membros da comunidade espalhados pelo mundo pela migração e, eventualmente, à população que se manteve na terra natal, contribuindo para a consciência de uma ligação identitária, sua afirmação pública e sua implementação por ações de reivindicação, representação e desenvolvimento econômico e cultural em benefício de seus membros (SCOPSI, 2009, p. 92).

Assim,

O desejo e a necessidade de produção de narrativas próprias, que auxiliem na manutenção dos vínculos do migrante para com a comunidade de origem e de diáspora, encontram amparo em recursos midiáticos inovadores, agrupados sob a noção de ‘webdiáspora’ (ELHAJJI e MALERBA, 2020, p. 81).

A temática comunitária da webdiáspora pode ser tanto cultural e identitária, como social e política, voltada para as origens do grupo, concentrada na sua integração na sociedade de acolhimento ou assumidamente transnacional e multiterritorial. Além disso, pode tomar formas midiáticas definidas pela participação voluntária de migrantes individuais que se unem ao coletivo, fazendo uso do ambiente virtual como recurso socialização, formação e manutenção de vínculos e compartilhamento social.

As diásporas migratórias desempenham não apenas um papel de suporte das trocas e de facilitadoras das relações entre seus membros, como ocorre no contexto das redes migratórias, mas são capazes também de favorecer e mesmo ativar processos de elaboração identitária que conduzem à própria existência de uma diáspora. São experiências que podem suscitar, ainda, tomadas de consciência identitárias e desejos de sua própria redefinição como comunidades na dispersão (SCOPSI, 2009, p. 87).

Tais características da webdiáspora vão ao encontro de conceitos de comunicação comunitária clássicas, como as apresentadas por Peruzzo (2002) e Paiva (2003). Para Peruzzo (2002, apud ELHAJJI E MALERBA, 2016), os grupos sociais humanos precisam, para serem definidos enquanto comunidades, preencher alguns requisitos de ordem objetiva e subjetiva, como a existência, no seu âmbito, de uma cultura comum, o sentimento de pertencimento, os objetivos comuns, as identidade natural e espontânea entre os interesses dos seus membros, as relações e interações significativas, a participação ativa na vida da comunidade, uma língua comum, e um território comum, etc.

Para Paiva (2003), a comunidade é compreendida como um instrumento de transformação social e de autonomização dos grupos minoritários ou marginalizados. Ao mesmo tempo em que considera a comunidade na sua forma original e tradicional, incompatível com os regimes de consumismo e individualismo que predomina em nossa época, entende que é um meio de resgate da cidadania, já que a comunidade precisa, antes, se reinventar para se adequar ao quadro social e político atual notadamente através de sua ação comunicativa e indissociável da própria organização comunitária.

Comunidade e comunicação apontam para um mesmo fim. Comunicar, formar uma comunidade, é uma maneira de existir com os outros. É uma forma de trocar experiências, vivências, ajuda mútua e formação de vínculo. Uma comunidade é lugar de “sentidos, o lugar (físico / territorial ou simbólico / imaginário) onde é produzido, veiculado e compartilhado o

sentido comum ao corpo do grupo na sua totalidade reflexiva” (ELHAJJI e MALERBA, 2020, p. 86).

Já as comunidades on-line são definidas como interações de grupos dispersos de pessoas com interesses compartilhados (LEE, 2012, apud WILSON & PETERSON, 2002), agregações sociais que surgem por meio de redes usando TICs para conectar as pessoas ao redor do mundo (LEE, 2012, apud RHEINGOLD, 2000) ou comunidades que existem no ciberespaço na forma de quadros de avisos, grupos de conferência e outros sistemas de comunicação interativa, como MMoGs (*Massive Multiplayers On-line Games*) e weblogs (LEE, 2012, apud WILSON, 2006).

Assim, uma das principais atribuições da comunicação comunitária está em seu caráter discursivo, responsável pela manutenção da identidade do grupo ao qual pertence. No entanto, o discurso (identitário, político e social) que atravessa os meios de comunicação comunitários não é destinado exclusivamente às estruturas organizacionais do grupo, nem é recebido apenas por seus membros, uma vez que as instâncias sociais e políticas extracomunitárias são igualmente alvo da mídia comunitária. Não há dúvida, pois, que um dos principais objetivos da comunicação comunitária é permitir aos membros da comunidade se expressarem e participarem dos debates políticos que ocorrem dentro da esfera pública, no afã de fazer ouvir as suas vozes e valer seus pontos de vista. No caso específico das comunidades migrantes, o espaço migratório não pode ser reduzido à sua dimensão física tradicional. O espaço migratório se destaca, dessa maneira, pela multiplicidade dos modos de sua ‘produção’ social e simbólica e pela natureza intrinsecamente multiterritorial da sociabilidade e da subjetividade do migrante.

3. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

3.1 MIGRAÇÕES NO BRASIL

No Brasil a Lei de Refúgio, juntamente com a Lei de Migração, tem por objetivo garantir os direitos dos migrantes, visando uma igualdade (parcial, afinal migrante não vota nem pode ser votado) na forma como o Estado trata as pessoas nativas e vindas de fora. Nesse viés, o trabalho pode ser considerado um meio para alcançar a recuperação da dignidade da

pessoa humana que foi negada a esse indivíduo em situação de extrema vulnerabilidade, pois a dignidade da pessoa humana está intimamente ligada à possibilidade de o indivíduo conseguir prover os meios de subsistência (SILVA e BENTO, 2021). A adaptação da legislação interna se coloca como uma consequência da assinatura de tratados internacionais nas tentativas institucionais do Estado brasileiro de enfrentar a questão da migração internacional no país e prestar auxílio aos que desembarcam no Brasil (SILVA e BENTO, 2021).

No entanto, não existe uma definição universalmente aceita para o migrante internacional. A definição atualmente utilizada foi desenvolvida pela Organização Mundial de Migrações (OIM) para seus próprios fins, não pretendendo implicar ou criar qualquer nova categoria legal. Dito isso, duas abordagens são adotadas para definir o termo migrante internacional, a saber: 1) a abordagem inclusiva, levando em consideração as anotações da OIM, que considera o termo migrante como um termo guarda-chuva, que cobre todas as formas de movimentos, e 2) a abordagem residualista, que exclui do termo migrante aqueles que fogem de guerras ou perseguições²⁰.

Contudo, para efeito desta pesquisa, define-se migrante internacional como qualquer pessoa que se desloca ou tenha se deslocado através de uma fronteira internacional fora de sua residência habitual, independentemente de sua situação jurídica, da natureza voluntária ou involuntária do deslocamento, das causas do deslocamento, ou da duração da sua estadia. O ato de migrar pode ser uma decisão voluntária, no entanto, pode ser também involuntária, associada à violência direta e ao potencial de pôr em perigo a integridade física, moral ou a vida de indivíduos ou grupos de pessoas, acarretando a urgência da saída, o imediatismo, não permitindo ou minimizando as possibilidades de desenvolver um projeto migratório (OIM, 2009; SANTOS, 2014).

Com a crise econômica mundial de 2008, há alterações nos fluxos da migração internacional. O processo de emigração, tendo os grandes centros do Hemisfério Norte como local de destino, passam por uma reversão, incluindo a migração de retorno às regiões de origem dos antigos imigrantes e o aparecimento de um novo fluxo composto de imigrantes naturais dos países com maior nível de desenvolvimento que, em sua maior parte, possuíam

²⁰ Disponível em:

<https://www.migrante.org.br/migracoes/migrantes-quem-sao/#:~:text=Migrante%20%C3%A9%2C%20pois%2C%20toda%20a,um%20pa%C3%ADs%2C%20regi%C3%A3o%20ou%20lugar> Acesso feito em 25 de jul. de 2022.

nível de instrução elevado e estavam em busca de colocação no mercado de trabalho, na maioria dos casos, em países emergentes, por conta de avanços na economia que geraram postos de trabalho não ocupados por nacionais (FERNANDES, 2015).

Estudos recentes, realizados sobre os novos imigrantes, conseguiram revelar a composição dessa população migrante. Basicamente, caracterizam-se pela diversidade das procedências, têm perfis socioeconômicos e graus de educação variados, o que se reflete na disposição de seus projetos migratórios. Essa heterogeneidade se estende também aos tipos de imigração, rotas e modalidades de entrada (OLIVEIRA, et al, 2020, p. 409 apud CAVALCANTI E OLIVEIRA, 2018, p. 101).

Desde 2010, o Brasil tem recebido migrantes de países do Sul Global. A primeira onda foi composta principalmente por refugiados haitianos, congolese e senegalese. Posteriormente, também chegaram os venezuelanos, colombianos e sírios (VERSIANE e NETO, 2021, apud CAVALCANTI, OLIVEIRA & TONHATI, 2015). Consequentemente, com tamanha diversidade étnica no país, as organizações são pressionadas a compreender as novas configurações das relações de trabalho e as relações interpessoais (VERSIANE e NETO, 2021).

De acordo com os registros administrativos do governo federal, estima-se que 1,3 milhão de migrantes residem no Brasil. Em dez anos (2010 – 2020), ocorreu um aumento de 24,4% no número anual de novos imigrantes registrados no país, sendo as imigrações venezuelanas, haitianas e colombianas as principais responsáveis pelo aumento (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Durante a década de 20 do presente século, registraram-se cerca de 700 mil solicitações na categoria temporário, enquanto 265 mil solicitaram residência e 15 mil enquadraram-se como fronteiriços (OLIVEIRA, 2021). Os imigrantes enquadrados na categoria “temporários” foram amparados, fundamentalmente, por questões relacionadas ao Acordo de Residência do Mercosul, que é uma acolhida humanitária para residentes em países não esteja em vigor o “Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul e Países Associados (venezuelanos)”, marítimos e transferência de tecnologia²¹. No caso dos residentes, uma parcela importante é constituída por reunião familiar e pela transformação de

²¹ a última legislação sobre Venezuelanos: PORTARIA INTERMINISTERIAL MJSP/MRE No 19, DE 23 DE MARÇO DE 2021 - Dispõe sobre a autorização de residência ao imigrante que esteja em território brasileiro e seja nacional de país fronteiriço, onde não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e Países Associados.

status migratório. Portanto, tais particularidades vão determinar os principais países de nascimento dos imigrantes (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

QUADRO 4 – NÚMERO DE IMIGRANTES POR CLASSIFICAÇÃO, SEGUNDO PRINCIPAIS PAÍSES DE NASCIMENTO – BRASIL, 2011 – 2020

Principais países	TOTAL		
	Residentes	Temporários	Total
Total	265.408	706.398	971.806
VENEZUELA	8.933	163.373	172.306
HAITI	99.669	49.416	149.085
BOLÍVIA	3.540	52.100	55.640
COLÔMBIA	2.727	51.075	53.802
ESTADOS UNIDOS	5.420	32.295	37.715
CHINA	19.312	16.278	35.590
ARGENTINA	2.212	25.392	27.604
CUBA	5.464	20.128	25.592
FRANÇA	6.026	18.593	24.619
PERU	2.044	21.484	23.528
PORTUGAL	11.406	11.479	22.885
ITÁLIA	8.901	12.590	21.491
PARAGUAI	3.408	17.237	20.645
ESPANHA	6.123	13.505	19.628
FILIPINAS	372	18.738	19.110
ALEMANHA	3.560	15.460	19.020
URUGUAI	10.448	7.532	17.980
ÍNDIA	970	15.648	16.618
JAPÃO	4.234	10.088	14.322
MÉXICO	1.667	11.259	12.926
Outros países	58.972	122.728	181.700

FONTE: OBMigra, 2022

Os imigrantes solicitantes de residência de mais longa permanência e de residência temporária se destinaram à Região Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo (31,5%) e Rio de Janeiro (11,6%); aa sequência, aparecem as Regiões Sul (19,8%) e Norte (16,6%).

O fato de o Brasil ter se tornado um polo de atração de novas nacionalidades está relacionado ao dinamismo de sua economia e do mercado de trabalho nos primeiros anos da década de 2010, em contrapartida ao que ocorria em países desenvolvidos em decorrência da crise financeira de 2008. Este comportamento beneficiou o país nesse período, sendo dinamizado por uma inserção ativa do país na política internacional, tornando-o um polo de atração de trabalhadores de todos os continentes e com todas as qualificações (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021 apud SIMÕES, 2018; HALLAK E SIMÕES, 2020).

Segundo os dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), da Polícia Federal, entre 2017 e início de 2020, foram registrados cerca de 455 mil imigrantes no país. Destes, 88% são provenientes da América Latina e Caribe, Ásia e África. Ao longo de 2019 e dos três primeiros meses de 2020, foram registrados 230.366 imigrantes, no país sendo que cerca de 90% são provenientes do Sul Global; a maior parcela dos imigrantes internacionais registrados no país (65,6%) é proveniente de países fronteiriços ao Brasil, amparados, especialmente, pelos acordos de circulação e de residência do Mercosul (BALTAR e BALTAR, 2020).

O perfil sociodemográfico demonstra que poucos migrantes e refugiados têm conhecimento da língua espanhola ou do português, que são as línguas faladas nos países de trânsito e de destino, implicando maiores barreiras idiomáticas a eles. Na região das Américas, 71% dos que chegam são homens sozinhos e apenas 29% são mulheres, entre as quais, 22% estão acompanhadas de menores de idade ou crianças e adolescentes desacompanhados. Além disso, os migrantes têm idade entre 20 e 40 anos e o nível de escolaridade nas Américas é variado (NETO E MENACHO, 2020; OIM, 2019).

E como muitos dos migrantes que chegam ao Brasil não falam e nem compreendem bem o português, isso dificulta o entendimento das atividades laborais e até mesmo dos seus direitos como refugiados. A falta de acesso ao ensino impede o aprendizado da língua portuguesa e consequentemente da comunicação com os brasileiros, dificultando a integração dos migrantes no mercado de trabalho (VERSIANI e NETO, 2021 apud CARVALHO et al., 2017)

Alguns fatores podem ser considerados como causas do impulso à migração, como as novas oportunidades de trabalho e estudo, as oportunidades culturais, os desequilíbrios econômicos internacionais, a pobreza, a degradação ambiental, os desastres naturais combinados com a falta de paz e segurança, os violação dos direitos humanos e dos distintos graus de desenvolvimento das instituições jurídicas e democráticas (VERSIANE e NETO, 2021 citando MARCHINI, 2016; MARGOLIS, 2013).

Entre 2011 e 2021, 297.712 mil imigrantes solicitaram refúgio no país. Ao final do ano de 2021, existiam 60.011 pessoas refugiadas reconhecidas no país. Somente no ano de 2021, 29.107 mil imigrantes solicitaram refúgio no Brasil, um acréscimo de 208 solicitações, se comparado ao ano de 2020, quando o país recebeu 28.899 solicitações (JUNGER et al, 2022).

QUADRO 5 - SOLICITAÇÕES DE REFÚGIO EM 2021

Principais Países	Nº de solicitações
Total	29.107
VENEZUELA	22.856
ANGOLA	1.952
HAITI	794
CUBA	529
CHINA	345
GANÁ	307
BANGLADESH	257
NIGÉRIA	246
ÍNDIA	139
COLÔMBIA	138
PERU	128
LÍBANO	90
GUINÉ	84
SENEGAL	79
SÍRIA	71
CAMARÕES	57
MARROCOS	57
NEPAL	55
PAQUISTÃO	41
GUINÉ BISSAU	39
OUTROS PAÍSES	843

FONTE: OBMigra 2022

Em 2021, o Brasil recebeu solicitações de refúgio de pessoas vindas de 117 países. Destes, destaca-se a quantidade de venezuelanos: 78,5%, seguido de 6,7% angolanos e 2,7% haitianos. Dos solicitantes de refúgio, 53,7% são homens e 46,3 mulheres, no caso dos venezuelanos, os homens representaram 40,2% do total de pessoas solicitantes, enquanto as mulheres venezuelanas corresponderam a 38,3%. A maior parte dos refugiados no Brasil de hoje são venezuelanos (JUNGER et al, 2022).

Embora haja um alto número de solicitações, o CONARE reconheceu apenas 3.086²² pessoas como refugiadas em 2021²³, sendo 55,2% homens e 44,8% mulheres (50,4% das pessoas reconhecidas como refugiadas eram crianças e adolescentes na faixa entre 5 e 14 anos

²² Destes, 77% eram venezuelanos.

²³ Desde 1985, o Brasil reconheceu cerca de 60 mil pessoas como refugiadas, a maioria delas (48.789) proveniente da Venezuela – seguido por pessoas da Síria (3.667), República Democrática do Congo (1.448) e Angola (1.363). Nesta população, cerca de 90% são pessoas entre 18 e 45 anos de idade.

de idade). O reconhecimento da condição de refugiado foi justificado por: “Opinião política”, responsável por 46,9% do total de fundamentações, seguida por “Grave e Generalizada Violação dos Direitos Humanos (GGVDH)”, que representou 31,5% desse total. Por sua vez, as categorias de fundamentação “Grupo Social” e “Religião” corresponderam, respectivamente, a 12,9% e 3,5% do total de fundamentações registradas (JUNGER et al, 2022).

O Brasil comprometeu-se com a adoção de políticas públicas migratórias que proporcionam a integração dos migrantes ao mercado de trabalho, porém, um número significativo de migrantes com qualificação profissional se encontra trabalhando em áreas distintas daquelas que exerciam em seus países de origem. Mesmo com significativas experiências profissionais e formação universitária, os migrantes não conseguem se inserir em sua área de trabalho, recorrendo a empregos que exigem menos qualificação (SILVA e BENTO, 2021).

Quanto ao mercado de trabalho, os imigrantes ocupam mais postos de trabalho no mercado brasileiro. Em 2011, foram 62.423 e, em 2020, 181.358. De 2019 para 2020, os postos de trabalho criados para imigrantes e refugiados no mercado formal passaram de 21,4 mil para 24,1 mil. Um aumento de 12,7%. O estado de Santa Catarina foi o que mais criou postos. O número de estudantes imigrantes matriculados na rede básica de ensino no Brasil passou de 41.916 em 2010 para 122.900 em 2020 (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021).

Na década de 2010, o agronegócio (principalmente frigoríficos de abates de suínos e aves) foi o principal empregador de migrantes. A Região Sul e o estado de São Paulo foram um importante destino para a inserção laboral dos imigrantes e refugiados, porém, em 2020, a Região Sul (principalmente Santa Catarina, com 26,1% criação de cargos) torna-se responsável por empregar praticamente a metade de todos os trabalhadores imigrantes no país. A Região Norte do país (21,0%) e a Região Sudeste (19,1%) foram aquelas cujo mercado formal de trabalho absorveu os maiores contingentes de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiados e refugiados latino-americanos imigrantes no país. Outras ocupações estão na produção de bens, serviços industriais e vendedores do comércio em lojas e mercados (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Entre 2011 e 2019, foram emitidas 87.570 carteiras de trabalho para migrantes. Em 2019, foram emitidas 36.259. Destaca-se o predomínio de carteiras de trabalho para homens,

mas a diferença entre estes e as mulheres vem se reduzindo a partir de meados da década. Em 2014, foram 68,8% homens e 31,2% mulheres, enquanto, em 2019, foram 55,7% homens e 44,3% mulheres. Entre as principais nacionalidades que requisitaram emissões de carteiras de trabalho em 2019 destacam-se os venezuelanos (65,2%), haitianos (23,9%) e cubanos (8,2%) (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Na década de 2010, mais de 90,0% dos migrantes latinos no Brasil tinham jornadas de trabalho de 44h ou mais por semana. Em 2019, esta proporção era de 94,5%. A média salarial no mesmo período foi inferior àquela observada para o mercado de trabalho em geral. No ano de 2019, esses trabalhadores recebiam 53,1% a menos que a média salarial verificada no mercado formal de trabalho em geral (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Em 2020, os migrantes com nível escolar médio completo já correspondiam à quase metade de todos os trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal, enquanto os trabalhadores de nível superior reduziram sua participação de forma significativa para 20% (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

A burocracia no processo de revalidação do diploma universitário também é um entrave para que o profissional estrangeiro exerça, no Brasil, a profissão na qual se formou em seu país. Este processo é feito com maior frequência em universidades federais e estaduais, o que está causando uma sobrecarga de serviço nessas instituições e a demora na apreciação das solicitações. E a inexistência de um procedimento-padrão também dificulta o entendimento dos estrangeiros no encaminhamento do processo e o atendimento dos agentes universitários em prestar as informações necessárias. As altas taxas para traduções juramentadas, aliadas às taxas cobradas pelas instituições para a revalidação, afetam diretamente a inserção desses profissionais no mercado de trabalho (SILVA e BENTO, 2021).

Se a busca por melhores condições de vida e de trabalho motivam a decisão de migrar, é de se esperar que os países de acolhimento ofereçam essas oportunidades. No entanto, verifica-se que a acolhida e a inserção no mercado de trabalho no Sul do Brasil estão longe de possibilitar uma vida digna. Considerando a condição de vulnerabilidade socioeconômica, com dificuldades para encontrar um trabalho e, concomitantemente, com receio de desemprego, muitos imigrantes venezuelanos tendem a aceitar salários abaixo do mínimo, submetendo-se à exploração de sua força de trabalho (SILVA e BENTO, 2021, p. 192).

No que se refere às desigualdades sociais, constata-se que imigrantes do Norte Global registraram os mais altos rendimentos em comparação às pessoas do Sul Global, e as

mulheres imigrantes recebem cerca de 70% do valor dos rendimentos dos trabalhadores do sexo masculino (as mulheres imigrantes do Sul Global recebem, em média, menos da metade dos rendimentos das mulheres do Norte Global). Os brancos, na maioria europeus, receberam rendimentos muito superiores aos negros, que, em média, recebem no máximo um ou dois salários-mínimos. E os refugiados e solicitantes do reconhecimento da condição de refugiado têm rendimentos mais baixos que os demais imigrantes, além disso, os migrantes entre 40 e 65 anos, em geral, têm rendimentos mais altos, sendo os mais jovens recebendo salários mais baixos (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Em relação ao perfil dos migrantes beneficiários dos programas de proteção social analisados, os principais grupos de imigrantes que receberam, em 2020, o Bolsa Família, o Auxílio Emergencial e o Programa de Tarifa Social de Energia Elétrica foram pessoas nascidas na Venezuela, Haiti, Bolívia e Paraguai. Os grupos atendidos pelo Benefício de Prestação Continuada (BPC), no entanto, apresentam perfil diferenciado. Os portugueses, paraguaios e japoneses são os principais imigrantes indicados como beneficiários. Considerando o total de 205.643 imigrantes registrados na base do CadÚnico em 2020, o Bolsa Família tem maior percentual entre beneficiários imigrantes (44%), seguido da Tarifa Social de Energia Elétrica (21%), do Auxílio Emergencial (18%) e do Benefício de Prestação Continuada (4%). (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021b).

Em 2012, haviam 14.844 imigrantes registrados no CadÚnico e, em 2020, foram identificados 205.643, indicando um crescimento de mais de 10 vezes ao longo do período analisado. Os imigrantes nascidos no Paraguai foram os maiores beneficiados dos cadastrados em 2012. Porém, a partir de 2013, com a crise no Haiti, estes se tornam o principal grupo beneficiado e assim permaneceram até 2018, representando quase 22% do total de imigrantes cadastrados. Em 2018, com a chegada de venezuelanos para o país, houve uma intensificação no aumento de cadastros no CadÚnico, com isso, os venezuelanos passaram a ser os principais beneficiados.

No que compete aos refugiados e aos migrantes venezuelanos, boa parte deles chega no Brasil por meio da cidade de Pacaraima, no estado de Roraima, que é o estado menos populoso do país, com 500 mil habitantes, localizado a 210 quilômetros de distância da Venezuela. A seguir, apresento algumas informações relevantes sobre a diáspora venezuelana.

3.2 - DIÁSPORA VENEZUELANA

3.2.1 - A Venezuela

FIGURA 4 – MAPA DA VENEZUELA



FONTE: <https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2019/02/mapa-venezuela.jpg>

A Venezuela está localizada na região norte da América do Sul. As fronteiras nacionais venezuelanas são delimitadas, ao norte, com o Mar do Caribe; a oeste, com a Colômbia; ao sul, com o Brasil, e ao leste, com a Guiana (Figura 16). Assim como tantos outros Estados na América Latina, a Venezuela foi colônia da Espanha e o seu processo de independência foi articulado e guiado pelas elites nacionais *criollas*. O desenvolvimento do Estado venezuelano, ao longo de sua história, se mantinha por meio das relações entre as elites nacionais, os militares e o petróleo (SILVA, 2020), que teve importante papel na formação e organização do Estado e na relação com a sociedade. Como o Estado é o único proprietário do petróleo, este é o principal produto de exportação do país em grande abundância, por isso, a sua produção intervém na economia e no relacionamento com os partidos políticos, os sindicatos, as forças armadas e o setor privado (SILVA, 2020).

Os primeiros contratos entre a Venezuela e as organizações transnacionais de petróleo foram vantajosos para estas, pois garantem um repasse de menos de 10% das rendas petrolíferas ao Estado. A alíquota foi sendo alterada à medida que os diferentes governos começaram a perceber o petróleo como o grande produto de exportação do país. A partir da década de 1940, as companhias estrangeiras passaram a sofrer sobretaxas e o estigma de exploradores das riquezas naturais do país. A partir de 1958, novas concessões para exploração foram proibidas e a alíquota aumentou para 60% (GARCÍA, 2021; SILVA, 2020).

No ano de 1963, o Estado criou a nacional *Corporación Venezolana del Petróleo* (CVP), que se tornou a quinta maior produtora de petróleo do mundo e, junto com a Arábia Saudita, o Iraque, o Irã e o Kuwait, fundaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) (GARCÍA, 2021; SILVA, 2020).

Em 1971, a Venezuela reservou 100% dos direitos de produção de gás natural. Em 1974, além da alíquota de 60% cobrada das multinacionais petroleiras, impôs uma sobretaxa de US \$0,35 (trinta e cinco centavos de dólar) por barril produzido e aumentou a alíquota para 63,5%. Em 1976, nacionalizou toda a produção de petróleo. Tais iniciativas levaram à criação da Companhia Petróleo de Venezuela (Petroven ou PDVSA) (SILVA, 2020).

No ano de 1989, com a crescente dívida externa e com o déficit público, que deterioraram a economia nacional, o país abriu o setor de exploração petrolífera ao capital privado. Em 1992, houve a abertura do setor ao capital privado e estrangeiro para o investimento direto na exploração e na produção em novos campos. Com a abertura da PDVSA ao capital privado, a Venezuela perdeu o controle da estatal, que negociava diretamente com outras companhias petroleiras transnacionais. Assim que Hugo Chávez chegou ao poder, em 1998, foi aprovada a *Ley de Hidrocarburos*, com o objetivo de tirar o poder instituído pelo capital privado no interior da PDVSA e retomar o controle da estatal nas mãos do Poder Executivo (GARCÍA, 2021; SILVA, 2020).

Com a guerra do Iraque, em 2003, e com a alta nos preços do petróleo, o orçamento estatal da Venezuela cresceu cerca de quatro a seis vezes maior. Com isso, Hugo Chávez criou o programa *Siembra Petrolera*, que transferiu os recursos do setor petroleiro para outros setores da economia para melhorar a infraestrutura do Estado, estimular a produção agrícola e industrial para diminuir as importações de bens manufaturados, promover a redução das desigualdades sociais da população e favorecer o protagonismo popular nos processos políticos, econômicos e sociais (SILVA, 2020).

A queda abrupta dos valores do barril de petróleo, de US \$104,00, em 2014, para US \$32,00, em fevereiro de 2016, transformou o panorama econômico e social catastrófico, devido à desvalorização e à dependência da Venezuela e de suas políticas públicas desse único setor econômico. Com isso, o PIB da Venezuela reduziu 3%, em 2014; 5%, em 2015, e 8% em 2016. Enquanto as reservas internacionais de dólares do Estado encolheram de US \$43 bilhões, em 2008, para US\$ 15 bilhões, em 2016, atrelado ao crescimento do endividamento

externo, da pobreza, do desemprego e da inflação, o que elucida a magnitude da crise que afetou – e ainda afeta – a Venezuela (GARCÍA, 2021; SILVA, 2020).

Em 2016, com uma inflação de 480%, toda linha de produção e consumo foi abalada, muitos venezuelanos mal podiam suprir a sua capacidade de subsistência. Com a perda de poder da moeda nacional, o país passou a enfrentar problemas de abastecimento de bens e de serviços, como alimentos, medicamentos e diversos bens de consumo essenciais (SILVA, 2020). Além disso, a centralização econômica no Poder Executivo venezuelano tem como consequência direta uma negligência do poder público na manutenção e nos investimentos em infraestrutura. Por falta de recursos, os serviços públicos, como o sistema elétrico, de fornecimento e tratamento de água, o transporte público e a saúde, ficaram comprometidos (GARCÍA, 2021; SILVA, 2020).

Em 2018, ocorreu uma eleição antecipada ao cargo de presidente da república, resultando na reeleição de Nicolás Maduro para um novo mandato de seis anos (2019 – 2025). Cerca de 53,98% dos eleitores não compareceram em suas zonas eleitorais, além disso, o resultado não foi reconhecido pela União Europeia (UE), pelos Estados Unidos e pelos Estados que compõem o Grupo de Lima, com exceção do México, corroborando para desestabilizar ainda mais a sociedade venezuelana devido ao aumento dos protestos e mobilizações populares contra o governo do presidente eleito (SILVA, 2020).

A crise econômica e política da Venezuela provocou a emigração de seus cidadãos para países vizinhos. Para diminuir os impactos da chegada repentina dos/as migrantes em Roraima, o governo federal brasileiro acionou as Forças Armadas, repassando recursos para que fossem criadas estruturas temporárias de alojamento, alimentação e cuidados com a saúde (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

3.2.2 - A Diáspora Venezuelana em números

A cidade de Pacaraima é um município brasileiro localizado ao norte do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela, e é o ponto de chegada para o imigrante por ter como característica uma fronteira sem obstáculos naturais e com distância de aproximadamente 15 quilômetros da cidade venezuelana Santa Elena de Uairén. Em 2010, a cidade contava com cerca de 10 mil habitantes, já em 2017, foram contabilizados 17 mil.

Como o município não apresenta condições para o acolhimento dos migrantes venezuelanos, estes seguem em direção à capital do estado, em Boa Vista (FGV DAPP, 2020). Entretanto, com o agravamento da crise no país vizinho e com a intensificação dos fluxos migratórios, a capital esgotou a capacidade de recepção, sobretudo pela pressão nos serviços de saúde e assistência social, uma vez que o estado não possui condições de receber fluxos migratórios volumosos como o que vem da Venezuela.

A capital Boa Vista tem uma população de 400 mil habitantes e é bastante isolada do resto do país. Historicamente, possui uma dinâmica econômica sem grande capacidade produtiva e com a “predominância dos órgãos estatais no desenvolvimento da região, os quais fariam a distribuição de riquezas por meio do pagamento de salários e serviços aos que lá se encontram com atividades vinculadas a esses organismos” (FGV DAP, 2020, p. 22).

Por mais paradoxal que pareça, os emigrantes venezuelanos deixam um país que, no ano de 2016, tinha aproximadamente 90% de população vivendo em áreas urbanas, taxa de mortalidade infantil de 13,8‰, esperança de vida ao nascer de 75,4 anos, e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,767. Ao chegarem ao Brasil, ingressam por um estado com 522,6 mil de habitantes, sendo que destes 66,0% vivem em zonas urbanas; 70% do território é composto por terras indígenas e reservas ambientais; onde a principal atividade econômica é a prestação de serviços (87,5%), com destaque para o serviço público (75%), indústria (8,7%) e agropecuária (3,8%); o Produto Interno Bruto (PIB) corresponde a 0,1% do PIB brasileiro; situação que acaba por refletir em seus indicadores sociodemográficos: esperança de vida ao nascer de 71,5 anos, taxa de mortalidade infantil de 17,2‰ e IDH de 0,707 (OLIVEIRA, 2019, p. 222).

Percebe-se, portanto, que os refugiados e os migrantes venezuelanos entram no território brasileiro em uma localidade com baixa capacidade de inserção econômica, ainda mais em um contexto recessivo como o que o Brasil tem vivido desde 2015, pelo qual até mesmo os importantes investimentos públicos, que sempre foram elementos impulsionadores da economia em Roraima, estão escassos, além disso, o estado apresenta um alto número de violência²⁴ (FGV DAP, 2020).

Inicialmente, devido à escassez em seu país, os venezuelanos atravessavam a fronteira em busca de produtos e serviços, o que favoreceu o comércio da cidade de Pacaraima. Como

²⁴ Dados disponíveis em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/20/roraima-tem-a-maior-alta-de-assassinatos-no-pais-no-primeiro-semester-de-2021.ghtml> e em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/02/04/pesquisa-quer-identificar-riscos-de-violencia-contr-a-refugiadas-e-migrantes-venezuelanas-em-rr.ghtml> Acesso feito em 26 de jul. de 2022.

a crise econômica ainda não havia derrubado o valor da moeda venezuelana, o visitante com algum poder aquisitivo adquiria produtos e serviços e retornava ao seu território de origem com intenção de revender os produtos ou os guardar para consumo próprio (R4V, 2020).

Embora fale-se bastante da recente onda migratória venezuelana, para Ailán (2020, apud KOECHLIN et al. 2018), é possível dividir as correntes migratórias dos venezuelanos para o Brasil em quatro momentos, a saber: primeira corrente migratória (2002); segunda corrente migratória (2007); terceira corrente migratória (2013), e quarta corrente migratória (2015).

QUADRO 6 – FLUXO DA EMIGRAÇÃO VENEZUELANA, SÉCULO XXI

Ano	Contexto	Perfil do emigrante
Primeira Corrente Migratória (2002)	- Greve do sindicato de Petróleo da Venezuela S.A (PDVSA) - Demissão massiva entre 17.000 e 22.000 trabalhadores - Golpe de Estado em abril	- Classe Alta e média - Tecocratas e funcionários
Segunda Corrente Migratória (2007)	- Referendum pela reeleição indefinida - Frequentes expropriações de terras e de empresas privadas de setores chave da produção nacional - Estatização de certos canais de televisão, contrários ao regime - Insegurança jurídica da propriedade privada.	- Fuga de Capitais - Emigração de empresários de grande e médias empresas para recolocar seus negócios e capitais nos Estados Unidos ou Europa
Terceira Corrente Migratória (2013)	- Falecimento do Presidente Hugo Chávez - Eleição: Nicolás Maduro é eleito como presidente da Venezuela - Agravamento econômico: Inflação crescente e desvalorização da moeda nacional	- Emigração de classe média profissional técnica e/ou universitária
Quarta Corrente Migratória (2015)	- Desabastecimento de alimentos e equipamentos - Instabilidade política: Perseguição política a opositores e a cidadãos não simpatizantes do regime. - Violência e insegurança social e jurídica - Degradação das garantias constitucionais	- Classe médias/Baixas em busca de trabalho e ingresso para sobreviver

FONTE: AILÁN, 2020, apud KOECHLIN et. al., 2018

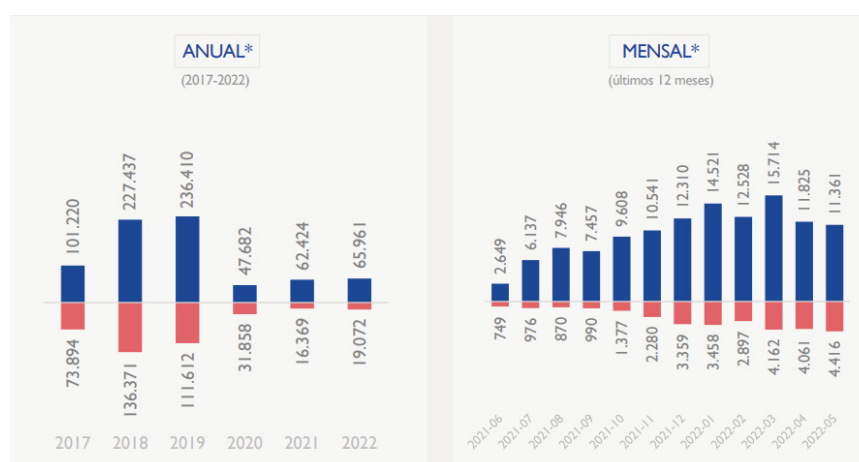
A primeira e segunda correntes são compostas por membros dos estratos sociais da classe alta e média e de funcionários de carreira que tinham certa estabilidade econômico-financeira. A emigração foi consequência da greve do sindicato de petróleo da Venezuela, da demissão de 17.000 a 22.000 trabalhadores, do golpe de Estado, das expropriações de terras e de empresas privadas de setores-chave da produção nacional, da estatização de canais de televisão, dos contrários ao regime e da insegurança jurídica da propriedade privada em abril de 2002 (AILÁN, 2020).

A terceira corrente é reflexo da morte do presidente Hugo Chávez e da eleição de Nicolás Maduro. O aumento da inflação, a desvalorização da moeda nacional e o agravamento da violação de direitos humanos levaram à emigração da classe média profissional técnica e/ou universitária (AILÁN, 2020).

A quarta corrente é fruto do desabastecimento de alimentos e de equipamentos de necessidades básicas, da instabilidade política, da perseguição política a opositores e a cidadãos não simpatizantes do regime, da violência e da insegurança social e jurídica, provocando a saída em massa de refugiados e migrantes a outros países vizinhos. A quarta corrente pode ser considerada como o maior fluxo migratório na América Latina e Caribe, composta, em sua maioria, por membros dos estratos sociais mais baixos que saíram em busca de trabalho e de melhores condições de existência (AILÁN, 2020). Além disso, esta última emigração aumentou o fluxo de refugiados no Brasil a partir do ano de 2015.

Com isso, estima-se que seis milhões de venezuelanos já deixaram seu país de origem. Destes, um total de 741.134 mil pessoas entraram no Brasil desde 2015. Desse total, 389.176 mil saíram para Venezuela e outros países, e 351.958 permaneceram no Brasil; 140.222 mil solicitaram residência temporária pelo tempo de dois anos, enquanto 88.996 mil fizeram o pedido de residência por tempo indeterminado; 54 mil foram reconhecidos como refugiados; 85 mil pessoas aguardam a solicitação em tramitação. De janeiro de 2017 a maio de 2022, foram expedidos 407.739 Cadastros de Pessoas Física (CPF) para os migrantes venezuelanos (BRASIL, 2022; R4V, 2022).

GRÁFICO 6 – ENTRADAS E SAÍDAS – CONTROLE MIGRATÓRIO – 2012 - 2022



FONTE: OIM, 2022

A saída nesse contexto de crise na Venezuela aconteceu de maneira muito repentina em muitos casos, o que pode ter encorajado o migrante a fazê-lo em condições de insegurança jurídica ou em situação irregular. Este componente de fuga desesperada de uma crise institucional e econômica generalizada expõe o migrante a uma situação vulnerável, por exemplo, a várias formas de exploração, abuso, violência e discriminação (GANDINI, ROSAS e ASCENSIO, 2021). É o que Gandini, Rosas e Ascensio (2021) intitulam de “migração em crise”, que tem um forte componente de migração fronteiriça. Nesse caso, a Colômbia, destino final de mais de um milhão de venezuelanos, e o Brasil foram integrados ao circuito de mobilidade fronteiriça da Venezuela.

Outro fator da “migração em crise” é a massividade do fluxo, ou seja, a quantidade de pessoas em pouco tempo, que, no caso venezuelano, foi atingido em 2015 - 2016, quando os níveis de pobreza de renda afetaram mais da metade da população, as condições de saúde foram inadequadas e o atual quadro institucional deu sinais claros de colapso e fraqueza administrativa (GANDINI, ROSAS e ASCENSIO, 2019).

Estratégias para emigrar em um contexto de saída como o descrito acima são diversas: a população pode sair sem os documentos necessários por via aérea ou por terra e, em alguns casos, sem meio de transporte, dependendo de longas jornadas de caminhadas, sem rede de apoio ou sem opções de trabalho e sobrevivência no país de destino. Alguns migrantes entram em outros países como turistas, para, mais tarde, modificarem seu status migratório; outros emigram com a ideia de solicitar o status de refugiado ou asilo político; alguns, para obter uma residência legal, mas com vista a uma mudança posterior para outro país; outros conhecem as opções documentais que têm ao cruzar as fronteiras ou passam algum tempo no destino final da sua viagem (GANDINI, ROSAS e ASCENSIO, 2019).

Quanto ao perfil dos migrantes venezuelanos, constatou-se que os indígenas, da etnia Warao, partem normalmente da região de Tucupita, percorrendo aproximadamente 700 quilômetros para chegar à fronteira brasileira. Parte ingressa no país pelos postos de fronteira, e os demais pela serra. Ao chegarem na fronteira, caminham mais de 200 quilômetros até Boa Vista, ou por transporte rodoviário, no caso daqueles com algum recurso financeiro. O principal motivo para emigrar é a fome, além da dificuldade de acesso aos serviços públicos (saúde, educação, segurança, lazer) e do descaso do governo venezuelano com os indígenas. Desde 2014, cerca de 4 mil waraos entraram em solo brasileiro, e não há um plano integrado

entre União, estados e municípios sobre como e de que forma garantir o direito dessas pessoas (OLIVEIRA 2019).

FIGURA 5 – O CAMINHO DOS WARAOS



FONTE: Brasil de Fato

No Brasil, os waraos permaneceram nos municípios de Pacaraima, Boa Vista, Manaus (no estado do Amazonas) e em Belém, no estado do Pará. Quanto ao trabalho, a ocupação varia de cidade para cidade. Em Boa Vista, a maioria dos homens não exercia qualquer atividade econômica, sendo que as mulheres pediam doações ou produziam artesanatos e peças de costura para venda. Já em Pacaraima, os homens trabalhavam no mercado informal, principalmente na carga e descarga de caminhões, além de limpeza de fazendas e terrenos, enquanto as mulheres estavam menos inseridas nas atividades produtivas (OLIVEIRA 2019).

QUADRO 7 – IMIGRANTES VENEZUELANOS POR IDADE

Idade	Total	Homem
0 a 17	31.006	16,8%
18 a 42	119.771	65,5%
43 a 60	26.251	14,4%
61 a 80	5.609	3,1%
Acima de 80	293	0,2%

Fonte: SISMIGRA, 2020

Com relação aos não-indígenas, a migração é composta por homens, em sua maioria, com idade para trabalhar (de 18 e 60 anos) e solteiros. Assim sendo, uma parcela considerável dos imigrantes venezuelanos está na idade da população economicamente ativa e em

condições de trabalhar ou de procurar trabalho no Brasil. Os deslocamentos são feitos, normalmente, em família, sendo que 56,4% dos venezuelanos migraram com algum familiar, e 42,8% das mulheres vieram acompanhadas dos filhos menores (OLIVEIRA, 2019).

Sobre a escolaridade, os imigrantes venezuelanos apresentam um elevado índice de educação, com 31,9% tendo pelo menos o Ensino Superior completo, 30,5% possuindo o Ensino Médio completo, e apenas 4,8% com o Ensino Fundamental completo. O índice de analfabetos fica abaixo de 1% (OLIVEIRA, 2019, apud SIMÕES, 2018).

O setor comercial é uma das áreas que mais acolheram os imigrantes venezuelanos. A presença de imigrantes internacionais na indústria de carnes no Brasil, por exemplo, conecta redes internas e internacionais de recrutamento de trabalhadores em locais de produção, sendo articuladas, localmente, à produção de novos espaços da migração internacional no Brasil. Outras atividades econômicas que mais concentraram venezuelanos no Brasil foram o comércio varejista, com predominância na área alimentícia (supermercados, minimercados, mercearias e armazéns), os restaurantes e o setor de construção (OLIVEIRA, 2019, apud SIMÕES, 2018).

A participação de trabalhadores venezuelanos no mercado formal de trabalho se ampliou a partir de 2015. Inicialmente, a Região Norte contava com o maior número de venezuelanos com carteira assinada por concentrar a maior quantidade de migrantes devido à facilidade ao acesso terrestre pelas regiões de fronteira (AILÁN, 2020). Com o início da interiorização, que acarretou a reunião familiar de venezuelanos, aumentou a população migrante para várias cidades da Região Sul. O estado de Santa Catarina possui o maior número de venezuelanos contratados, com 553 registros formais, depois vem o estado do Paraná, com 502 contratações e o Rio Grande do Sul, com 391 (AILÁN, 2020).

3.2.3 - Operação Acolhida

FIGURA 6 – Fronteira Brasil-Venezuela



FONTE: <https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2018/02/28-02-2018-mapa-venezuela.png>

As ações legais e políticas associadas à migração internacional no Brasil são de competência da União, ou seja, do Estado Federal. A Força Tarefa Logística e Humanitária (FTLogHum), inicialmente chamada de Missão Acolhida e posteriormente de Operação Acolhida, criada durante a gestão Michel Temer (2016-2019), é uma força tarefa humanitária executada pelo Ministério da Defesa com o apoio de agências da ONU e de mais de 100 entidades da sociedade civil. A operação oferece assistência emergencial aos refugiados e migrantes venezuelanos que entram no Brasil pela fronteira com Roraima.

A estrutura montada na cidade de Pacaraima para o primeiro acolhimento dos migrantes e refugiados está em funcionamento desde junho de 2018 e conta com equipes de servidores federais, militares, profissionais de organismos internacionais e entidades da sociedade civil. Na fronteira, também foi estabelecido um Posto de Atendimento Avançado (PAA), um hospital de campanha reduzido para a atenção médica de emergência, além da disponibilização de vacinas para doenças. Com as estruturas da fronteira, é possível garantir a entrada e a regularização ordenada (GARCÍA, 2021; VASCONCELOS e MACHADO, 2021; FGV DAPP, 2020; IIFH, 2020).

A operação foi originalmente criada com o propósito de defender e proteger a soberania da nação, ou seja, tinha o objetivo de zelar pelo cumprimento de normativas nacionais de defesa numa perspectiva de controle, mas, ao mesmo tempo, humanitária, permitindo a proteção dos refugiados e a sua recepção em território nacional. Em maio de 2018, o Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) criticou a forma com que o Estado brasileiro tratou a imigração venezuelana, denunciando o viés militarizado com que o governo utilizou, em vez do caráter humanitário das ações (GARCÍA, 2021).

Vale dizer que, antes da chegada das Forças Armadas, o acolhimento dos/as migrantes venezuelanos/as em Roraima era realizado pela Sociedade Civil Organizada (SCO) local, que reuniu organizações não governamentais, igrejas, sindicatos e outros coletivos. O suporte logístico era provido precariamente pelo governo do estado de Roraima. A SCO estava majoritariamente representada por entidades religiosas, que, em parcerias com professores e alunos da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e com agências internacionais, executavam ações de acolhimento. Nesse primeiro momento, foram criados espaços de articulação, mobilização e debates sobre o tema (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

Em 2018, a cidade de Boa Vista contava com onze instalações para alojar os/as venezuelanos/as; destas, dez unidades contavam com efetivos das Forças Armadas Brasileiras, que seguiram as diretrizes do ACNUR. Tais instalações foram chamadas de “abrigos”, e apenas uma unidade era gerenciada por uma fraternidade religiosa, com a presença ativa de militares no local, chamada de centro de acolhimento. Apenas duas instalações eram gerenciadas exclusivamente pelas Forças Armadas, tendo as outras geridas em parceria com entidades não governamentais religiosas e laicas, mediadas pelo ACNUR (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

A Polícia do Exército (PE) ficou encarregada da segurança dos abrigos. Existia monitoramento por câmeras em grande parte deles e a PE procurava zelar por certa higienização dos arredores dos abrigos, atendendo à demanda das vizinhanças. O controle militar dos arredores dos abrigos era reforçado pela cooperação com a Força Nacional e o Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado de Roraima (BOPE/PMRR) (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

O emprego da força era legitimado pelo Decreto Presidencial nº 9.483, referente à Garantia da Lei e da Ordem (GLO), que conferia poder de polícia às Forças Armadas. O decreto foi publicado em 29 de agosto de 2018, limitado à cidade fronteiriça de Pacaraima, sendo motivado pela investida violenta de brasileiros contra um acampamento improvisado de venezuelanos/as à beira da estrada, queimando barracas, destruindo pertences dos/as imigrantes e forçando a travessia de retorno ao país de origem. No final de outubro, foi publicado novo decreto (nº 9.543, de 29 de outubro de 2018), renovando o prazo até o fim daquele ano (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

Dentro dos abrigos, existiam delegados/as ou colaboradores/as, em uma hierarquia envolvendo os/as venezuelanos/as abrigados/as, tendo como atribuição mediar as relações entre abrigados/as e gestores/as, zelar pelo cumprimento das regras e organizar as tarefas de limpeza e filas para distribuição de comida. Porém, estas pessoas acabavam por distribuir desigualmente os alimentos e doações, conforme as conveniências pessoais. Até mesmo a permanência no abrigo poderia ser colocada em risco, caso a pessoa se desentendesse com um dos/as delegados/as (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

O termo “delegado” remete ao modelo de acolhimento do ACNUR, implantado mundialmente. De acordo com o Tenente A.: “esse termo delegado foi tentado ser implementado pelo pessoal da ONU, mas não foi para frente. Chegaram aqui e chamaram algumas lideranças e fizeram uma reunião. Depois não apareceram mais”.

O tenente diz que prefere chamar de “colaboradores”, aos quais oferecia incentivos e benefícios tais como alimentação extra e kits de higiene em troca dos serviços. Sejam “colaboradores/as” ou “delegados/as”, ocupavam lugar privilegiado na organização interna dos abrigos (VASCONCELOS e MACHADO, 2021, p. 114).

Os militares a serviço da Operação Acolhida ficam estabelecidos 120 dias no local e são depois trocados por outras equipes. O rodízio é utilizado conforme as experiências das Forças Armadas brasileiras com a missão de paz no Haiti. Na ocasião, foi constatado que a extensão do período de serviço na convivência com pessoas em situação de vulnerabilidade implicava certa desestabilização emocional do militar (VASCONCELOS e MACHADO, 2021).

Em 2018, foi editada a Lei nº 13.684, de 21 de junho de 2018, que dispõe sobre as ações de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade, decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária, aplicando-se especialmente ao caso dos venezuelanos (BRASIL, nd).

Também em 2018 foi editado o Decreto nº 9.286/2018, que institui a governança da Operação Comitê Federal de Assistência Emergencial, com a participação direta de 12 ministérios, coordenada pela Casa Civil da Presidência da República, definindo um coordenador operacional para organizar os trabalhos em Roraima. Com o governo Bolsonaro, em janeiro de 2019, iniciou-se a segunda fase da Operação Acolhida. Por meio do Decreto nº 9.970/2019, foram instituídos os subcomitês federais: Ordenamento de Fronteira; Acolhimento; Interiorização, e Saúde (GARCÍA, 2021; BRASIL, nd).

Os investimentos públicos realizados por meio da Operação Acolhida foram autorizados pela Medida Provisória nº 823/2018, Medida Provisória nº 857/2018, Decreto nº 9.709/2019 e da Medida Provisória nº 880/2019 (FGV DAP, 2020, apud BRASIL, 2018e, BRASIL, 2018f, BRASIL, 2019^a; BRASIL, 2019b, e BRASIL, 2019^a).

No orçamento federal, as despesas são autorizadas por meio da ação “Assistência Emergencial e Acolhimento Humanitário de Pessoas”, vinculada ao Ministério da Defesa. O valor total autorizado pela Operação Acolhida, até outubro de 2019, foi de R\$ 504,09 milhões (GARCÍA, 2021). Deste total, R\$482,07 milhões foram empenhados até então (95,6% do autorizado) e R\$342,25 milhões foram desembolsados de fato (67,9% do autorizado e 71% do empenhado) (FGVDAP, 2020 apud SENADO FEDERAL, 2019). A despesa empenhada total, em 2018, pelo governo do estado de Roraima, é da ordem de R\$ 3 bilhões, de modo que as despesas da Operação Acolhida representam mais de 15% desse valor (BRASIL, nd).

Os gastos são voltados principalmente para custeio e investimentos, sendo que os principais gastos são referentes a serviços de pessoa jurídica e materiais de consumo. Assim, o estudo da FGVDAP (2020) afirma ser razoável supor que tais gastos têm um efeito multiplicador na economia local.

Até janeiro de 2020, a operação era coordenada pelo general Eduardo Pazuello, que se afastou quando foi indicado secretário-executivo do Ministério da Saúde, deixando a coordenação da operação para o general Antônio Manoel de Barros (BRASIL, nd).

A Operação Acolhida atua em três eixos: o ordenamento da fronteira, o abrigo dos imigrantes e a sua interiorização. O atendimento começa nas estruturas montadas para assegurar a recepção, a identificação, a fiscalização sanitária, a imunização, a regularização migratória e a triagem dos refugiados e migrantes venezuelanos (VASCONCELOS e MACHADO, 2021; BRASIL, nd). Logo, assim que cruzam a fronteira, os migrantes e refugiados são acolhidos por um posto avançado de fronteira do exército brasileiro em parceria com a ONU e entidades civis, são documentados, abrigados e vacinados. Nessa etapa, são atendidas as solicitações de refúgio ou de residência permanente, assim como de atenção em saúde, imunização e documentação, que habilita o acesso a serviços no Brasil (GARCÍA, 2021; BRASIL, nd).

Devidamente documentados, os imigrantes e refugiados venezuelanos são acolhidos em um dos 13 abrigos em Roraima. Há três tipos de abrigos: para família, solteiros e indígenas. A gestão é compartilhada entre Ministério da Cidadania, Forças Armadas e ACNUR. O Ministério da Cidadania e o ACNUR são responsáveis pela coordenação de acolhimento e assistência, e as Forças Armadas, pela logística e saúde (BRASIL, nd).

Nos abrigos, os imigrantes ou refugiados têm direito a três refeições por dia, distribuição de fraldas e kits de higiene pessoal e de limpeza, limpeza diária, aulas de português e atividades para crianças, atividades culturais, lúdicas e recreativas, fornecimento de matéria-prima para artesanato indígena warao, provisão telefônica para comunicação com parentes na Venezuela, proteção e defesa de direitos e segurança 24h (GARCÍA, 2021; BRASIL, nd).

Também é realizado um acompanhamento durante todo o processo migratório, que, depois do abrigo, se encerra com o Programa de Interiorização, que proporciona a integração dos migrantes no Brasil, possibilitando, assim, soluções e meios de vida no

território brasileiro, restabelecendo parte da dignidade dos direitos humanos dos migrantes, como será demonstrado a seguir (FFHI, 2020).

Para a sustentabilidade financeira do Operação Acolhida, foi assinado um Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre a União, representada pela Casa Civil, e a Fundação Banco do Brasil (FBB). A cooperação criou um fundo privado para o recebimento de doações ao programa Operação Acolhida. A estratégia é assegurar a continuidade e a expansão das ações de assistência humanitária a refugiados e migrantes que chegam ao Brasil com o apoio de recursos privados garantidos via doação. O governo investiu na mobilização de recursos internacionais e privados e na promoção, na articulação e na sinergia entre as iniciativas da sociedade civil, governos e organismos internacionais para o atendimento às necessidades de refugiados e migrantes aos cuidados da FBB (AGÊNCIA BRASIL, 2020; FGV DAP 2020).

3.2.4 - A Interiorização

A partir da coordenação do Ministério da Defesa, por meio da Operação Acolhida, o governo federal promove o traslado dos refugiados e imigrantes para outros municípios do país com o apoio de agências das Nações Unidas, de governos estaduais e municipais e de parceiros da sociedade civil (FGV DAP 2019, apud OIM, 2018).

O fluxo de interiorização inicia na fronteira com a Venezuela, na cidade de Pacaraima, onde começa a atuar a Força Tarefa Logística (FTLog) da Operação Acolhida, acolhendo e documentando os migrantes no 1º Posto de Triagem (PTrig) e no abrigo temporário BV8 (BRASIL, nd; FFHI 2020).

Em seguida, a logística de transporte humanitário é realizada pelo Exército Brasileiro (EB), sob o monitoramento da Organização Internacional para as Migrações (OIM), rumo aos 12 abrigos temporários na cidade de Boa Vista, em Roraima, onde funciona o 2º PTrig, que atua como Base Operacional do Plano de Interiorização. Nesse ponto, inicia-se o processo de avaliação de perfis e critérios das diferentes modalidades de interiorização disponíveis (BRASIL, nd; GARCÍA, 2021).

As duas etapas se dão por via terrestre e são concluídas no 3º PTrig, em Manaus – AM, onde funciona o Abrigo Temporário de Manaus (ATM), gerido pela Federação Humanitária Internacional. Esta é a última etapa e ponto de saída via aérea para o local de destino. As passagens são fornecidas pela OIM e pelas instituições da sociedade civil em voos comerciais ou da Força Aérea Brasileira (FAB) (BRASIL, nd, FFHI 2020).

Ao longo de 2019, a Operação Acolhida ampliou a estratégia de interiorização com a assinatura de acordos com a Confederação Nacional de Municípios, o ACNUR, a OIM e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) para incentivar municípios brasileiros a acolherem refugiados e migrantes venezuelanos (GARCÍA, 2021). Além disso, para facilitar o traslado aéreo, foram estabelecidos acordos com companhias aéreas, Infraero, Inframerica, Associação Brasileira das Empresas Aéreas e concessionárias de aeroportos para transportar gratuitamente os refugiados e migrantes venezuelanos para diversas cidades brasileiras (FGV DAP 2020, IFFH 2020).

O Plano de Interiorização para os migrantes possui quatro modalidades, com seus respectivos pré-requisitos. A primeira modalidade é o “Abrigo-Abrigo”, as pessoas vão para outros abrigos ou casas de passagens em outras cidades e estados, onde recebem acompanhamento local. A segunda é a “Reunificação Familiar”, as pessoas se juntam a outros integrantes da família com vínculo familiar comprovados, com condições de acolhimento e com declaração de voluntariedade. A terceira é a “Reunificação Social”, os migrantes se reúnem com pessoas conhecidas, sem vínculo familiar, que comprovem ter condições de acolhimento e declaração de voluntariedade. A quarta é a “Vaga de Empregos Finalizada”, as pessoas conseguem uma vaga de emprego comprovada pela empresa empregadora e recebem assistência social da rede local e sociedade civil. A partir desse ponto, as pessoas são interiorizadas por organizações da sociedade civil e do setor privado (BRASIL, nd).

O número de migrantes venezuelanos deslocados no território brasileiro em novembro de 2018 foi de 3.171 pessoas. Em março de 2019, foram 5.482 pessoas, tendo como destinos 84 cidades localizadas em 17 unidades da federação. De abril de 2018 até maio de 2020, o governo federal afirma que 27.222 venezuelanos foram beneficiados pela interiorização, sendo 10.743 apoiados pelo governo federal e organismos internacionais, e 5.868 pela sociedade civil. Em outubro de 2020, 41.146 migrantes foram realocados para cerca de 600 municípios em outros estados. Operação Acolhida encerrou o ano de 2021 com 66,2 mil venezuelanos interiorizados no Brasil. O governo federal e seus parceiros criaram 12 núcleos regionais para realocação a fim de apoiar os governos locais e as organizações da sociedade civil. Além disso, um plano de emergência para responder à covid-19 foi adotado pela Operação Acolhida, incluindo a criação de um campo hospital em Boa Vista, administrado pelo exército, com o apoio do setor privado (R4V, 2020; BRASIL, 2019; BRASIL, 2022; FGV DAPP, 2020, apud OIM, 2019b).

Até agosto de 2022, apenas o estado do Amapá não recebeu venezuelanos por meio da Operação Acolhida. Manaus é a cidade brasileira que mais recebeu migrantes e refugiados com 4.139 pessoas, seguida de São Paulo, que recebeu 2.055 pessoas; Dourados, 1.636; Curitiba, 1.210, e Porto Alegre, 949. Assim sendo, São Paulo é a principal unidade da federação de destino. Os dados retratam também o perfil dos venezuelanos interiorizados: do total, 88% viajam em grupos familiares, e 12%, sozinhos. O perfil inclui 63% de maiores de 18 anos e 37% de crianças e adolescentes, conforme informações do Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização, coordenado pelo Ministério da Cidadania (BRASIL, 2022).

Os refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil que participaram da estratégia de interiorização têm maior acesso ao mercado de trabalho e à educação, em comparação com a população que segue abrigada pela Operação Acolhida no estado de Roraima. A renda média mensal da população venezuelana interiorizada e ocupada acima de 18 anos de idade é de R\$ 1.325,20, sendo ligeiramente superior ao salário-mínimo vigente no Brasil em 2021 e mais que o dobro dos rendimentos da população que segue abrigada pela Operação Acolhida, cujo valor médio é de R\$ 594,70. Mesmo em melhores condições salariais que a população abrigada, a população venezuelana realocada que está empregada ainda ganha cerca de metade da renda da população brasileira (R\$ 2.433) (ACNUR, 2021).

As desigualdades entre gênero acontecem em ambos os grupos. Entre as mulheres interiorizadas, a renda média é de R\$ 1.043,30, inferior à média geral das pessoas interiorizadas. Nesse grupo, a desagregação por raça e cor revela uma maior disparidade entre homens brancos (que têm uma renda média de R\$ 1.591,80) e mulheres negras (com renda média de R\$ 1.041,60). No caso da população abrigada pela Operação Acolhida, a renda média dos homens é de R\$ 628,00, enquanto a das mulheres chega a R\$ 549,50 (ACNUR, 2021).

3.2.4 Interiorização em Curitiba

Antes de falar especificamente sobre a interiorização em Curitiba, vale mencionar que a cidade de Goioerê foi a primeira cidade no Paraná a receber migrantes venezuelanos. Foram 61 venezuelanos (36 adultos e 25 crianças), que se dividem em 16 famílias, alocados em um sítio da Aldeia SOS, podendo permanecer por até um ano no local. Durante esse período, os migrantes recebiam aulas de português e uma ajuda financeira de R\$800,00.

Curitiba, a capital do Paraná, fica a uma distância de Caracas (capital da Venezuela) de aproximadamente 6300km. Com isso, as formas de acesso à cidade ficam limitadas aos voos internacionais ou viagens saindo da Venezuela para a fronteira brasileira e depois para o aeroporto mais próximo, onde são efetuados os voos domésticos. Logo, a migração para Curitiba – assim como outras cidades - precisa ser um evento planejado, uma vez que, ao contrário de outras cidades brasileiras, como Pacaraima e Boa Vista, é muito distante e não pode ser acessada em um curto espaço de tempo por ônibus, carros ou outros meios (GARCIA, 2021).

Os venezuelanos que se mudam para Curitiba são migrantes temporários, refugiados e/ou solicitantes de refúgio participando de programas governamentais federais. Devido aos recentes movimentos migratórios no estado do Paraná, especificamente na cidade de Curitiba, as instituições de atendimento do governo estabeleceram uma política de integração local para os migrantes e refugiados, além de capacitar os atores envolvidos no acolhimento, integração e internalização de refugiados e migrantes (GARCIA, 2021; AILÁN, 2020).

Não há números oficiais sobre o número de venezuelanos que moram na cidade de Curitiba por causa da variabilidade dos movimentos migratórios que chegam à cidade. Apesar do número considerável de venezuelanos que migraram de forma assistida, via Operação Acolhida, existe um grupo expressivo de pessoas que decidem se mudar por conta própria, com seus próprios recursos financeiros (AILÁN, 2020).

Segundo os dados apresentados pela Fundação de Assistência Social (FAS), até abril de 2020, 1.931 pessoas venezuelanas estavam inscritas no município de Curitiba, no CADÚnico. No Relatório CEIM de 10/2016 - 06/2019, o número de venezuelanos registrados e atendidos é de 811.

Os grupos de migrantes e refugiados que chegam em Curitiba de forma assistida vieram por intermédio do programa Recepção Institucional e Integração Local de Venezuelanos Migrantes, financiado pela OIM, agência ligada à ONU, com apoio do UNFPA e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (PARANÁ, 2019; CURITIBA, 2018).

No Paraná, a operação contou ainda com o apoio da 5ª Região Militar do exército, que cedeu três ônibus para transporte entre o aeroporto e o abrigo e a alimentação ofertada na unidade. Todos os venezuelanos que chegaram em Curitiba por meio da Operação Acolhida estavam devidamente documentados, com registros de residência temporária ou de

refugiados, CPF e carteira de trabalho, vacinação, documentação exigida para que pudessem participar do programa de interiorização para imigrantes (Paraná, 2019; Curitiba, 2018).

A prefeitura de Curitiba comumente atende em sua rede de serviços os grupos de imigrantes e refugiados venezuelanos. Ao desembarcarem no Aeroporto Afonso Pena, em São José dos Pinhais, as pessoas são deslocadas e abrigadas no espaço de um antigo seminário da Congregação Carmelitas, no bairro Fanny. A gestão da casa é feita pela Ação Social do Paraná (Paraná, 2019).

Abrigados, os venezuelanos recebem atendimento no Centro de Referência de Assistência Social (Cras), onde são cadastrados no CadÚnico, sistema do governo federal para concessão de benefícios assistenciais, e encaminhados para os demais serviços. Além do acolhimento, os venezuelanos têm direito a aulas de língua portuguesa em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), atividades de integração, oficinas e cursos (Curitiba 2018). Além disso, eles têm direito à matrícula na rede municipal de ensino, qualificação profissional, principalmente nos Liceus de Ofícios, e vagas de emprego por meio dos postos do Sistema Nacional de Emprego (SINE), que, inclusive, já auxiliou na inserção dos imigrantes e refugiados venezuelanos em grandes shoppings da cidade de Curitiba (PARANÁ, 2019, ACNUR, nd).

Um dos shoppings desenvolve internamente com seus colaboradores o projeto educacional Alfabetizando e Derrubando Barreiras, programa oferece aulas gratuitas às pessoas que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada. A iniciativa tem a parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), que cedeu professores para que fossem ministradas aulas nas dependências do shopping. A prova de nivelamento é aplicada pela Secretaria de Educação. O programa tem duração de 18 meses e, no término, todos os colaboradores recebem um certificado de conclusão referente ao grau de escolaridade cursado (Ensino Fundamental ou Médio) (ACNUR, 2021).

Outro equipamento que auxilia o imigrante venezuelano em Curitiba é o Centro de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná (CEIM), instituído no âmbito da Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos (SEJU) por meio do Decreto nº 5232/2016, tendo como objetivo oferecer informações aos migrantes, refugiados e apátridas quanto ao acesso a serviços públicos estaduais e municipais (PARANÁ, 2019; PARANÁ b, 2019 e DEDIHC, nd).

O CEIM realiza ações e atividades de forma integrada e intersetorial com as diversas políticas públicas e órgãos de defesa de direitos. O centro oferece orientação sobre regularização documental (Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), CPF, Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), vistos de reunião familiar, e outros); informações sobre direitos fundamentais e legislação trabalhista; orientação referente à matrícula e à revalidação de estudos realizados no exterior, e acesso à serviços e benefícios da Política de Assistência Social. Estima-se que o CEIM atendeu 2.108 estrangeiros de 40 nacionalidades diferentes desde 2018 (PARANÁ, 2019b; DEDIHC, nd).

No CEIM, o migrante pode pedir equivalência do Ensino Fundamental e Médio, além de se matricular no ensino regular. Na sequência, ele pode realizar um processo seletivo para cursos técnicos e, também, pode fazer a carteirinha da biblioteca pública para as aulas de português e a verificação de vagas nos Centros Municipais de Educação Infantil (PARANÁ, 2019b).

No campo jurídico, é feito todo o acompanhamento legal para que seja possível regularizar o status migratório, a distribuição de informações sobre o acesso à justiça gratuita, a regularização documental, os tipos de vistos, a autorização de residência e a solicitação de refúgio (PARANÁ, 2019b). Na assistência social, são prestados atendimentos com a interlocução dos órgãos, como o Cras, os Centros Especializados de Assistência Social (Creas) e os Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centros POP); com entidades da sociedade civil, referindo-se aos casos de acolhimento e recepção de migrantes, além do encaminhamentos para o cadastro único para verificação de benefícios eventuais e a intermediação de acolhimento institucional (PARANÁ, 2019; PARANÁ, 2019b).

A Universidade Federal do Paraná também exerce um papel importante no acolhimento dos migrantes e refugiados venezuelanos. O Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), vinculado à Cátedra Sérgio Vieira de Melo, do ACNUR, criado em 2013 e finalizado em 2022, abrigou um conjunto de seis projetos de extensão que, além do ensino da língua, inclui capacitação em informática, apoio jurídico e oficinas de História do Brasil (GEDIEL e TATYANA, 2020).

A proposta chegou à universidade através dos órgãos públicos que eram procurados por migrantes e refugiados em busca de soluções para problemas do dia a dia na nova vida. Atualmente o programa envolve os cursos de Direito, Informática, Psicologia, Sociologia,

Letras e seu Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin/Tandem) e o Programa de Educação Tutorial (PET), no curso de História. Nele, atuam professores, servidores, pesquisadores e estudantes de Graduação e Pós-Graduação, que, além de acolherem e apoiarem os refugiados e os migrantes, desenvolvem pesquisas na área (GEDIEL e TATYANA, 2020)

Por meio da Resolução nº 13/2014, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) foi criado o processo seletivo de reingresso para migrantes e refugiados. A normativa foi uma das primeiras iniciativas relacionadas à inclusão desse grupo social no Ensino Superior brasileiro.

Desde 2018, a UFPR conta ainda com vestibular específico para migrantes e refugiados, que busca preencher vagas suplementares e é regido pela Resolução nº 63/2018 do CEPE (UFPR, 2019). Estão aptos a participar do vestibular migrantes e refugiados admitidos no Brasil, com pedido de refúgio ou de visto humanitário. Para participar, é necessário entregar o requerimento pessoalmente na sala do projeto de extensão Refúgio, Migrações e Hospitalidade, que integra o Programa Política Migratória e Universidade Brasileira. Em 2019, foram 149 vagas remanescentes de Graduação, destas, 12 migrantes passaram por todas as etapas do processo que é composto por avaliação preliminar; homologação da inscrição; prova escrita de nivelamento linguístico de português; entrevista com a equipe do Projeto Migração e Processos de Subjetivação; análise da documentação escolar; seleção realizada pelos docentes e resultado. Em 2022, o programa finalizou suas atividades (UFPR, 2019; UFPR, 2019b).

Segundo dados revelados por García (2021), os bairros com maior densidade de venezuelanos em Curitiba estão na região periférica, especificamente eles estão concentrados nos bairros do Cajuru (sudeste), Parolin (centro-sul), Cidade Industrial (sudoeste-oeste) e Alto de Boqueirão/Sítio Cercado (sul). O fato de os migrantes residirem na periferia do município está relacionado a um processo de higienização das áreas mais centrais e nobres da cidade, onde se concentram as áreas turísticas os elementos constitutivos do imaginário social da "cidade modelo de Curitiba" (GARCÍA, 2021, apud ALBUQUERQUE, 2007).

Estudantes migrantes têm preferência pelos bairros perto das universidades para reduzir os custos de transporte. Alguns escolhem os bairros Jardim das Américas, Jardim Botânico, ou Cajuru, porque estudam no Centro Politécnico da UFPR; outros preferem morar

nos bairros Centro, Rebouças e São Francisco, para ter acesso à UFPR e à UTFPR (GARCÍA, 2021).

É comum que o venezuelano interiorizado e acolhido por Ongs (como Caritas ou a Pastoral do Migrante) viva nas proximidades dos abrigos que foram abertos para recebê-los. Nos bairros do Fanny, Lindoia, Guaíra e Parolin, a Cáritas e as instituições encarregadas de administrar o abrigo, que funcionou até abril de 2019, articularam, com a sociedade civil e as igrejas da região, a negociação facilitada de aluguel para os venezuelanos e seus familiares. Nos bairros do Alto do Boqueirão, Xaxim e Sítio Cercado, as próprias comunidades locais se organizaram para recebê-los mediante ações de encontrar moradias e mobílias para as casas, e até mesmo ajuda na obtenção de trabalho (GARCÍA, 2021).

Migrantes vindos de forma autônoma tendem a residir em bairros mais distantes, como o Atuba, Santa Cândida, São Lourenço, Vista Alegre, Mercês e Santa Felicidade, por conta de o aluguel dessas regiões ser mais acessível para eles e da proximidade com as suas atividades de trabalho. Embora a moradia tenha um valor mais alto que nos bairros supracitados, o bairro Água Verde também é muito procurado devido ao rápido acesso ao centro da cidade (GARCÍA, 2021; AILÁN, 2020).

Uma pesquisa realizada por Garcia (2021) com migrantes venezuelanos residentes em Curitiba identificou em qual setor da economia estes estão desenvolvendo atividade laboral. De acordo com os resultados do questionário, 79% dos venezuelanos empregados trabalham no setor terciário da economia, em comparação com 17% que trabalham no setor secundário (construção civil e indústrias), e apenas 4% no setor agrícola.

Muitos venezuelanos entrevistados por Garcia (2021) contaram que, por serem estrangeiros, não são contratados. As empresas alegam impossibilidade de contratá-los devido a problemas de interação na plataforma virtual (e-Social). Isso pode acarretar o estabelecimento de condições locais de trabalho indignos e vulneráveis, resultando em muitos sujeitos em condições análogas à escravidão.

Por fim, mas não menos importante, os migrantes venezuelanos que foram interiorizados relataram a falta de organização e maus tratos por parte das autoridades brasileiras, o controle exagerado de alimentos administrado pelos abrigos e a violência institucional, somando-se a falta de acompanhamento e o controle das organizações que acompanharam a chegada dos migrantes em Curitiba. Muitos foram forçados a deixar o abrigo com o fim do prazo de 90 dias acordado na saída de Roraima, mesmo sem emprego ou

meios de subsistência para se sustentar. Além disso, a dificuldade para obter residência, fruto da grande burocracia associada ao aluguel de imóveis em Curitiba e à grande demanda por residência e espaço para os migrantes venezuelanos, revelou a falta de políticas públicas locais para a integração de estrangeiros (GARCÍA, 2021; AILÁN, 2020).

Logo, no capítulo que segue, apresento e analiso os dados levantados por meio da coleta de dados na rede social *Youtube* e durante as entrevistas.

4. OS *YOUTUBERS* VENEZUELANOS

4.1 - ETNOGRAFIA ONLINE

Este capítulo foi criado com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor sobre quais e como foram coletados os dados visando o entendimento da proposta apresentada, mesmo que não seja comum um capítulo sobre etnografia ou apresentar as questões metodológicas em pesquisas em Sociologia.

Dito isso, esta pesquisa se qualifica como qualitativa, realizada em ambiente on-line, lançando mão, como recurso, da coleta de dados e da análise dos conteúdos das redes sociais virtuais de migrantes venezuelanos, como postagens, vídeos, interação com espectadores, comentários dos usuários e respostas do criador do canal a estes, quantidade de comentários, número de vídeos subidos (*uploads*), duração dos vídeos, número de inscritos, composição do perfil (signos, estética), formas de gravação e edição de vídeos. Tal análise se deu por meio do método da Análise de Redes Sociais, aplicada ao contexto da migração. Foram observados vinte canais de migrantes no *Youtube* sem que o pesquisador se apresentasse, interagisse ou pedisse permissão para os criadores de conteúdo.

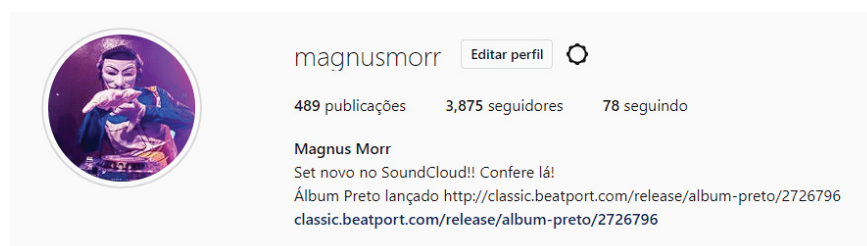
O critério de escolha para a observação das redes sociais foi ser migrante de qualquer gênero e/ou idade que tenha criado canais de comunicação em redes sociais virtuais (*Youtube*, *Twitter*, *Instagram*, e *Facebook*), voltados a informar aos conterrâneos sobre os assuntos de interesses comum, como preços de mercadorias, aluguéis, documentação, formação acadêmica, dentre outros.

Os participantes foram encontrados via pesquisa no *Youtube* por meio das palavras-chaves “venezuelanos; Brasil; Curitiba”. Assim, iniciou-se um processo de filtragem dos conteúdos que surgiram como recomendação até encontrar os perfis que se enquadraram como webdiáspora, a saber, vinte perfis de interesse.

Desses vinte criadores de conteúdo on-line observados, onze eram mulheres, e nove homens. Nenhum dos canais pode ser considerado de médio ou grande porte (no que se refere à quantidade de usuário, ao número de visualizações e às interações nos vídeos), sendo que o menor possui duzentos e três inscritos, e o maior, vinte e seis mil. Todos os criadores de conteúdo foram convidados para entrevista, tendo o primeiro contato realizado via e-mail disponível na página deles no *Youtube*.

Como ninguém respondeu ao chamado, o aplicativo *Instagram* foi o recurso escolhido, tendo em vista que todos os *youtubers* venezuelanos observados utilizam o aplicativo. Do perfil pessoal no Instagram do pesquisador, foi enviado o convite para participar da entrevista, no entanto, não obteve resposta. Há dois motivos que podem ter acarretado a falta de resposta; um deles seria a foto que o pesquisador utiliza em sua página pessoal, além de usar um pseudônimo como *nickname* (Magnus Morr), como indica a Figura 1, e o fato de que as mensagens de pessoas que não seguem as páginas vão para a pasta geral ou como solicitação, quando o perfil é fechado, não sendo notificada a mensagem ao dono da página.

FIGURA 7 – PÁGINA DO *INSTAGRAM* DO PESQUISADOR



FONTE: <https://www.instagram.com/magnusmorr/>

Sobre a imagem usada no perfil, como indica a Figura 1, é o personagem V, conhecido no Brasil nos levantes contra a Copa do Mundo, entre 2013 e 2015, associado aos movimentos autônomos e anarquistas. O personagem, na foto, veste uma camiseta com a imagem de um personagem de anime japonês, o Vegeta, do *Dragon Ball Z*. Não dá para afirmar que falta de resposta tenha alguma relação com a página do *Instagram*. Tal hipótese vem do fato de que, quando foi utilizado o *Instagram* do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR (PPGSocio – UFPR) o convite foi respondido.

FIGURA 8 – PÁGINA DO *INSTAGRAM* DO PPGSOCIO – UFPR

FONTE: <https://www.instagram.com/ppgsocioufpr/>

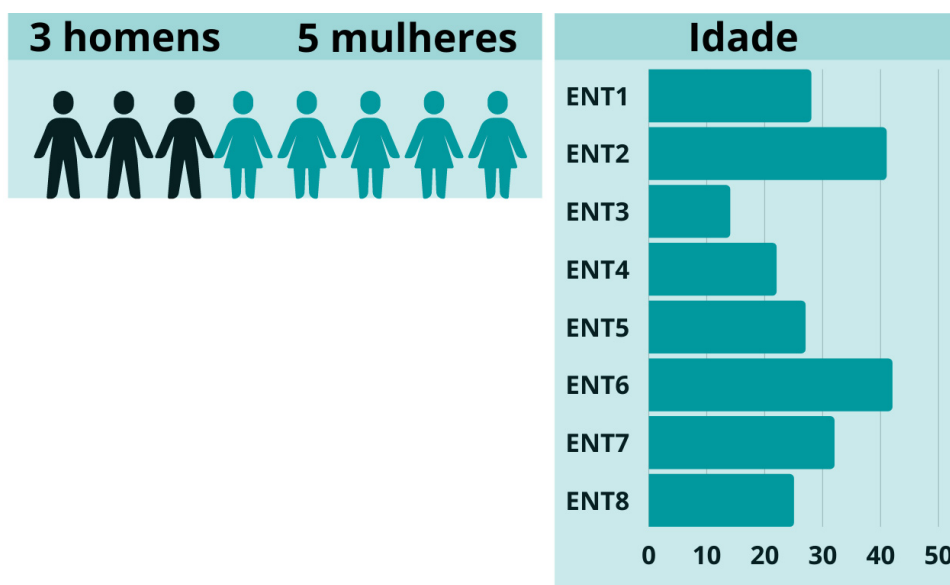
No entanto, as respostas não foram imediatas, salvo dois entrevistados. Para conseguir a resposta de alguns *youtubers* via página do PPGSocio – UFPR, o pesquisador se viu obrigado a seguir a página da rede social dos migrantes, acompanhar as postagens deles por alguns dias e curtir as postagens na linha do tempo e no *stories*), dessa maneira, sendo uma forma de dizer “ei, estou aqui te observando, fala comigo”. A estratégia surtiu efeito e, assim, o contato com os entrevistados foi estabelecido. Vale informar que alguns *youtubers* resistiram muito a participarem da entrevista, sendo necessário convidar mais de três vezes (e fazer convites nos comentários das postagens).

A seguir, mais informações sobre os perfis dos dados das redes sociais virtuais dos migrantes são mostradas.

4.2 - ANALISANDO AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Foram encontrados 20 perfis de interesse. Desses, 11 responderam ao convite e participaram da entrevista. Contudo, três foram descartadas: duas pelo fato da atividade on-line do migrante não configurar a webdiáspora e uma terceira porque houve problema na conexão de internet. Ao final, temos oito entrevistas válidas, realizadas com três homens e cinco mulheres, com idades variando entre 14 e 42 anos, sendo aqui denominados de Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3, Entrevistado 4, Entrevistado 5, Entrevistado 6, Entrevistado 7 e Entrevistado 8. As entrevistas duraram em média uma hora e trinta minutos via aplicativo *Google Meet* e foram gravadas. Como não houve possibilidade dos entrevistados assinarem o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (em anexo), no início da reunião, cada participante foi devidamente informado sobre os termos, os aceitando, e, em seguida, foram convidados a dizer que participavam da pesquisa por livre consentimento.

FIGURA 9 – GÊNERO E IDADE DOS ENTREVISTADOS



FONTE: pesquisa de campo

Embora os migrantes venezuelanos no *Youtube* não apresentem canais considerados médios e/ou grandes, com mais de 100 mil seguidores²⁵, o interesse dos espectadores pelo tema da webdiáspora é bem expressivo. Desde o ano de 2018, quando o primeiro vídeo sobre a temática estudada foi lançado, até o ano de 2022, foram seis milhões de espectadores que assistiram aos conteúdos ao menos uma vez. Um total de 944 vídeos sobre a temática foram produzidos e os vídeos têm, em média, oito minutos e outros, os *shorts* (pequenos), tem 30 segundos. Mas não há dados sobre a quantidade total de horas assistidas. Somando todos os inscritos nos canais observados, são 82 mil pessoas inscritas, conforme o quadro a seguir.

QUADRO 8 – DADOS DOS CANAIS ENTRE 2017 E 2021

	Quantidade de vídeos	Quantidade de visualizações	Quantidade de inscritos	Primeiro vídeo	Continua ativo
Entrevistado 1	42	19.697	1250	2018	sim
Entrevistado 2	23	6.797	210	2017	não
Entrevistado 3	126	406.825	9320	2021	sim
Entrevistado 4	61	501.427	11675	2021	sim
Entrevistado 5	100	124.777	1520	2018	não
Entrevistado 6	290	1.935.652	16000	2017	sim
Entrevistado 7	78	1.007.521	18300	2020	sim

²⁵ O maior *youtuber* do Brasil é Felipe Neto, com 43,9 milhões de inscritos.

Entrevistado 8	302	2.313.959	24364	2017	sim
TOTAL	944	6.317.599	82.639		

FONTE: pesquisa de campo

O canal com maior número de inscritos conta com 24 mil usuários e o menor, com 210. O número dos vídeos nos canais é diretamente proporcional ao número de visualizações altas e ao engajamento nos comentários. Os canais com mais vídeos são os que produzem uma média de três vídeos por semana. Três entrevistados iniciaram suas atividades durante a pandemia e em território brasileiro. Os outros já trabalhavam com o conteúdo on-line antes da diáspora, porém, foi no Brasil que investiram mais tempo e técnica na atividade. Dois migrantes não produzem mais conteúdo: um por não ter mais tempo livre para se dedicar a produção de conteúdo devido a uma gravidez inesperada, e outro por se sentir frustrado pelo retorno de visualizações.

QUADRO 9 - LÍNGUA UTILIZADA

	Vídeos em espanhol	Vídeos em português	Responde comentários em português	Responde comentários em espanhol
Entrevistado 1	X	X	X	X
Entrevistado 2		X	X	X
Entrevistado 3		X	X	X
Entrevistado 4		X	X	X
Entrevistado 5		X	X	X
Entrevistado 6	X		X	X
Entrevistado 7	X		X	X
Entrevistado 8	X		X	X

FONTE: pesquisa de campo

Inicialmente, os *youtubers* venezuelanos desta pesquisa utilizaram a língua espanhola em suas produções. Com o passar do tempo e percebendo o aumento de brasileiros entre os espectadores, quatro deles passaram a apresentar seus vídeos em língua portuguesa (embora interajam em língua espanhola nos comentários). Contudo, outros quatro mantiveram o uso do espanhol. Os canais com maior visualização e engajamento são em língua espanhola, ainda que os comentários contidos nos vídeos desses canais sejam em língua portuguesa. Este fato é consequência dos canais dos *youtubers* venezuelanos estarem alocados no *Youtube* Brasil²⁶, o que faz com que grande parte da audiência dos migrantes seja composta de brasileiros e por

²⁶ Embora o *Youtube* utilize o endereço www.youtube.com, baseado no endereço eletrônico (IP) do computador/celular/tablet do usuário, este é encaminhado para o *Youtube* da região do usuário

peessoas migrantes já residentes no Brasil, conforme informado por eles durante as entrevistas. O que infere que os criadores de conteúdo adaptam suas produções conforme a resposta dos espectadores que os assistem. E, apesar do uso da sua língua nativa nos vídeos, os criadores de conteúdo respondem em língua portuguesa quando questionados por brasileiros. Porém, seguem criando seu material em língua espanhola, mesmo com a reclamação de alguns usuários brasileiros, que pedem que os vídeos sejam feitos em língua nativa. É comum encontrar nos comentários dos vídeos feitos em língua espanhola usuários do Brasil reclamando pelo conteúdo não estar em português²⁷.

FIGURA 10 – IMAGEM DE CAPA DE UM CANAL DE MIGRANTE NO *YOUTUBE*



FONTE: <https://www.youtube.com/c/LasAventurasdeJimmito>

Uma similaridade casual e não combinada entre os *youtubers* presente em todos os canais é o uso das imagens da bandeira do Brasil e da Venezuela. Aparentemente é uma forma de aproximar e atrair atenção tanto de brasileiros (curiosos em conhecer a trajetória e história de vida dos migrantes) quanto venezuelanos (que buscam informações sobre o local de chegada ou apenas se entreterem). Todos os canais apresentam estes signos na arte de apresentação do canal ou nos *cards* (imagens de chamada) dos vídeos, e, na descrição do canal, explicitam se tratar de um venezuelano vivendo no Brasil.

Quanto ao uso de outras redes sociais virtuais, os *youtubers* que têm maior visualizações e inscritos são ativos no *Instagram*, *Facebook* e *TikTok*. Nenhum dos entrevistados utiliza o microblog *Twitter*. O *Instagram* é utilizado por todos. Quem utiliza apenas o *Youtube* como forma de divulgação de seus vídeos não consegue atingir muitas visualizações, como é o caso dos entrevistados 1 e 4.

²⁷ Analisando os comentários de brasileiros, não há nenhuma reclamação que mostre um não entendimento sobre os conteúdos contidos nos vídeos. As reclamações sobre a escolha de língua parecem estar relacionadas a uma questão de espaço, ou seja, “se você está no Brasil, tem que falar português.

QUADRO 10 - REDES SOCIAIS VIRTUAIS

	<i>Facebook</i>	<i>Instagram</i>	<i>TikTok</i>	<i>Twitter</i>
Entrevistado 1	X			
Entrevistado 2		X		
Entrevistado 3		X		
Entrevistado 4	X			
Entrevistado 5		X		
Entrevistado 6	X	X	X	
Entrevistado 7	X	X	X	
Entrevistado 8	X	X	X	

FONTE: pesquisa de campo

Quanto aos temas dos vídeos, embora cada canal tenha sua especificidade técnica e estética, eles têm muitas coisas em comuns, inclusive os temas dos vídeos e até mesmo a forma como se fala e a maneira de nominar o material on-line. Os migrantes, em seus canais, falam sobre locais turísticos para visitar, para retirada de documento, dicas para facilitar o aprendizado da língua portuguesa, sobre moradia (valores, bairros, locais próximos), conversas sobre diferenças culturais, locais para emprego e discussões sociopolíticas.

QUADRO 11 - TEMA DOS VÍDEOS

	Turismo	Dicas retirada de documentos	Ensino língua portuguesa	Dicas/aluguel	Cultura e costumes locais	Dicas para encontrar trabalho	Política e sociedade
Ent.1	X	X	X			X	
Ent 2	X				X		
Ent 3	X				X		
Ent 4		X			X	X	
Ent 5				X			X
Ent 6	X	X				X	X
Ent 7	X	X	X	X	X		
Ent 8	X	X		X	X	X	

FONTE: pesquisa de campo

Ao analisar os dados apresentados, inferimos que os *youtubers* migrantes vão construindo seu conteúdo conforme as respostas positivas ou negativas de seus usuários. Parece haver pouco espaço para novas ideias e conteúdos, sendo que o material exposto normalmente é uma versão, com algumas alterações, quando há, de algo que já foi apresentado em outro canal. Não digo que é uma cópia ou falta de criatividade do youtuber para inventar e criar temas. Demonstra uma preocupação deles em aumentar o engajamento

do seu próprio canal investindo em materiais que “dão certo”, ou seja, que tiveram resposta positiva de visualizações e comentários.

E, em todos os canais observados, uma temática recorrente é a questão dos preços e da variedade de produtos em supermercados, e isso ocorre tanto no maior, quanto no menor canal de migrantes venezuelanos. São vídeos que mostram as mercadorias em um mercado brasileiro, comparando com a realidade na Venezuela. E este tipo de conteúdo atrai muitos espectadores e, com eles, a caixa de mensagens se enche de discussões, principalmente entre brasileiros colocados em lados opostos no espectro político (bolsonaristas x lulistas), como será demonstrado a seguir.

4.2.1 - O vídeo sobre as diferenças de preços e produtos entre supermercados no Brasil e Venezuela

O conteúdo do supermercado é um tema que atrai muita atenção e curiosidade dos espectadores, pois os vídeos com o tema tem repercussão que, mesmo canais pequenos (com menos de 500 inscritos e média de 200 visualizações por vídeo) ultrapassam cinco mil espectadores e mil comentários, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 12 – O VÍDEO SOBRE SUPERMERCADO

	Quantidade de visualizações	Curtidas	Comentários
Entrevistado 1	4.398	435	25
Entrevistado 2	3.278	315	47
Entrevistado 3	124.100	13.000	2.398
Entrevistado 4	25.745	1.500	254
Entrevistado 5	223.695	19.000	1.987
Entrevistado 6	73.315	3.500	1.483
Entrevistado 7	88.812	8.400	1.059
Entrevistado 8	2.479	277	73
TOTAL	545.822	46.427	7326

FONTE: pesquisa de campo

No universo dos entrevistados, um total de 545 mil pessoas assistiram aos vídeos pelo menos uma vez. Na soma, estes conteúdos têm 46 mil curtidas e sete mil comentários. Ou seja, é uma temática que causa curiosidade nos brasileiros devido às representações sociais em torno da Venezuela e da crise humanitária, como é possível observar nos comentários, sendo de utilidade para os imigrantes instalados no Brasil, para quem busca informações

sobre os supermercados com preços mais acessíveis e para as pessoas em projeto de diáspora, que se inteirem sobre os preços do local de chegada.

Normalmente os vídeos têm, em média, oito minutos e mostram os valores da mercadoria, comparando com a realidade brasileira com a venezuelana. Os vídeos recebem nomes como: “TEM muita COMIDA gostosa NO BRASIL”, “SUPERMERCADO NO BRASIL”, “Compras en SUPERMERCADO en BRASIL”, “QUEDÉ IMPRESIONADA con MERCADO MUNICIPAL en CURITIBA BRASIL ¡Muy bonito!| VENEZOLANOS EN BRASIL”, “SUPERMERCADO NO BRASIL 2021, PREÇOS DA COMIDA | Venezuelana mostrando os preços”. O destaque nas palavras supermercado e Brasil aparece em cinco dos oito canais analisados, portanto, parece ser uma estratégia para chamar atenção do espectador que gosta desse tipo de conteúdo.

A estética entre os diferentes vídeos também é semelhante. Inicia-se o vídeo com uma saudação e logo depois o ângulo da câmera abre e toda imponência do supermercado é enquadrada no vídeo. Logo após, as mercadorias são mostradas e, neste momento, os vídeos se diferenciam em três tipos, definidos pelo pesquisador como categorias e vídeos de supermercados: curiosidades (quantidade de produtos, diferença dos preços, mercadorias consideradas caras na Venezuela, que, no Brasil, são de fácil acesso, e vice-versa), sociopolítico (que discute a questão social por trás da mercadoria, do efeito do governo sobre o consumo, divagações sobre a cultura neoliberal da liberdade total, críticas ao “marxismo venezuelano” e o mal que a esquerda causa a uma nação) e utilidade (quanto se compra com R\$100, diferença dos preços entre os supermercados, “mercado de rico x mercado de pobre”).

QUADRO 13 - REDES SOCIAIS VIRTUAIS

	Curiosidades	Político	Utilidade
Entrevistado 1		X	
Entrevistado 2			X
Entrevistado 3	X		
Entrevistado 4	X		
Entrevistado 5		X	
Entrevistado 6		X	
Entrevistado 7			X
Entrevistado 8			X

FONTE: pesquisa de campo

Dos entrevistados, três produziram vídeos de cunho político e com críticas contundentes ao governo de Maduro, ao Socialismo, ao Comunismo e a Karl Marx. Dois

youtubers optaram por demonstrar as diferenças culturais entre o Brasil e a Venezuela por meio das formas de comer, diferentes nomes das mesmas mercadorias e quantidade da mesma mercadoria com marcas diferentes. Os últimos três escolheram demonstrar o que pode ser adquirido com determinado valor no supermercado e qual das franquias é mais vantajosa visitar para aquisição de mercadorias (atacadão em vez dos mercados da classe média curitibana).

Dentre os entrevistados, o vídeo mais antigo sobre supermercados no Brasil comparando com a Venezuela foi lançado em 2019 e atingiu 79 mil visualizações, três mil curtidas e 486 comentários. O vídeo com maior número de visualizações, lançado em 2022, chegou em 223 mil espectadores, com 19 mil curtidas e 1919 comentários. O mais recente foi lançado em maio de 2022 e tem 25 mil visualizações, 1500 curtidas e 256 comentários.

Visando aprofundar a análise de conteúdos, utilizamos o aplicativo *Facerpager* para coletar todos os comentários contidos nos vídeos de supermercado. Este aplicativo se conecta com o *Youtube*, via conta do *Google*, e faz consulta dos comentários e réplicas em um vídeo e os tabula. A tabulação é analisada no programa *NVivo* por meio da consulta de frequências de palavras. Com isso, chegou-se à seguinte nuvem de palavras:

FIGURA 11 – NUVEM DE PALAVRAS

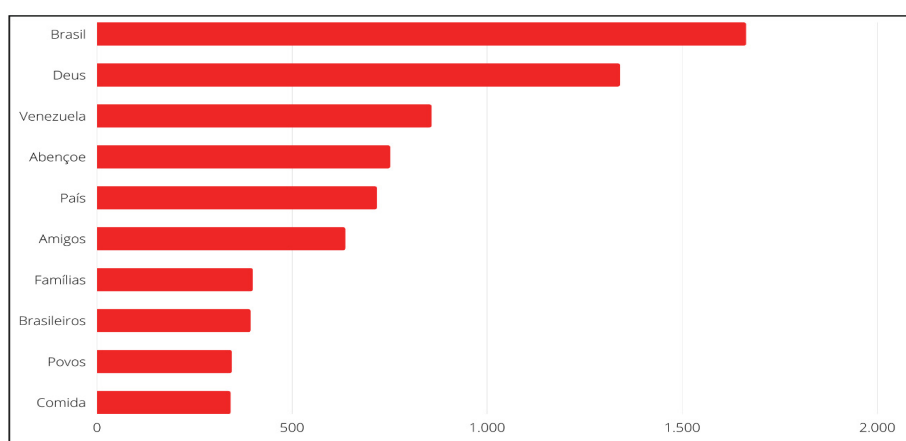


FONTE: pesquisa de campo, aplicativo *NVivo*.

Estas são as trinta principais palavras utilizadas nos comentários dos vídeos sobre supermercados. A palavra “Brasil” é a mais citada, com 1663 contagens. Em seguida, vem a palavra Deus (1340 contagens) e Venezuela (857 contagens). Logo depois, a palavra abençoe (751 contagens), país (636 contagens), amigos (457 contagens) e família (399 contagens).

Seguindo, surgem palavras como brasileiras (393 contagens), comida (342 contagens), venezuelano (313 contagens), governos (290 contagens), socialismo (272 contagens), Lula (253 contagens), comunismo (216 contagens), Bolsonaro (197 contagens), comprar (181 contagens), fome (178 contagens), esquerda (170 contagens), supermercados (166 contagens) e Maduro, que aparece no final da lista (123 contagens).

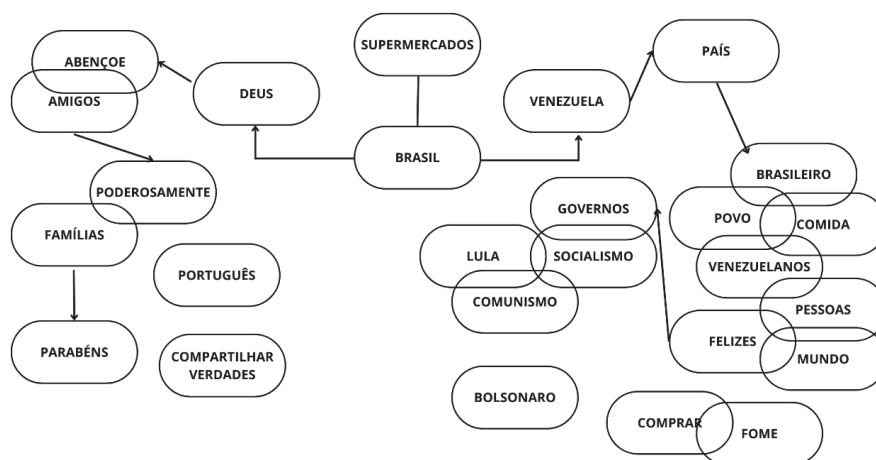
GRÁFICO 7 – PRINCIPAIS PALAVRAS UTILIZADAS NOS COMENTÁRIOS



FONTE: pesquisa de campo

Conforme a tabulação, temos o seguinte grupo de palavras, reunidas segundo temáticas, apontada na Figura 25:

FIGURA 11 – TABULAÇÃO GRUPO DE PALAVRAS AGRUPADAS

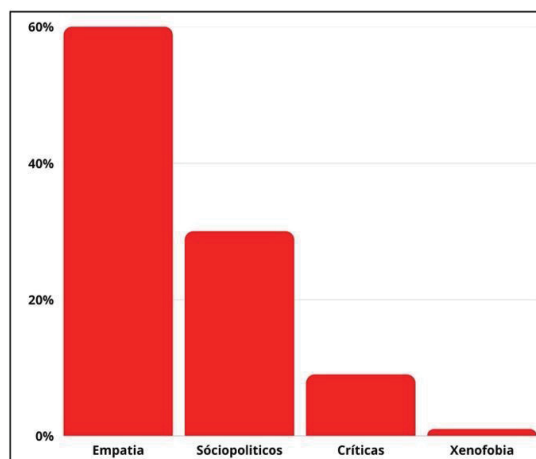


FONTE: pesquisa de campo

A palavra supermercados é o ponto de ligação entre todos os vídeos. Dela, a palavra Brasil é o que mais consta nos comentários analisados constituindo o primeiro nó, que se desdobra em duas palavras também presentes em grande quantidade de comentários: Deus e Venezuela. Observando os significados dos comentários com estas palavras, criamos dois grupos temáticos de comentários: comentários de empatia e comentários políticos. No organograma, à esquerda, as palavras caracterizadas como comentários de empatia foram agrupadas (abençoe, amigos, família, parabéns, português). À direita, o grupamento representa os comentários políticos (Venezuela, brasileiro, povo, fome, comprar, Lula, Bolsonaro, etc).

Incluimos na análise dos comentários o que chamamos de “comentários de críticas”, embora estes não apareçam no organograma de palavras, nem na nuvem de incidência de palavras, os comentários dessa natureza são encontrados em todos os vídeos. Comentários xenófobos não são expressivos (em números), mas incomodam os *youtubers*, entretanto, por questões metodológicas, foram incluídos na categoria “críticas”.

GRÁFICO 8 – CATEGORIAS DE COMENTÁRIOS



FONTE: pesquisa de campo

Como se pode ver no gráfico acima, 60% dos comentários são de “empatia” (aproximadamente 4395 comentários). Seguidos de comentários políticos, com 25% (1881 comentários) e críticas, com 14%, incluindo os comentários xenofóbicos, com 1%. Isto

mostra que, ao menos na internet, ou no *Youtube*, o tratamento dos migrantes venezuelanos pelos usuários da rede social parece ser positivo, prevalecendo os comentários de empatia em detrimento às críticas ou discussões políticas/ideológicas. Vale reforçar que a maioria desses comentários é de brasileiros, logo, infere-se sobre a percepção que, no mundo virtual, há uma grande empatia e aceitação em relação ao migrante venezuelano. Abaixo, seguem os exemplos de comentários de empatia, político e críticas²⁸.

QUADRO 14 - COMENTÁRIOS DE EMPATIA

Gostei da maneira que você colocou cada comparação. Muito expressivo e simpático. Parabéns! Que seu canal cresça mais e mais. Que você continue sempre com esse riso gostoso na face e nunca deixe de sonhar porque os sonhos se realizam <i>à medida em</i> que temos o ardente desejo por cada um deles. Enfim, que Deus te abençoe.
Amamos todos os nossos <i>irmãos venezuelano</i> de coração <i>quer</i> Deus te <i>fasa</i> muito feliz aqui no Brasil.
***** sou brasileira, gosto de ver seus vídeos acho muito legal, não ligue pra certos comentários inúteis, o Brasil é uma pátria mãe gentil e tem sim lugar pra vocês, se muitas pessoas soubessem ou vivessem realmente o que os <i>venezuelanos</i> passam, não fariam <i>tanta</i> besteiras, devemos nos colocar no lugar um do outro, pois foi assim que fui educada, fico triste em ver ofensas desse tipo, mas como falei pra um casal de <i>venezuelanos</i> com quem conversei aqui perto da minha casa, eu disse que são guerreiros e que tenham paz e sossego e que DEUS os abençoe aqui no Brasil e o mesmo desejo a você, tudo de melhor, pois todos merecem recomeçar! Um abraço e sempre acompanho seu canal 🍀🍀 Sucesso!
Adorei seu vídeo. Interessante como coisas comuns para nós podem ser diferentes para outros países. Seja muito bem-vinda ao Brasil. Sou do estado de São Paulo. Beijos.
seja bem-vinda, amiga, o Brasil ama a todos.
DEUS ABENÇOE A VC E SUA FAMÍLIA 🙏🙏🙏 seja bem -vinda ao Brasil.
sejam bem-vindos a esta nação abençoada que acolhe a todos, os olhos de Deus <i>está</i> sobre este País.

FONTE: pesquisa de campo

QUADRO 15 - COMENTÁRIOS POLÍTICO

Ainda assim muitos passam fome. Outros ganham salário-mínimo de escravos mal <i>da</i> para se alimentar com dignidade. O estado coloca as pessoas nessa situação. Se o empregador paga mil reais para o funcionário, tem que pagar mil reais para o governo. Tudo o governo tem que pegar para Ele, roubo que leva os mais pobres a viverem sem o mínimo de dignidade... e não devolve nada, educação pública de péssima qualidade. Saúde pública de péssima qualidade. Segurança pública de péssima qualidade... no Brasil há muita <i>hipocrisia</i> . Muitos acreditam que o mundo gira em torno somente de seus umbigos.
sinto muito pelo governo que vcs <i>tem</i> ! seja bem-vinda ao Brasil... democracia é a melhor liberdade 🙌.
Isso não é um vídeo comparativo, isso é uma verdadeira aula de economia e sociologia. Parabéns pelo vídeo, ele é muito importante, <i>pq</i> existem muitos brasileiros cegos pela esquerda que elogiam o regime do Maduro.
Esquerda NUNCA MAIS. PT NUNCA MAIS. Comunismo socialismo NÃO.
Viva Bolsonaro 🇧🇷🇧🇷🇧🇷 <i>TMJ</i> , viva o Brasil 🇧🇷 viva o povo brasileiro e viva os imigrantes... vc ganhou mais um inscrito aqui de Guarulhos, São Paulo.

²⁸ Apesar das normas gramaticais vigentes em nosso país, escolho lançar mão dos comentários na íntegra, com seus erros, emojis e conteúdo.

Olha esquerdopatas burros, isso que aconteceu na Venezuela foi apoiado por Lula.
Deus nos livre do comunismo!

FONTE: pesquisa de campo.

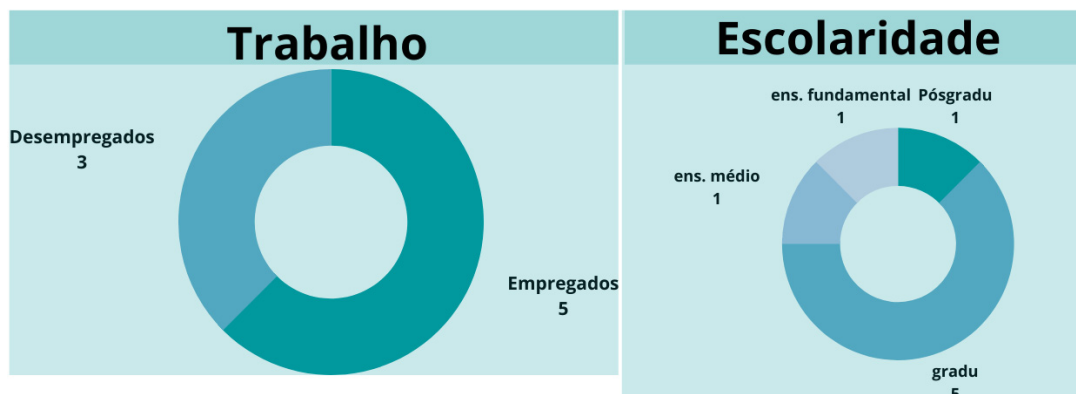
QUADRO 16 - COMENTÁRIOS CRÍTICOS/XENOFÓBICOS

Fora Venezuela!! Saí daqui comunistas, voltem <i>pra</i> onde <i>voceis</i> não deveria ter <i>saido</i> ! Ninguém quer <i>voceis</i> aqui. Deus no comando!!
Cara, vai fazer aula de dicção. Sua voz é horrível, respira <i>pra</i> falar que <i>daí</i> dá pra entender. Pelo amor de Deus.
Se <i>vc</i> está no Brasil, <i>vc</i> deve falar brasileiro. Não ter <i>pq</i> falar espanhol no Brasil. Toma aí meu <i>deslike pra vc</i> , com força no botão.
Invasores!! Não tem espaço <i>pra vcs</i> aqui!!
Muito lindo fugir do país e <i>deixa</i> o Maduro fazerem tudo bom o povo. Covardes!! Voltem e <i>lutam</i> e nos deixem em paz. Não <i>vem roba</i> nossos empregos e trazer comunismo <i>pra</i> cá. Já basta o Lula. Deus não permitirá!!

FONTE: pesquisa de campo.

4.3 - DADOS DAS ENTREVISTAS

FIGURA 13 – DADOS 1

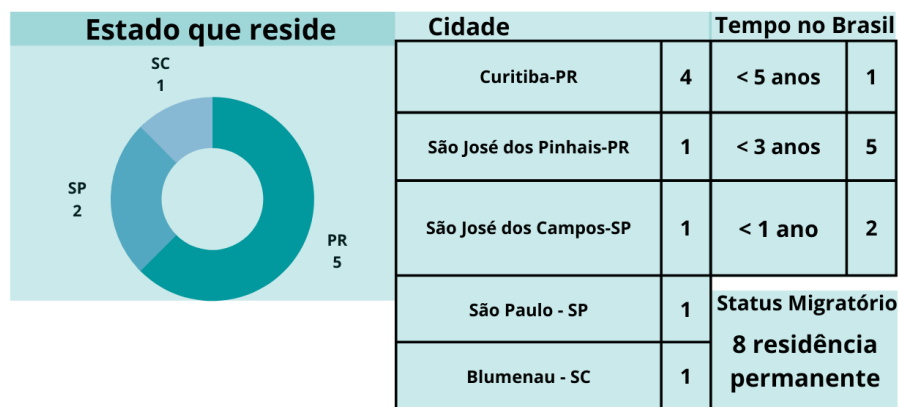


FONTE: Pesquisa de campo

Como já falado anteriormente, oito pessoas foram entrevistadas. Destas, seis tem Graduação completa, um deles com Especialização (Ciências Políticas) e um com duas Graduações finalizadas (Artes Cênicas e Radiofusão). Um dos entrevistados finalizou o Ensino Médio completo, e um estava cursando o Ensino Fundamental. No que se refere à atividade remunerada, dois estavam desempregados, cinco colocados, três com carteira assinada, no mercado de trabalho, mas nenhum exercia funções referentes às suas formações acadêmicas. As atividades remuneradas dos entrevistados eram as seguintes: garçonne em uma cafeteria, assistente de mecânico em uma automecânica, assistente de caixa em um

armarinho, cabeleireira, caixa de mercado. Apenas o pós-graduado, no momento da entrevista desempregado, realizou alguma atividade relacionada a sua formação.

FIGURA 14 – DADOS 2



FONTE: pesquisa de campo

Cinco entrevistados residiam no Paraná no momento da entrevista²⁹, quatro na cidade de Curitiba e um em São José dos Pinhais. Dois em São Paulo (capital e São José dos Campos) e uma em Santa Catarina, na cidade de Blumenau. Três são casados com venezuelanos, um deles teve dois filhos no Brasil, um amasiado (que se juntou com um brasileiro e teve um filho aqui) e quatro solteiros, no momento da entrevista. No que se refere ao tempo de permanência no Brasil, um reside no país há mais de cinco anos, cinco entrevistados há três anos, e dois chegaram há cerca de um ano. Todos eles estão com o status de residência permanente.

Todos os participantes moram em casas alugadas. Cinco residentes no Paraná foram auxiliados por outros migrantes ou por instituições religiosas para encontrar um local para morar, por isso não tiveram dificuldades com documentações, e normalmente eram indicados onde iriam residir. O entrevistado que veio sozinho para Curitiba foi ajudado pelos próprios moradores de Curitiba.

Quanto ao deslocamento para a cidade de destino, apenas dois entrevistados chegaram via Operação Acolhida, por não terem capacidade financeira de realizar a viagem por conta própria. Foram interiorizados para Curitiba e São Paulo. Quatro voaram diretamente, três com recursos próprios e um por meio de um empréstimo feito por familiares, de Caracas até o estado brasileiro onde atualmente residem, e os outros dois atravessaram a fronteira da

²⁹ Dois deles retornaram para Venezuela em junho de 2022

Venezuela com o Brasil de ônibus, em direção a Manaus, depois tomaram um avião para Curitiba. Três entrevistados vieram ao Brasil com cônjuges (um deles, além da esposa, veio acompanhado dos irmãos), dois vieram sozinhos (um deles é uma mulher) e três foram acompanhados por pais e/ou irmãos. Nenhum dos entrevistados realizou a diáspora com filhos.

Os oito entrevistados são de grupos sociais diferentes³⁰, com histórias e motivações diferentes para a diáspora e para a criação de um meio de comunicação relacionado à webdiáspora, além de motivos diferentes que os levaram a deixar seu país de origem. Quanto aos motivos da diáspora, foram elencadas três motivações principais: projeto pessoal (relacionado a estudos ou trabalho), crise econômica, e acompanhar a família.

QUADRO 17– MOTIVOS PARA SAIR DA VENEZUELA

	Projeto pessoal	Crise econômica	Família
Entrevistado 1	X		
Entrevistado 2		X	
Entrevistado 3			X
Entrevistado 4		X	X
Entrevistado 5		X	
Entrevistado 6		X	
Entrevistado 7		X	
Entrevistado 8		X	X

FONTE: pesquisa de campo

Dos entrevistados, um abandonou a Venezuela devido a um projeto pessoal, pois pretendia ingressar em alguma especialização na área de Ciência Política, afirmando que, embora a crise no país vizinho estivesse piorando, fazia parte de seu projeto pessoal ir para o Brasil. Outro entrevistado, que tem menos de 18 anos, veio acompanhado pela família; estes, sim, saíram da Venezuela por conta dos baixos salários e escassez de alimentos. Os outros seis deixaram seu país devido ao agravamento da crise econômica e social que a Venezuela atravessava no momento da diáspora. As transcrições que seguem foram escritas da mesma maneira que os entrevistados falaram.

Eu saí em 2018 fevereiro, eu já tinha planejado desde 2017 e, nesse ano de 2018, a gente comprou as passagens aéreas e vim *em* São Paulo. Não conheci Pacaraima, se tornou famosa depois uns meses, por conta da eleição de Maduro. Foi eleito muito controverso. Mas a minha vinda foi outros motivos, né?! A situação da Venezuela

³⁰ Estudante de Ensino Médio, trabalhador da construção civil, radialista, cientista político, programador e historiador.

não *tava* boa, mas eu tinha o projeto de me formar no Brasil, *tô* fazendo uma Pós-Graduação e esse foi o meu objetivo principal (Entrevistado 1).

Estava trabalhando *um* projeto pessoal que, para mim foi, foi corrido, eu trabalhei muito. Me sentia bem profissionalmente, eu tinha um programa de rádio que era de segunda à sexta (...) eu decidi, como vocês *fala*, “chutar o balde” (risos) e ir embora porque, assim, eu comecei a me sentir realizada no trabalho, mas financeiramente mal dava para comprar um frango, entende?! E meu programa era censurado, entende?! Só podia falar de entretenimento, de gente que se acha importante e vai em festa, porque *tá* bem financeiramente. Aí o país *tá* ruim, essa gente *tá* bem, e eu não posso falar de nada que não seja entretenimento. Peguei minhas coisas e fui embora, rápido assim, foi difícil, mas aqui estou, né?! (risos)” (Entrevistado 2).

Eu vim porque minha família já *tava* aqui, né?! Meu pai e meu irmão, que vieram lá da fronteira, ficaram no acampamento do exército, aí que foram pra Manaus. Depois que eles se acertaram, a gente foi. O plano era ir pra Argentina, mas *acabando* parando em Curitiba. A situação *tava* ruim em casa, aí decidimos fugir do Maduro (risos) (Entrevistado 3).

Todos contavam com algum conhecido na cidade de destino que os ajudou com informações sobre documentações, estadia, valor da alimentação, trabalho, diferenças culturais ou primeiro acolhimento na chegada. Além disso, a internet, principalmente a ferramenta de busca do *Google* e o *Youtube* (também da organização *Google*), foi o principal meio que os migrantes venezuelanos encontraram para levantar informações sobre o Brasil. Assim, a própria comunidade de migrantes venezuelanos acabou desenvolvendo uma rede de proteção e acolhimento no ambiente virtual. O principal *software* de comunicação instantânea utilizado foi o *WhatsApp* e o *Messenger* do *Facebook* (ambos da organização Meta).

A minha esposa tem um tio que ele mora muito tempo aqui no Brasil, ele tinha recém-mudado aqui para São José dos Campos. Aí ele falou: “pode vir, fica aqui comigo, conhece a cidade, vê se gosta e aproveita”. E por isso a gente planejou São José dos Campos. Custos de vida, planejamento da cidade. Usava o *Google*, no *Instagram*, não era comum. Procurava aluguéis, salários médios de nossas profissões (técnico de informática e cientista político) (Entrevistado 1).

Comecei uma pesquisa sobre qualidade de vida, oportunidade de emprego (pela internet) e como era o relacionamento com os documentos. Porque, para mim, ele é importante, precisava me *senti* segura. Eu não queria ser um imigrante sem documento, sabe?! Ser pega na deportação, eu não queria ser essa migrante. Levou mais ou menos um mês de pesquisa pela internet, todos os dias pesquisar um pouquinho. Comecei a procurar hostel, eu ia ficar um pouco por causa do pouco dinheiro, eu fiquei no hostel uns três quatro dias e depois eu me mudei para um pensionato, que também achei pela internet (Entrevistada 5).

Meus amigos, amigo de longa data, *estaban* em Curitiba fazia 2 anos, isso era 2018, ou era 2017?... 2018... enfim (risos). A coisa *tava* ruim lá na Venezuela, *tava* faltando tudo no mercado e o que a gente ganhava não dava pra nada, nada mesmo. E muita violência, né?! Andava com medo à noite. Aí meus *amigo falo*: “ei, vem pra cá, fica em nossa casa, até vocês se *organiza*, *faz* bolo pra vender, *damo* um jeito”. Aí meu marido tinha perdido o trabalho, meus irmãos *tava* indo já pro Brasil, fui

com eles, mas pra Blumenau, porque eles conseguiram trabalho numa empresa de cortar *poll*... não é, como se diz mesmo?! Frango! Empresa de cortar frango. Depois eu me organizei, arrumei um serviço num mercadinho e trouxe meu marido (Entrevistada 7).

Sete entrevistados tinham conhecimento prévio da língua portuguesa, que aprenderam por meio de aplicativos utilizados na internet e tutoriais no *Youtube*. Somente uma entrevistada chegou no Brasil sem conhecer nada da língua portuguesa. Em Curitiba, ela utilizou um aplicativo on-line para aprendizado da língua portuguesa (*Duolingo*³¹) e videoaulas no *Youtube*.

A gente estudou português lá na Venezuela por 3 anos aproximadamente. Só que, quando a gente estudava, não tinha não tinha mente sair da Venezuela, estudava mesmo por conhecimento. *tava* na época do auge do Mercosul, então tinha aquela promoção muito importante que a gente tinha que aprender o português porque era uma língua que fazia parte do continente. Estudava por conhecimento (Entrevistado 1).

Um mês antes (de viajar para o Brasil), a gente viu vídeos no *Youtube* sobre português. Não foi difícil. A língua é bem parecida. No vídeo (risos), porque, quando a gente *chego* em Manaus, não entendia nada do que diziam (risos). “O que essa gente *tá* falando”? (risos). Ai, com o tempo, o ouvido ficou acostumado, né?! A gente descobriu que cada lugar do país tem um jeito de falar (Entrevistado 3).

O brasileiro tem sotaque também, modos para falar completamente *diferente*. Eu aprendi o português na rua, né?! (risos) Quando você chega, você é turista, o negócio é bom, todo mundo tentou falar comigo em espanhol todo tempo. Mas daí virei migrante, aí muda tudo. Usei aplicativo de internet pra me ajudar, *Duolingo*, e no *Youtube* (Entrevistada 4).

Todos os entrevistados afirmaram que foram muito bem recebidos no Brasil, mesmo em Manaus. Nenhum relatou episódios de preconceito, xenofobia ou alguma forma de afronta ou ataque. Eles fizeram muitos elogios aos brasileiros pelo acolhimento, respeito e carinho recebido.

Os vizinhos do pensionato, muito muito bom eles, me *apresentaro* um amigo que tinha uma empresa de bolos. Eu falei assim: “se você conseguir me dar um emprego aqui, eu lavo os pratos, eu limpo qualquer coisa, eu faço, eu só preciso ter um trabalho” mas eles disseram que não *podia* “Mila, nós *tá* com a fábrica cheia, mas se você não arrumar dinheiro para pagar o pensionato, você pode vir a nossa casa, a gente tem um quarto desocupado e você pode ficar naquele quarto ali o tempo que você precise”(fez silêncio e lágrimas escorreram). Foram tão boas pessoas para mim, eu tinha um mês aqui no Brasil, é maravilhoso como brasileiro é capaz de abrir a porta da tua casa para receber. Eu não precisei ir, consegui um trabalho, mas, meu Deus, eu amo o Brasil (Entrevistada 2).

³¹ *Duolingo* é uma plataforma de ensino de idiomas, com sites e aplicativos, além de um exame de proficiência digital. O *Duolingo* está disponível na *web*, *iOS*, *Android*, *Windows Phone* e *Linux* através do site: <https://pt.duolingo.com/>

Então, para mim foi bom. Fui super bem recebido, não me faltou nada. Gente que havia recém-falado oferecia quarto pra mim até eu me achar, sem cobrar nada. Brasileiro tem coração muito bom, muito grande. Ajuda mesmo, dá comida *pra* gente, dá abrigo, ajuda a achar trabalho, só falta nos leva no lugar pela mão *pra* achar ocupação (risos). Eu dei muito *bom*. Amigos que conheço da Venezuela também foram ajudados (Entrevistado 5).

No momento da entrevista, três pessoas estavam desempregadas, embora já tivessem realizado alguma atividade laboral anteriormente (faxina residencial, atendente de caixa, tradutor, professor de língua espanhola). Os que estavam empregados exerciam as seguintes funções: mecânico de carros, estudante universitário, estudante de Ensino Médio, dona de restaurante (que faliu no começo de 2022) e confeitadeira/salgadeira. Nenhuma atividade remunerada relacionada à universidade dos entrevistados foi realizada no Brasil.

Ainda que alguns estejam desempregados ou tenham passado alguma dificuldade em algum momento na cidade de destino, nenhum dos entrevistados requereu auxílio emergencial ou alguma ajuda do Estado. Depois de finalizada a entrevista, um deles disse que iria pedir ajuda emergencial por conta da falta de renda e disse que não sabia da existência do auxílio para migrantes e refugiados. Dois utilizaram equipamentos de auxílio ao migrante em uma UFPR e um na USP. O principal recurso utilizado foi a escola de línguas. Um entrevistado relatou problemas para validar a sua documentação acadêmica em universidades privadas, conseguindo realizar seus estudos somente em uma universidade estadual.

Passei quase um ano tentando encontrar (uma universidade para pós). Foi difícil porque tem aquela questão de que você tem que homologar o seu diploma, aí, dependendo da faculdade, também você tem que entregar o documento traduzido. Existe pouca informação nas faculdades. Inclusive, agora acredito que melhorou um *pouca* mais informação sobre apostilas e documentos. Existe muito pouco conhecimento sobre isso porque o Brasil recentemente *estão* em vigor acordos, isso não foi muito recente, 2016 para cá, 2014. Então, funcionário da universidade acredita que o Brasil ainda hoje não aceita documentos da apostila porque não sabe sobre aquele acordo. Daí a gente fica falando da apostila para esse funcionário, ele nem sabe onde é o que é, aí eles falaram para mim: “não, você tem que ir no Consulado do Brasil no seu país”, e eu falei: “cara, mas é na Venezuela! Como é que eu vou voltar para Venezuela tirar um documento quando eu *tô* falando, aqui *tá* meu documento com apostila?” A maioria deles falava: “eu vou consultar com a coordenadora” e tudo mais. Aí mandavam um e-mail que mandava o *link* do site e que se o documento estiver em espanhol, tinha que traduzir. Mas, pelo acordo, pela raiz latina do português, não precisa traduzir documento. Aí eles não *respondia* mais. A única foi a Universidade de São Paulo. Eles admitiram a minha documentação sem ser problema (Entrevistado 1).

Curitiba tem um sistema para migrantes sensacional. No prédio histórico (da UFPR) que tem uma aula especial que também recebe imigrantes que é tudo fácil.

Também ajuda para acertar documentação e se você quer fazer o exame para revalidar o diploma. Eu fiz, mas não passei (risos). Então, para mim, foi bom, não entendia português escrito, nada sobre história da arte no Brasil. Mas ali, na UFPR, estudar português foi uma coisa maravilhosa. Dei uma orientação pra uma amiga que veio depois e ele conseguiu fazer o exame e passa (Entrevistada 2).

Não precisei do auxílio emergencial porque fiquei contratada na pandemia com carteira assinada, a cafeteria fechou, mas a gente continuo trabalhando no *delivery* (Entrevistada 6).

Quando questionados sobre as motivações para a criação do canal e dos conteúdos, todos os participantes da pesquisa afirmaram que a principal motivação foi ajudar outros migrantes com informações sobre o Brasil. Seguido da vontade de dividir com outras pessoas as suas experiências com a diáspora e o processo de integração na sociedade de chegada brasileira. Nenhum *youtuber* venezuelano criou o canal pensando em retorno financeiro, mas, à medida que algum dinheiro foi entrando, investiram em novos equipamentos para captação de imagem e edição de vídeo. Quatro entendem que o canal é um trabalho e que ajuda na renda doméstica. Contudo, não o consideram a principal fonte de remuneração familiar, mas uma renda extra. Para que isso ocorra e seja garantido um retorno financeiro constante, afirmam que seria necessário investir tempo na produção de conteúdo e investimento em equipamentos de captação, gravação de áudio e iluminação, além de escolher os assuntos que a plataforma divulga mais para seus usuários. Quando questionados sobre a relação do canal com momentos de lazer, todos foram enfáticos em dizer que não. Isso porque a produção de vídeos e manutenção do canal estão diretamente relacionadas a uma dedicação de tempo livre, fora do momento de lazer, das atividades laborais e obrigações diárias.

Assim, o tempo livre dos migrantes foi empregado na produção de conteúdo pensando em ajudar outras pessoas em situação de diáspora. O tédio como consequência das restrições da covid-19 também foi um motivo citado, mas por apenas um dos entrevistados. Seis entrevistados criaram o canal antes de vir para o Brasil. Porém, o canal tomou o formato de hoje depois de instalados no país e com intuito de informar conterrâneos sobre a língua nativa, cultura local, custo de vida e diferenças culturais. Além disso, três tinham como objetivo desenvolver uma comunicação capaz de desconstruir o imaginário social, que via na figura do migrante venezuelano alguém miserável, violento (por conta dos episódios de violência ocorridos em Pacaraima) e covardes por abrirem mão de lutar contra o governo de Maduro e fugirem de sua terra natal.

Antes de vir, eu tinha um programa de rádio e queria poder falar o que dá vontade, mas não podia, né?! Os canais digitais cada vez mais tinha *esse* liberdade. Quando cheguei no Brasil, o primeiro que eu pensei foi: “preciso contar como a minha história era, contar como a vida era, minha vida de imigrante no Brasil, contar para pessoas era uma de terapia, sabe?! Porque eu queria e precisava pôr para fora, eu queria *conta* pra todas as pessoas como era *viver* como migrantes em Curitiba. Minha experiência poderia ajudar outras pessoas com vontade de vir para Curitiba, poderiam saber onde tirar documentação, no lugar de ficar no primeiro momento. Era esse tipo de informação para as pessoas que estavam chegando a Curitiba que eu queria passar. Transporte público, as coisas bonitas em Curitiba, e o canal abriu um pouco e começou a pegar a experiência de colombianos, argentinos e uruguaios que *mora* em Curitiba e contar para as pessoas como é (Entrevistado 2).

Ah, eu queria contar minha história (...) e ajudar as pessoas que iam fugir de Maduro também a ter um lugar pra se informar, né?! Conhecer *os lugar turístico*. O plano do canal é viajar a latino-américa inteira, era pra gente ir pra Argentina, mas acabou o dinheiro e ficamos em Curitiba. Mas foi bom, eu gosto daqui (Entrevistado 4).

Eu sou venezuelano, e a imagem do venezuelano estava caindo muito, porque tinha umas pessoas roubando lá em Pacaraima, tinha pessoas que estavam agredindo brasileiros, entravam pra roubar e voltava para Venezuela. Então, essa imagem estava se propagando no país inteiro. “Venezuelano é bandido, venezuelano é malandro”. Isso para mim ficou ruim, porque eu amo meu país e não queria deixar assim, larga mão disso (dessa representação que era feita). Vou fazer algo, pelo menos com espanhol, aí, quando as pessoas verem que eu sou venezuelano e que sou nem todo mundo é assim. Sei que é uma questão utópica, mas *tava* um pouco enganado, né?! Eu não vou mudar imagem do venezuelano (Entrevistado 5).

Por outro lado, como se pode ver nos relatos abaixo, todos consideram que seu canal no *Youtube* tem um importante papel para as pessoas em diáspora ou que estão se programando embarcar nela. Julgam que seus conteúdos auxiliaram muitas pessoas na retirada de documentos, ajudam com moradias ou simplesmente o entretenimento vindo de algum conterrâneo. Espectadores do canal mandam mensagens na caixa de mensagens privadas agradecendo o conteúdo oferecido e incentivando os *youtubers* a continuarem com seus trabalhos.

A professora no colégio me reconheceu (risos). Ela um dia perguntou: “você aquele menino maluquinho do *Youtube* que faz um canal pra venezuelanos chegando no Brasil” (risos). Eu disse que sim, aí ela elogiou muito meu trabalho e disse que gosta de acompanhar as histórias e os comentários nos vídeos. Ela disse que meu trabalho é importante (Entrevistado 3).

O canal me ajudou a me sentir útil para o pessoal que *tá* vindo para cá. O venezuelano poderia saber aonde ir, onde procurar ou quem procurar sem se bater sozinho num lugar que não conhece. Aí a gente acaba formando uma comunidade com gente que não conhece, diferente de nós, mas que também *com nós* é migrante e

tá procurando seu lugar no mundo. Não quer guerra, não quer brigar nem ocupar lugar de ninguém. Só quer viver *su* vida, comprar *su* coisas sem aquela sensação de opressão. Me sinto útil (Entrevistado 6).

Amigos da Venezuela acaba me cobrando ****: o que aconteceu contigo, você, vê se conta mais a tua vida, em brasileiro e em espanhol, quer dizer, em português (risos). Eu quero voltar em breve com meu canal porque estou sentindo falta de mexer e agora minha irmã vai ajudar e as pessoas *pede pra* voltar com o canal, porque quer saber como estou (risos). Então me faz bem, porque me faz sentir que *to* ajudando (Entrevistado 7).

Apenas um se considera influenciador digital (o entrevistado 3, que tem 14 anos). Além disso, três tinham como objetivo desenvolver uma comunicação capaz de desconstruir o imaginário social que via na figura do migrante venezuelano alguém miserável, violento (por conta dos episódios de violência ocorridos em Pacaraima) e covardes por abrirem mão de lutar contra o governo de Maduro e fugir de sua terra natal.

Todos os entrevistados utilizaram a internet, principalmente o *Youtube*, para aprender a mexer com o programa de edição de vídeos. Dois pagaram por programas de edição, e o restante utilizou programas piratas baixados via *bittorrent*³², muitos encontrados via *Youtube* com explicação passo a passo do local para baixar os arquivos, como instalar o programa, como liberar o programa completo (piratear) e como utilizá-lo. Apenas um dos entrevistados contava com ajuda de familiares com o canal (o irmão auxilia na gravação e edição dos vídeos). O equipamento utilizado para gravação do material para os canais é o celular, sendo a marca *Samsung* a mais utilizada (por sete pessoas). Quanto ao equipamento de edição de vídeos, preponderou o *notebook* com sistema operacional Windows 10, contendo 4 GB de RAM de memória, placa de vídeo integrada e processador Intel i5 (de várias gerações diferentes). Todos tinham internet em suas residências, compartilhada com outros membros da família, a velocidade de conexão varia de 30 até 120 MB. Para finalizar cada vídeo, são necessárias, aproximadamente, de 4 a 6 horas (desde a gravação até o produto final na plataforma *Youtube*).

Já tinha um pouquinho de conhecimento de edição em outro programa. Como tem que importar o vídeo do celular *pro* computador para o programa, ajuda direitinho nessa noção de imagem. Uso *Camstasia*, paguei 10 dólares nele (Entrevistado 1).

³² o *BitTorrent*, também chamado de sistema p2p (*peer to peer* - par a par, ou ponto a ponto) é um sistema online de compartilhamento e *download* é um sistema online de compartilhamento de *download* de arquivos entre usuários por meio do protocolo de rede sem que o arquivo esteja em um computador servidor, criado pelo programador Bram Cohen, em abril de 2001.

Usava um *Samsung* (celular) pra gravar. Eu comecei a buscar *tutoriales* no *Youtube* e acabei gostando. *Tava* usando *Adobe Premiere* para editar, aprendi pelo *Youtube*, inclusive onde baixar a versão *Torrent*, pirata (risos) (Entrevistada 2).

Meu *irmãozito* usa o computador *pra* editar, é este, olha (mostrando o *notebook*). Aqui diz que é um *i5*, 4 de RAM. Meu irmão sabe o que é (a configuração da máquina), eu não entendo (risos). Eu só faço canal, quem faz essas coisas é ele. A primeira máquina (computador) era ruim, qualquer coisa travava. Ruim pra tudo, ele dizia. *Aí* a gente conseguiu comprar esse aqui. Compramos o *Camstasia* para editar, acho que foi 10 *dólar*, não sei dizer (Entrevistado 3).

Uso um *Samsung A51* e a internet é de 120 MB. Que é incrível! A internet lá em casa (Venezuela) era de 2 MB a internet. Quando eu *chegar* aqui que a primeira vez e eu escutei que, no Brasil, tem internet de 50 MB, eu quase caí para trás. *Aí* moça *falo* que eles atendem até 120 MB. Assim que para o brasileiro é normal, *aí* se você que uma coisa e se vende isso e se pode pagar, *tá* lá, para muito gente é uma coisa normal, mas, assim, eu fiquei deslumbrado (risos) (Entrevistado 5).

É só você dar um *Youtube*³³ que acha tudo que procura. Eu não sabia fazer nada disso, fazer edição de vídeo, fazer isso tudo era novo. Mas um dia ali, sentado (assistindo aos vídeos), eu aprendi o básico, eu achei onde baixar o programa, porque, né? Muito caro, 600 *dólar* pra editar vídeo, eu não *tem* como pagar isso. *Aí* baixa da internet mesmo (risos), fazer o que?! (Entrevistado 6).

Ah, fazer cada vídeo é trabalhoso. Demora pra *grabar*, mas é o mais rápido. Porque demora *pra* passar *pro* computador do celular. *Aí* demora pra abrir o programa de edição (risos) porque o computador *tá* muito lento. *Aí*, para renderizar *lo* vídeo, pode levar duas horas. Mais uma hora para subir no *Youtube*, mais o tempo de análise do *Youtube*. Vai umas seis horas por vídeo, caso o vídeo não tenha um monte de efeito (Entrevistada 7).

Três entrevistados disseram ter tido algum retorno financeiro com o canal on-line, embora o valor não seja o suficiente para se tornar o único meio de sustento financeiro. A média de espectadores por vídeo varia de 300 a 50000 visualizações, dependendo do tema abordado. Os vídeos mais requisitados e comentados são os que apresentam as diferenças entre os supermercados do Brasil e Venezuela, relatos sobre a experiência de ser migrante em um país completamente novo e a questão da crise na Venezuela. Todos os entrevistados afirmaram que são muito elogiados por seus espectadores, que os incentivam a continuar trazendo conteúdo para o canal. Comentários em língua espanhola e em portuguesa são encontrados nos vídeos. Os entrevistados também relataram que existe uma quantidade tão pequena de xingamentos, ameaças ou ataque xenófobos que nunca se incomodam com este problema.

³³ sentido de pesquisar uma palavra chave.

Em julho de 2021, eu comecei a fazer *lives* no *Instagram*. O Meta (*Facebook*) fechou um programa de incentivo *pros* criadores de conteúdo. Consegui bater a meta e eles liberaram os R\$500, mas o programa durou só 2 meses. No *Youtube*, nunca tive nada (Entrevistado 1).

Os comentários sempre foram bem positivos, poucos *falava* para a gente ir embora ou algo assim. Na maioria, dizem que a gente é irmãos, que Deus *no* abençoe. Escrevem coisas como parabéns, força. A gente tem uma curiosidade de saber como é num lugar diferente. Mas brasileiro apoia a gente e o venezuelano agradece a ajuda (entrevistada 2).

Siiiiim! Tivemos um vídeo que bateu 50 mil (visualizações) e ainda hoje as pessoas *assiste*, aí puxa *pro* outros (vídeos). Não é uma quantia grande, mas já ajuda. E se Deus quiser ainda vou brilhar muito, você vai ver, *mi* amigo (...). Pessoal sempre *falam* bem nos comentários, uma vez só mandaram a gente embora, nos chamaram de comunistas (risos), mas um só (Entrevistado 3).

No *Youtube*, o canal precisa bater o recorde de inscritos. Depois passa a segunda fase, que é o tempo de reprodução no total. Acho que são 40 horas de reprodução, o seu conteúdo tem que ser reproduzido ao menos de 40% do conteúdo. No *Youtube*, não deu nada. No *Instagram*, eu tive um retorno de 500 reais mensais, mas *duro* dois meses só (Entrevistada 7).

A internet também foi utilizada como meio de transferir renda do Brasil para a Venezuela. Todos os entrevistados mandaram algum valor para familiares em sua terra natal e citaram sobre a dolarização e ‘bitcoinização’ da economia venezuelana, ou seja, a moeda corrente, o bolívar, está gradualmente sendo substituída pelo dólar e pela criptomoeda bitcoin. Seis entrevistados utilizavam aplicativos financeiros para envio de remessas, destes, quatro faziam operações com criptomoedas (principalmente bitcoin, mas também utilizavam altcoins) e dólar virtual (USDCoin). Os outros dois entrevistados utilizavam os serviços de pessoas que faziam este tipo de operação financeira (chamados coiotes financeiros).

Eu usava o *PayPal* mais que outros. Também usava o *GetY* e o *o2n pioneer*. Mandava em reais, trocava por dólar e *deiava* assim. Aí, quando alguém da família precisava, passava de dólar pra bolívar e comprava. Ou comprava em dólar mesmo, porque tem lugar que já aceita, né?! Mas não dava troco. Por exemplo, eu fui lá *mercado* com 25 dólar, gastei 10 dólar num frango, aí, não tinha troco de 15 dólar. Tinha que comprar tudo, os 25 dólar, entende?! Porque a gente não pode andar com dólar lá, é proibido. Mas a gente dá um jeito, temos que *sobrevivir* (Entrevistado 1).

Eu enviava *dinero* para minha mãe. Mandava pra uma pessoa em Roraima, que fazia a operação pra bolívar. Cobrava 10 reais pra isso, independente do valor, entende?! (Entrevistada 2).

Si, a gente manda dinheiro pra mãe, mas quem mexe é nosso irmão lá. Como o dinheiro da Venezuela perde muito valor rápido, a gente usa a *Binance* (aplicativo) pra comprar criptomoedas, principalmente *Bitcoin*, mas também já compramos outros como *Etherium*³⁴. Fica mais fácil assim, só que não tira dinheiro em banco, nota real, né?! É tudo dinheiro virtual porque, pra transformar em dinheiro mesmo, é mais complicado (Entrevistada 4).

Eu usava corretagem pra enviar dinheiro pro meu irmão, ele fazia operação sem tirar as notas. Na maioria das vezes, era bitcoin ou alguma moeda estável, USDC ou USDT, moeda *estables*, como diz, né?! Cripto pareada com dólar, *estables* (Entrevistado 5).

Apenas dois pretendem voltar para Venezuela para morar ou para visitar. O restante não do grupo não se imagina retornando à Venezuela.

Nossa, eu tenho saudades de casa (Venezuela), quero muito voltar para lá. A gente não voltou mais, mas a gente sente falta da terra, sim. Muito porque é como eu falei, o nosso planejamento era *fica* três anos no Brasil, enquanto completava Pós-Graduação. Mas daí terminou pós e o tempo de três anos já passou, ainda estou aqui. E parece que não saio tão rápido (risos). Mas isso mexeu com a gente, sabe? Com o psicológico. Porque a programação é uma, daí o tempo passa, e *tá* aí ainda. Queria voltar pra casa, mas com aquele cara lá (Maduro) não tem como (Entrevistado 1).

Só *volverei pra* levar minha filha pra conhecer de onde eu *veio*. Nunca mais quero morar naquele lugar (risos). *Tá* certo que Brasil não está essas coisas, mas é muito *mejor* aqui, nessa zona, do que lá. Aqui, por incrível que pareça (risos), eu sinto segurança de *anda* na rua porque vejo um *poliça*, ou carro da *poliça* andando. Lá não tem nada. Aqui tenho o SUS que posso usar, que é muito bom. Não quero voltar, só pra visitar. E como consegui trazer minha família inteira (duas irmãs e mãe), não *tengo* porque voltar, né?! (Entrevistada 2).

Cara, eu *to* bem aqui. A saída de lá de Venezuela foi muito ruim, muito ruim e violenta. Não guardei boas recordações, sabe?! Pra mim, é como se eu desse um apagão no meu passado e começasse vida de novo. Só falta meu irmão vir, aí já não tenho mais nenhuma relação com aquela terra (Entrevistado 5).

Quatro entrevistados relataram que utilizaram a rede social *Tinder* para encontrar parceiros românticos. Dois deles disseram procurar especialmente venezuelanos (ou pessoas de língua espanhola), enquanto os outros dois se relacionaram com brasileiros. Destes, um manteve um relacionamento estável com um brasileiro e hoje reside com ele e o filho que tiveram juntos. Cinco entrevistados trouxeram seus familiares da Venezuela para residirem com eles no Brasil assim que organizaram suas finanças.

³⁴ Criptomoeda. Criptomoedas são moedas digitais, composto por códigos de computador gerados via um software, que permitem que as pessoas enviem, recebam e guardem valores digitalmente, utilizando a tecnologia blockchain. A tecnologia blockchain é como um livro contábil que faz o registro de uma transação de moeda virtual de forma que esse registro seja confiável e imutável.

Dos oito entrevistados, sete continuam com canal ativo, criando conteúdo ao menos uma vez por semana, além de *shorts* diários sobre uma variedade de temas. A seguir, apresento a análise dos dados.

4.4 - ANÁLISE DOS DADOS

Com as entrevistas, foi possível observar o que a autora García (2021) defende, a saber, a migração venezuelana é composta de diferentes grupos sociais, estudantes migrantes, migrantes temporários, refugiados e/ou candidatos a abrigo participando de programas do governo federal, e cada um destes tem a sua própria história e desejos próprios, não podendo ser colocados em um grande “pacotão” de migrantes.

E a pesquisa deixou isso muito claro: os nós que ligam os entrevistados são seus canais de *Youtube*, serem *youtubers* e venezuelanos, mas cada um carrega em suas costas as dores e glórias de ser migrante deixando seu país de maneira forçada, trazendo consigo sua formação, histórias, desejos e anseios.

Inicialmente, os migrantes venezuelanos *youtubers* têm o desejo/objetivo de ajudar os seus pares, ou seja, a criação do canal está relacionada à solidariedade. Segundo eles, não há, em princípio, interesse de retorno financeiro ou uma busca por ser conhecido. Mesmo amadores nas técnicas de comunicação, divulgação e produção de vídeos e sem uma remuneração que pague as horas utilizadas para produção, eles permanecem produzindo conteúdo na rede e desenvolvendo um novo tipo de relacionamento entre os brasileiros e os conterrâneos e migrantes de outros países de língua espanhola. E é uma relação cordial, de respeito e acolhimento (ao menos no universo desta pesquisa).

É um cenário em que amadores se convertem em produtores que ocupam espaços antes destinados aos “profissionais”, resultado de uma grande mudança na forma como as pessoas participam dessas redes sociais virtuais. É o que Karkawi (2019, apud JENKINS, 2009 e SHIRKY, 2011) chama de “cultura da participação”, que só é possível por conta da *web 2.0*³⁵ e dos avanços das tecnologias de informação. A *web 2.0* “potencializa a ação do

³⁵ O termo *web 2.0* é utilizado para descrever a segunda geração da *World Wide Web*, tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A idéia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo. Mais informações sobre a *web 1.0*, *3.0* e *4.0* disponível em:

<https://teoriacomunicacao.wordpress.com/2016/11/10/o-que-e-a-web-1-0-2-0-3-0-4-0-e-as-suas-caracteristicas/> Acesso em 27 de julho de 2022.

usuário na rede por meio da oferta, quase sempre gratuita, de ferramentas que permitem a expressão e o compartilhamento com outros usuários de opiniões, criações, desejos, reclamações, enfim, qualquer forma de comunicação interpessoal” (KARKAWI, 2019 p. 23 apud SAAD, 2012 p. 149).

E basicamente o *Youtube* é um vídeo blog, e seus recursos e ferramentas de utilização (como edição de vídeos e músicas sem direitos autorais para utilizar na edição) e de fácil acesso (desde que tenha conexão com a internet), pela qual o migrante pode dividir histórias e opiniões e a personalidade de cada um dos canais prevalece, embora estes tenham estéticas semelhantes (cores/iluminação/saturação no vídeo, duração, forma de expressar, edição, etc).

E além da “cultura da participação”, pode-se somar a esta o que Castells (2003) chama de “cultura da liberdade individual”, onde a distribuição aberta, gratuita, de um *software* e o uso cooperativo de recursos se tornaram o código de conduta dos primeiros *hackers* na década de 70 do século passado. E esta cultura de compartilhamento hoje toma a forma da pirataria de *softwares* compartilhados via tecnologia do *bittorrent*. Seis dos oito entrevistados afirmaram utilizar programas de edição de imagem e vídeo retirados da internet de maneira “gratuita”, ou seja, pirateados, e todos falaram sobre isso sem demonstrar nenhum constrangimento na atividade, indicando que há uma normalização no ato de utilizar *softwares* com o código-fonte quebrado por *hackers*. Os programas pirateados são encontrados no próprio *Youtube* e a própria comunidade sobe tutoriais de como encontrar, baixar (*download*) o programa e instalá-lo. Além disso, ensinam o passo a passo de como utilizar o programa. A justificativa para a pirataria vem dos altos valores dos *softwares* que são cobrados, normalmente, em dólar ou euro, sendo que a versão mais básica de um programa de edição de vídeos profissional pode chegar perto dos mil reais.

A “cultura da liberdade individual”, defendida por Castells (2003), também se reflete no auto aperfeiçoamento e na habilidade de aprender sobre um novo assunto ou habilidade sozinho, vendo vídeos ou fazendo atividades on-line. É o caso citado acima, sobre os tutoriais de vídeos e do *software Duolingo*, que é gratuito e pode ser usado tanto no celular, quanto no computador. Todos os entrevistados desta pesquisa, em algum momento, utilizaram o *Duolingo* ou videoaulas no *Youtube* para aprender e aprimorar a língua portuguesa.

A profissionalização dos *youtubers* é conferida por processos de legitimação de seus diferentes públicos e traz consigo um discurso sobre as possibilidades de se viver apenas do canal do *Youtube*, monetizar espaços na internet e de ser *youtuber* em tempo integral

(KARKAWI, 2019). Mas, até a finalização desta pesquisa, nenhum dos entrevistados conseguiu atingir a profissionalização ao ponto de abandonar o emprego formal, tendo o *Youtube* (e as redes sociais virtuais) como única forma de renda e uma atividade laboral fixa.

Assim como nos blogs da moda, na pesquisa de Karkawi (2019), o produto, entendendo os canais do *Youtube* como mercadorias, é a informação e pessoalidade. Os *youtubers* preservam a característica da pessoalidade do “fazer por amor” (como é o caso das blogueiras da moda que Karkawi pesquisou) e pela solidariedade (caso dos *youtubers* venezuelanos), sem necessariamente esperar retorno financeiro. E, também, é um espaço de troca, um espaço de compartilhar, comentar, acolher e até mesmo entrar em disputas ideológicas e políticas por meio da caixa de comentários.

E o capital social dos *youtubers* venezuelanos vem da ideia do confessional, a fala sobre si ou como o “eu” enxerga os processos a sua volta e transmite essas percepções para o espectador. E, quanto mais recursos essa pessoa emprega na produção, mais resposta positiva terá do público³⁶. O uso da primeira pessoa e do tom confessional ao contar sua história ou sobre os produtos e valores em um supermercado parece humanizar o migrante frente ao brasileiro (KARKAWI, 2019).

A visibilidade das redes sociais os deixa completamente livres no espaço e tempo: seus vídeos estão lá, guardados em um local “virtual”³⁷, e podem ser acessados a qualquer hora e em qualquer lugar, desde que haja conexão com a internet. Não é necessário a presença física do *youtuber* para que ele seja visto. O espaço privado do migrante passa a ser público e é justamente isso que atrai os espectadores: o sujeito que conseguir expor sua identidade e sua intimidade será recompensado com visualizações, engajamento e, quem sabe, recursos financeiros. Assim, o sujeito, no caso *youtuber* venezuelano, “é incentivado a encontrar suas particularidades mais íntimas, que o afastam da uniformidade do mundo. Não há espaço para unidades estanques” (KARKAWI, 2019, p. 51).

Nesse sentido, cada vídeo é particular, é próprio, é único, porque é o olhar exclusivo do migrante sobre algum fenômeno. Como no caso dos vídeos de supermercados, todos os entrevistados desta pesquisa criaram uma produção com esse tema, mesmo sendo parecidos (ou quase idênticos por conta de uma estética padrão para transmitir as informações no tom de

³⁶ me refiro aqui as qualidades técnicas da captação de vídeo e imagem, por exemplo. O público do *Youtube* parece preferir produções com qualidades de som, vídeo e luz melhor. Estas produções tem mais visualizações e interações que as feitas não tem um som audível ou uma imagem sem qualidade

³⁷ Conheça a estrutura monstruosa utilizada pela Google para seus servidores <https://www.tecmundo.com.br/google/104430-conheca-estrutura-monstruosa-utilizada-google-servidores.htm>

voz, na animação, ou na iluminação dos vídeos). Mas cada visão é única, apesar de falar do mesmo produto em uma prateleira de mercado. E isso, como já falado anteriormente, é o que atrai o espectador que vai até a caixa de mensagem e faz a sua intervenção. Além disso, existe a questão da adaptabilidade, o *youtuber* vai formatando o vídeo conforme a resposta de seus espectadores, o que pode os levar a produzir o vídeo de uma maneira e a escolher os temas para falar, construindo uma nova identidade sempre que necessário para si ou para o canal.

E a quantidade total de visualizações dos vídeos, um total de seis milhões e trezentos mil desde o ano de 2018 até 2022, demonstra que há um interesse considerável pelo tema da webdiáspora por nativos buscando entretenimento com as histórias dos migrantes (diferenças culturais entre os países, relatos sobre a adaptação no país, histórias da vida na Venezuela), por migrantes em projeto ou já em diáspora, que buscam, nesses meios de comunicação, informações relevantes. No entanto, é interessante notar que o número de comentários é muito inferior ao número de visualizações dos vídeos. Um dos vídeos dos entrevistados sobre supermercado atingiu 124.100 visualizações e contém 2398 comentários; outro contou com 23.695 visualizações e 1987 comentários. Ou seja, nem 10% dos que assistem aos vídeos comentam e dão *joinha*. O que será que isso pode dizer? Ainda não temos elementos para responder.

A rotina do *youtuber* de postar uma foto sua (*selfie*), seu pensamento, seu almoço, dentre outras coisas de sua rotina diária nas redes sociais virtuais, mostra que suas rotinas foram privatizadas na busca de encontrar um próprio eu, que é um ideal de ego reforçado por *joinhas*, visualizações e comentários dos espectadores. Isso é bom ou ruim? Não sei e, para esta pesquisa, não importa. Nesse contexto apresentado, o que importa é a autonomia que o *youtuber* venezuelano tem para a criação, publicação de seu material e a formação de comunidades on-line. E para isso a única mediação é a necessidade das TICs, algum conhecimento básico de tecnologias, *softwares* e conexão com a internet para caminhar por si só, fazendo parte da cultura da participação on-line.

Assim sendo, as comunidades que se formam em torno dos *youtubers* venezuelanos se auxiliam com a troca de informações relevantes transmitidas como entretenimento. Uma espécie de entretenimento informativo, onde o espectador se entretém enquanto recebe informações que podem ser úteis. A caixa de comentários se torna um local de ajuda mútua com a comunidade que frequenta o vídeo trocando informações, dúvidas e sugestões das mais variadas, dependendo do tema do vídeo. Com isso, o migrante em projeto diáspora, além de

contar com as informações do vídeo, também pode obter dados interessantes nos comentários e ainda sanar suas dúvidas. Além disso, é possível que comunidades se formam na internet e os membros dessa comunidade se encontrem e passem a conviver no mundo concreto, como é o caso de um dos entrevistados, que criou um grupo de mulheres venezuelanas residentes em Curitiba que se encontravam pessoalmente (dois encontros aconteceram, não houve mais reuniões por conta da pandemia da covid-19).

Analizando os comentários nos vídeos dos *youtubers*, a relação entre os usuários da rede social com os migrantes venezuelanos parece ser positiva, prevalecendo os comentários de empatia em detrimento das críticas ou discussões políticas, levando a inferir que a percepção, ao menos no mundo virtual, é positiva, com uma grande empatia e aceitação em relação ao migrante venezuelano. E mesmo as falas dos entrevistados quando questionados sobre se já sofreram algum tipo de ataque ou se perceberam em uma situação xenofóbica, todos frisaram que sempre foram muito bem tratados, principalmente os que residem em Curitiba. Então, de certa maneira, para estes venezuelanos, os imaginários sociais do brasileiro acolhedor parecem prevalecer, até porque é a forma como se dá a relação com os nativos: cordialidade, generosidade e solidariedade.

Confesso que esta informação me causou estranhamento, porque, como já foi falado na introdução, um dos motivos que levou à indagação inicial desta pesquisa foi o fenômeno da xenofobia on-line. Esperava encontrar manifestações desse tipo em todos os cantos, em todos os relatos, em todas as falas, aqui, lá e acolá. Porém, fazendo a análise dos dados e conversando com os *youtubers*, me deparei com um “bom mundo virtual”, ainda que seja o mesmo mundo real, porém, é o universo dos entrevistados.

Me causa estranhamento não só pelo imaginário social em volta da vida de um migrante, caracterizado como vagabundo, indesejado, rude, que ocupará os empregos dos locais, trazendo consigo todo tipo de coisa sórdida, como também por conta do momento político e social que atravessamos no Brasil, onde tolerar o ‘diferente’ é intolerável. Também causou estranhamento porque, nas mídias, é comum encontrar casos de xenofobia contra o povo da Venezuela em outras redes sociais, como o *Twitter*, inclusive em outros canais do *Youtube*, nos quais há casos recorrentes de xenofobia e ataques contra os migrantes.

Além disso, na recente pesquisa de García (2021), a autora relata a fala de migrantes venezuelanos que ela entrevistou e passaram por algum caso de xenofobia explícita e não explícita de brasileiros principalmente na Região Norte do país, mas também com casos em

Curitiba, quanto de próprios conterrâneos, notadamente em locais de serviços do Estado e público, em comércios privados e nas ruas.

Apesar disso, dos dados vindos do imaginário social e de uma pesquisa concreta e recente, que ouviu o relato dos migrantes venezuelanos, nos comentários analisados nos canais dos venezuelanos *youtubers*, não é encontrado nada relevante sobre xenofobia. E nenhum deles sofreu algum tipo de ataque, e ainda falam muito bem dos brasileiros.

Será que há explicações? Uma hipótese para explicar o porquê em um vídeo sobre migrantes na fronteira há tantos comentários de ódio e xenofóbicos e, nos canais dos *youtubers* venezuelanos, o número é insignificante, seria o contexto dos vídeos e o que eles inspiram.

No primeiro caso, era apresentado um vídeo que tinha conteúdo relacionado à violência³⁸, com pessoas correndo, gritaria, fogo e o hino nacional. O Brasil, em 2017, estava passando por um momento pós-eleição e os ânimos ainda estavam exaltados, ainda que, em pleno 2022, ainda estejamos da mesma maneira. Logo, talvez os gritos de indignação dos brasileiros causem nos espectadores o ímpeto de violência, este expresso no mundo real por meio de palavras digitadas, além dos imaginários sociais em torno do venezuelano, principalmente os taxando de 'comunistas'. Nesse caso do vídeo, não havia pessoalidade, os venezuelanos são vistos como um bloco.

Em contrapartida, os vídeos dos *youtubers* venezuelanos são pessoas falando, contando sobre sua diáspora, suas dificuldades, alegrias, descobertas, sofrimentos. O vídeo é um ambiente calmo, convidativo, não causa, no espectador, ansiedade, indignação ou coisas parecidas. O migrante passa a ser humanizado e recebe uma "personalidade virtual" ou é considerado sujeito a partir do momento em que é considerado como humano. Assim, o contexto diferente em que os vídeos acontecem, de pessoalidade e tom confessional, presente nos vídeos dos migrantes venezuelanos, parece despertar, no espectador, empatia que humaniza a pessoa do *youtuber*.

E o que dizer sobre os entrevistados que não sofreram ou perceberam algum sinal de xenofobia? Não sei o que responder. Porque não pareceu que os entrevistados tinham qualquer interesse em me engabelar e parecem ter sido sinceros quando relataram suas histórias. Talvez por eu ter me aproximado deles com o perfil do *Instagram* do PPGSocio UFPR, tal fato tenha causado algum "mecanismo de defesa" no sentido de resguardar a si

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q> Acesso feito em 27 de julho de 2022.

mesmo, ou talvez seja uma história constrangedora ao ponto de não quererem dividir, ou essas pessoas, nesse universo dos entrevistados, tiveram a sorte de nunca passar por uma situação horrível dessas. Mas, que me causou e causa estranhamento, isso não posso deixar de dizer.

Quanto ao perfil sociodemográfico dos entrevistados, corresponde ao que é encontrado na teoria (R4V, 2022; GARCÍA, 2021; AILÁN, 2020; OBMigra, 2020; OLIVEIRA 2019), pessoas em idade de exercer atividade laboral (com exceção de um, menor de 18 anos), com formação superior, vindas de diferentes extratos sociais e que fizeram o trajeto até a cidade de destino acompanhado por familiares (caso de seis entrevistados desta pesquisa). E, ao chegarem no Brasil, exerceram atividades laborais no comércio (caixa de supermercado, mecânico de carros, confeitários), e os trabalhos não têm relação com a formação acadêmica que têm. Eles residem em bairros periféricos ou na região metropolitana (dois entrevistados residem no bairro Novo Boqueirão, um no Bairro Alto, Cajuru e um em São José dos Pinhais).

Tal realidade dos migrantes residentes em Curitiba coincide com um intenso processo de periferização da população pobre e migrante e com a expulsão das áreas centrais da cidade, onde estão os locais de turismo e os elementos do imaginário social da “cidade-modelo”. Assim, os migrantes tendem a se concentrarem em bairros como Cajuru (sudeste), Parolin (centro-sul), Cidade Industrial (sudoeste-oeste) e Alto Boqueirão/Sítio Cercado (sul) (GARCÍA, 2021, apud ALBUQUERQUE, 2007).

No que compete ao *Youtube* enquanto uma atividade laboral, ao menos no universo dos entrevistados, esta atividade não pode ser considerada um trabalho formal, pois não garante renda o bastante para dedicação exclusiva para tal. A renda proveniente da atividade on-line acaba servindo como um dinheiro extra, que permite o investimento em melhores equipamentos de captação e edição dos vídeos. Vale lembrar que cada vídeo produzido pelos *youtubers* venezuelanos é realizado em seu tempo livre e não pode ser considerado uma atividade de lazer pela quantidade de horas que toma para a produção de um vídeo (perto de quatro horas, dependendo do equipamento) e da expectativa com relação aos resultados de visualização e engajamento do material. Assim sendo, os entrevistados produziam seus vídeos nos finais de semana, depois de seu horário de trabalho e após finalizar as atividades de rotina em suas residências, treinos na academia, idas ao supermercado e atenção aos membros da família.

E, aparentemente, as poucas visualizações e comentários nos vídeos foi o que levou dois entrevistados a abandonarem o canal e se dedicarem a outras atividades. O tempo gasto com produção e edição do vídeo não compensa pelo “pagamento” em visualizações e engajamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um assunto ainda pouco explorado, esta pesquisa trouxe muitas respostas interessantes – principalmente ao que remete aos objetivos de pesquisa. Mas também acarretou ainda mais perguntas para, quem sabe, serem respondidas em um futuro doutorado.

Antes de tudo acho que vale lembrar que o universo desta pesquisa compõe um número muito reduzido de pessoas, o que torna generalizações algo inapropriado. As características e dados obtidos nesta pesquisa representam um universo específico de pessoas migrantes que tinham acesso e domínio (mediano, ao mínimo) das TICs.

E todo trabalho foi realizado em meio a dois momentos muito intranquilos para a nação brasileira (de maneira geral) e o contexto de pesquisa acadêmica: a pandemia do COVID-19 e a desastrosa governança do hoje fujão (março de 2023) Jair Bolsonaro. A pandemia obrigou que toda minha formação fosse realizada de maneira on-line ocasionando um afastamento do convívio mais próximo com colegas sociólogos também em formação e com meu orientador. Além do aspecto psicológico de conviver com a morte de colegas, pessoas próximas e desconhecidas foram noticiadas diariamente. Mesmo que essa pesquisa tenha sido realizada completamente on-line, o peso psicológico e social da pandemia pesou no desenvolvimento deste trabalho à medida que o medo da morte, o medo da perda de renda e o medo do futuro tornaram o exercício de pesquisar e escrever um fardo muitas vezes impossível de carregar. Assim muitas vezes esta pesquisa parou em uma estagnação aparentemente sem fim sendo necessário um esforço psicológico enorme para que o trabalho continuasse.

E se não bastasse o COVID-19 ainda contamos com um desastroso (des)governo de Jair Bolsonaro que além de incentivar o uso de medicamentos ineficazes para combater a pandemia, foi contra a vacinação em massa, foi contrário a utilização de máscaras e também pregava contra o afastamento social. E se não bastasse tudo isso, o então presidente dia sim e dia também atacava a pesquisa acadêmica e a ciência de modo geral fazendo com que boa

parte da sociedade que apoiava este ser repugnante se voltassem contra os pesquisadores e Universidades Públicas principalmente no ambiente online com a criação de vídeos e postagens nas redes sociais virtuais atacando principalmente as Ciências Humanas. E dentre as Ciências Humanas atacadas a História e a Sociologia receberam especial atenção com acusações infundadas que ambas eram marxistas e os professores destas áreas doutrinadores de esquerda que tinham por objetivo invadir as mentes das crianças e adolescentes para a destruição dos valores de Deus, pátria e família e incentivar o “golpe comunista”. Estes ataques vinham em forma de notícias falsas (*fake news*) disseminadas por meio das redes sociais virtuais como também pela fala do mandatário e membros do governo. A insegurança financeira também foi uma realidade causada por notícias, boatos e ameaças de cortes nas bolsas de estudo e a não transferência das verbas para manutenção dos serviços básicos das Universidades Públicas.

Sem contar a divisão estabelecida no Brasil entre os que apoiavam Jair Bolsonaro e os que eram contrários. Esta divisão chegou ao núcleo das famílias tendo como consequência que pesquisadores de sociologia optassem por se distanciar de membros das famílias para evitar confrontos. Eu não tive problemas com familiares por conta disso. Embora meu pai fosse/é apoiador de Bolsonaro, optei por uma estratégia de escuta e não enfrentamento: não dava minha opinião, apenas escutava o ponto de vista dele e concordava. Só fui para o enfrentamento quando ele falou mal do Paulo Freire. Como tive formação neste maravilhoso autor, não consegui escutar sem intervir. Mas foi o único “incidente”. Mas meu pai acreditava que meus mestres e professores na UFPR eram todos marxistas. Quando eu falava que não, que os marxistas têm um número reduzido no PPGSocio UFPR, ele me olhava com desconfiança.

Então, foi um período sem qualquer tranquilidade e sinto que estes aspectos citados acima não só atrapalharam na construção e execução dessa pesquisa assim como na minha própria formação como mestre sociólogo. Foi um contexto psicológico terrível cheio de incertezas e muitos medos. E o fato de não ter a possibilidade das conversas de corredor pós aulas ou o cafezinho com bolacha junto com o professor Márcio para discutir os caminhos da dissertação, questão de escrita e tudo mais. Por isso, chegar até aqui é uma vitória imensa.

Sobre a metodologia acredito que errei ao iniciar as entrevistas sem ter realizado a etnografia on-line antes. Muitos dados interessantes e relevantes como, por exemplo, o baixo número de ataques pessoais e xenofóbicos aos migrantes, poderiam direcionar a pesquisa para

outros temas. Também acredito que o contato que fiz com os entrevistados via meu Instagram pessoal e depois com o perfil do PPGSocio pode ter influenciado nas respostas deles. O avatar que uso (com a máscara do personagem de gibis “V”) somado a um perfil de músico com vídeos clipes, músicas e postagens políticas relacionadas ao anarquismo/marxismo podem ter afastado qualquer possibilidade de contato com os migrantes venezuelanos. Tanto é assim que somente quando utilizei as redes sociais do PPGSocio que obtive respostas das pessoas com interesse em participar da pesquisa. Apesar disso, mesmo utilizando as redes sociais do PPGSocio, apenas dois dos que foram posteriormente entrevistados responderam prontamente. Os outros tive que ficar seguindo as postagens deles, tanto na “linha do tempo” (*Feed*) quanto nos *stories* sinalizando que estava acompanhando a pessoa e outras vezes com abordagem direta via comentários nas postagens chamando atenção para a mensagem enviada na caixa de mensagens ou convidando, publicamente, para participar da pesquisa. Finalizadas as entrevistas, passei a me questionar se o ‘carimbo’ do logotipo do PPGsocio acabou por influenciar a resposta dos entrevistados que, talvez, tenham falado pensando em responder o “certo ou errado” a partir da perspectiva institucional.

Outro tema que também deixei de aprofundar por conta de não ter realizado a etnografia online antes das entrevistas foi a pirataria. Dos entrevistados, apenas dois compraram os programas para edição de vídeos e fotos, enquanto o restante utilizou da tecnologia do *torrent* para fazer downloads de programas pirateados. E caso não conhecessem como utilizar desta tecnologia de transferência online de arquivos, uma pequena e rápida pesquisa na própria plataforma do Youtube é possível encontrar tutoriais que explicam passo a passo todo procedimento para encontrar o programa, baixar e autorizar por meio de cracks. O que muitas pessoas não sabem é que ao utilizar este artifício a pessoa corre o risco de ter sua máquina invadida por pequenos programas chamados “cavalo de troia” que podem não só espionar os dados dos usuários como também causar danos ao computador e perda financeira com a obtenção de dados bancários. O interessante deste tema é que, atualmente, já existem uma infinidade de programas com código aberto tão bom – ou até mesmo mais completo e robustos – do que aqueles pagos e mesmo assim o comportamento de piratear permanece. E para o uso que os migrantes fazem de programas de edição de vídeos, como pequenos cortes no vídeo, adicionar músicas, palavras e alguns efeitos de imagem ou cores sendo que um programa de código aberto responderia tranquilamente as necessidades dos Youtubers. Outras tecnologias mais recentes permitem que vídeos e fotos sejam editados diretamente da internet

sem a necessidade de baixar qualquer programa e com uma infinidade de temas pré-formatados gratuitos e opções pagas. Se existem programas de código aberto tão bons, senão melhores que os pagos, além do desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram acessar editores audiovisuais na internet, o que justifica o uso da pirataria de programas? Será uma questão de imaginário social onde o que é pago é sempre melhor? Será um costume cultural que iniciou com os primeiros Hackers que Castells cita em seu trabalho, onde os programas e equipamentos eram desenvolvidos para compartilhamento entre os usuários? Infelizmente são questões que ficarão sem resposta ao menos no momento.

E quando iniciei esta pesquisa mesmo antes de entrar no PPGSocio esperava encontrar um ambiente de terror, falta de educação e xenofobia nos canais de migrantes venezuelanos. Isto por conta de que os levantamentos se iniciaram ao mesmo tempo que a curta - graças a todas as divindades e a vontade social - “Era Bolsonaro” dava seus primeiros passos e com ela uma onda de violência física e verbal para tudo que fosse diferente do cidadão de ‘bem branco e cristão’. E ludibriado pelo vídeo que mostra a violência que os migrantes venezuelanos sofreram em Pacaraima achando que os mesmos comentários odiosos seriam encontrados em todos os vídeos dos venezuelanos no Youtube.

Mas não foi isso que aconteceu. Na verdade, aconteceu justamente o contrário: a maioria dos comentários podem ser considerados positivos pois incentivam os migrantes a continuarem seu trabalho e dividirem com os espectadores suas histórias, vitórias e derrotas. Os elogios são diversos e normalmente tem um aspecto ligado à religiosidade cristã. O Deus cristão, Jeová, é muito citado em todos os vídeos no qual os comentários foram pesquisados. Mais uma questão que infelizmente deixei passar para os entrevistados só me dando conta do aspecto religioso após finalizar a etnografia online.

No que compete a ser *youtuber* - no sentido de atividade remunerada, não basta somente subir vídeos na plataforma como normalmente o imaginário social acredita. O primeiro passo é criar o seu canal no site do Youtube e esta é a parte mais fácil dessa atividade. É preciso definir um tema que será falado, criar a identidade do canal e aí o usuário grava o material, transfere o arquivo para o computador e passa para edição. Nesta, faz os cortes que achar necessário, adicionar música sempre tomando o cuidado para não infringir os direitos autorais de algum artista e, finalmente, é realizada a formatação do vídeo para um arquivo que o Youtube aceita (*MP4, AVI*). Esta formatação demora conforme a velocidade de processamento do computador e a duração do vídeo. Não basta apenas criar o canal, também

é preciso divulgar as produções e para isso o Youtube não é uma boa ferramenta. Para esta parte de divulgação é utilizado principalmente as redes sociais virtuais *Twitter, Instagram, Facebook, Twitter e Snapchat*. Com isso, o *youtuber* precisa de bastante dedicação de horas para manter um canal.

O interessante é que ao mesmo tempo que os *youtubers* produzem vídeos para plataforma também consomem os vídeos que estão lá, seja para aprender dicas sobre produção e distribuição de conteúdo, onde encontrar programas pirateados, tutoriais de como utilizar determinado aplicativo ou formas de otimizar o computador para que este seja capaz de executar os programas de edição de imagens e vídeos. Um ciclo de criação e consumo que se estende também para as outras redes sociais virtuais.

E vale o tempo?

No universo dessa pesquisa, eu diria que sim. Todos os entrevistados afirmaram estar satisfeitos com seus canais principalmente pela questão da solidariedade com seus espectadores. Então é uma atividade realizada nas horas livres de atividades laborais, não é um momento de lazer e pode ser uma forma de renda extra. Para tal, é necessário atingir as metas que o Youtube estabelece que são mil seguidores e quatro mil horas de visualizações. Como nenhum entrevistado comentou como atingiu as horas necessárias - até porque não perguntei, sempre acreditei que fosse um crescimento orgânico de espectadores e conteúdo postado no canal. Algumas pessoas gravam “vídeos fantasmas” - caso de três entrevistados - com dez horas de duração e fazem transmissões ao vivo para tentar bater as horas necessárias, método que pode levar de quatro meses a um ano. Ou seja, é uma atividade que além de necessitar bastante dedicação não dá pra contar com o retorno financeiro. Como é o caso de um dos entrevistados que um vídeo rendeu para ele dois mil e quinhentos reais, porém os vídeos seguintes estavam pagando em média cem reais pois o funcionamento da entrega dos vídeos para os espectadores do Youtube é gerenciada por um algoritmo que não é claro na forma como faz essa distribuição. O que torna difícil prever o alcance de cada produção e mais ainda depender dessa atividade como principal forma de renda.

Assim sendo, conclui-se que o principal motivo para criação de um canal do *Youtube* com informações para migrantes é ajudar ao próximo, ou seja, a solidariedade. Os criadores de conteúdo buscam dividir suas histórias, alegrias, tristezas, pensamentos e entretenimento com pessoas na mesma situação em que eles próprios se encontravam no momento da entrevista, ou seja, em diáspora. Com base na fala dos entrevistados, muito mais importante

que o retorno financeiro, está a satisfação pessoal de ajudar ao próximo, criar laços sociais, romper o isolamento ou ainda causar empatia nos nativos. Os *youtubers* venezuelanos utilizam o seu tempo livre para produzir conteúdo. Nenhum dos entrevistados falou sobre o desejo de ser visto, ou que seus vídeos alcancem um milhão de visualizações, milhões de inscritos e comentários.

Com relação à webdiáspora, esta parece ajudar na integração dos migrantes na sociedade de chegada graças à formação de grupos de apoio que contribuem para sensibilizar os brasileiros em relação aos migrantes e para colocar em questão a imagem de que são invasores que vão tomar os postos de trabalho. Os canais da webdiáspora também auxiliam as pessoas em seus projetos de diáspora, mostrando como retirar documentos, custo de vida no local, valores de aluguéis, bairros mais em conta, questões culturais e comportamentais, auxiliando com dados sobre o local de chegada. E, também, é uma maneira de ficar 'próximo' dos familiares que ficaram na terra natal, devido à facilidade de comunicação e à possibilidade de visitas on-line nas páginas dos *youtubers*.

Por fim, os conteúdos on-line também ajudam a aliviar questões pessoais vindas com a diáspora, que são divididas com a comunidade on-line pelos vídeos ou por desabafos na caixa de comentários, ajudando a arrefecer o sofrimento proveniente do abandonar a terra que se nasce e dos desafios na sociedade de chegada. Ademais, pode ser também uma forma de renda, como foi o caso de cinco entrevistados que conseguem fazer alguma renda com o trabalho on-line.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Pesquisa aponta que refugiados e migrantes venezuelanos têm maior acesso a emprego após interiorização.** 2021. Disponível em <<https://www.acnur.org/portugues/2021/12/08/pesquisa-realizada-por-agencias-da-onu-demonstra-que-pessoas-refugiadas-e-migrantes-vindas-da-venezuela-tem-maior-acesso-a-emprego-e-renda-apos-adesao-a-estrategia-de-interiorizacao/#:~:text=Bras%C3%ADlia%2C%2008%20de%20dezembro%20de,Acolhida%20no%20Estado%20de%20Roraima>>. Acesso: 15 de julho de 2022.

AILÁN, Elisandra Rodrigues Araújo de. **Inserção laboral de imigrantes venezuelanos em Curitiba: desafios e possibilidades.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/24396>>. Acesso: 06 de março de 2022.

ABRATEL. **TIC Domicílios 2021 mostra que 82% dos domicílios no Brasil têm acesso à internet.** Disponível em <<https://abratel.org.br/noticias/tic-domicilios-2021-mostra-que-82-dos-domicilios-no-brasil-tem-acesso-a-internet/>>. Acesso em 14 de julho de 2022.

AGÊNCIABRASIL. **Operação Acolhida reforça cuidados com interiorização de venezuelanos.** 2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/operacao-acolhidareforca-cuidados-com-interiorizacao-de-venezuelanos>>. Acesso: 16 de julho de 2022

ANDRADE, Gibton Pereira de. SOLEK, Raphael Caetano. **A Crise Migratória Venezuelana e o Fechamento da Fronteira Brasil/Venezuela: Uma análise à luz do Direito Humanitário.** 2020. Disponível em <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/6276>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BALTAR, Cláudia Siqueira; BALTAR, Ronaldo. **Covid-19, distanciamento social e o risco de ‘desfiliação social’: refletindo sobre implicações e significados para os imigrantes internacionais a partir do Brasil e do Paraná.** Disponível em <<https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/miginternacional.pdf>>. Acesso: 06 de março de 2022.

BEZ, Guilherme Siqueira.; FARACO, Rafaela. Avico.; ANGELONI, Maria Terezinha. **Uma proposta de utilização da técnica de análise de redes sociais na Universidade do Sul de Santa Catarina.** Perspectivas Contemporâneas: Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas. v. 6, n. 2, 2011, p. 53-79. Disponível em <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/download/853/425>>. Acesso: 03 de março de 2022

BRASIL. **Deslocamentos assistidos de Venezuelanos**. 2019. Retirado em <https://www.gov.br/acolhida/restapi/sites/default/files/image_14_1582902814.pdf>. Acesso: 03 de março de 2022.

BRASIL. **Operação Acolhida encerra 2021 com 66,2 mil venezuelanos interiorizados no Brasil**. Presidência da República, Casa Civil. 2022. Disponível em <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/janeiro/operacao-acolhida-encerra-2021-com-66-2-mil-venezuelanos-interiorizados-no-brasil>>. Acesso: 03 de março de 2022.

BRASIL. **Operação Acolhida**. Nd. Disponível em <<https://www.gov.br/acolhida>>. Acesso: 16 junho 2021.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. 2010. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010. Disponível em <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2531>>. Acesso: 03 de março de 2022.

CARTAXO, Marina Andrade. **O Impacto das Remessas de Valores dos Migrantes Brasileiros no Desenvolvimento Humano Nacional**. Nd. Retirado em <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=bbc77a1cfac6902c>>. Acesso: 03 de março de 2022.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021–2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Relato%C3%B3rio_Anual_-_Completo.pdf>. Acesso: 17 de julho de 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Imigração e refúgio no Brasil: Retratos da década de 2010**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021b.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. Ano 4– nº 2 jan./jun. São Paulo– Brasil. 2011. Retirado em <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p75-92>>. Acessado em 03 de março de 2021.

DEDIHC. **Centro de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná**. Nd. Retirado em <<http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=151>>. Acesso: 17 de junho de 2020.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. **webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva**. Revista Observatório, v. 2, n. 5, p. 334-363, 25 dez. 2016. Disponível <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2401>>. Acesso: 10 de novembro de 2021.

ELHAJJI, Mohammed e MALERBA, João Paulo. **Dos Usos Comunitários da Webradiofonia no Contexto Migratório Transnacional**. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana [online]. 2016, v. 24, n. 46 pp. 109-127. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004608>>. Acesso: 20 jun. 2022.

ESMPU. **Refugiados e migrantes em Curitiba apontam falhas nas políticas públicas edificuldades de integração**. Escola Superior do Ministério Público da União. 2019. Retirado em <<http://escola.mpu.mp.br/a-escola/comunicacao/noticias/refugiados-e-migrantes-emcuritiba-apontam-falhas-nas-politicas-publicas-e-dificuldades-de-integracao>>. Acesso: 16 de junho de 2020.

FAZITO, Dimitri. **A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade**. 2002. Disponível em <<http://abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1094/1058>>. Acesso: 10 de dezembro de 2021.

FAZITO, Dimitri. **Análise de Redes Sociais e Migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”**, Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 25 Nº 72. 2010. Acessado em 21 de julho de 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZP8vtR8Dp6gDvMxrBpWf7td/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso: 10 de novembro de 2021.

FERNANDES, Durval. O Brasil e a migração internacional no século XXI– notas introdutórias. Em **Migrações e trabalho / Erlan José Peixoto do Prado, Renata Coelho, organizadores**.– Brasília : Ministério Público do Trabalho, 2015. Disponível em <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Livro_Migracoes_e_TrabalhoWEB.pdf>. Acesso: 13 de outubro de 2021.

FFHI. **Operação Acolhida: Plano de Interiorização nos estados brasileiros para migrantes venezuelanos.2020**. Disponível em <<https://www.fraterinternacional.org/operacaoacolhida-plano-de-interiorizacao-nos-estados-brasileiros-para-migrantes-venezuelanos>>. Acesso: 16 de junho de 2020.

FGV DAPP. **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas**. Fundação Getulio Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. - Rio

de Janeiro: 2020. Retirado em

<<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/01/Economia-de-Roraima-e-oFluxo-Venezuelano--30-01-2020-v2.pdf>>. Acesso: 16 junho de 2020.

FRONTEIRAS DA INCLUSÃO DIGITAL. **Fronteiras da inclusão digital: dinâmicas sociais e políticas públicas de acesso à Internet em pequenos municípios brasileiros.** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em

<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20220613162621/estudo_frenteiras_da_inclusao_digital_2022.pdf>. Acesso: 14 de julho de 2022.

GANDINI, Luciana. ASCENCIO, Lozano e PRIETO, Victoria. **Crisis y migración de población venezolana : entre la desprotección y la seguridad jurídica en Latinoamérica.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. Disponível em <<https://www.sdi.unam.mx/docs/libros/SUDIMER-CyMdPV.pdf>>. Acesso: 15 de julho de 2022.

GANDINO, Luciana. PRIETO ROSAS, Victoria & Lozano e ASCENCIO, Fernando. **El éxodo venezolano: migración en contexto de crisis y respuestas de los países latinoamericanos.** 2019. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7587142>>. Acesso: 20 de jun de 2022.

GARCÍA, Madison Ramniery González. **Migración Venezolana en Curitiba: Una Visión de los Procesos Cotidianos de Integración Local.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra. Universidade Federal do Paraná. 2021. Disponível em <<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=111093&idprograma=40001016035P1&anobase=2021&idtc=1437>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GEDIEL, José Antônio Perez.; FRIEDRICH, Tatyana Sheila. **Movimentos, memórias e refúgio: Ensaios sobre as boas práticas da Cátedra Sergio Vieira de Mello (ACNUR) na Universidade Federal do Paraná.** Curitiba: InVerso, Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/01/UFPR_Movimentos-Migrat%C3%B3rios-e-Ref%C3%B3gios-Boas-Pr%C3%A1ticas-da-CSVM-da-UFPR.pdf>. Acesso: 06 de março de 2022.

ITU. **Measuring digital development Facts and figures 2021.** 2021. Disponível em <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2021.pdf>>. Acesso em 14 de julho de 2022.

JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. **Refúgio em Números (7ª Edição). Série Migrações.** Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/REF%C3%9AGIO_EM_N%C3%9AMEROS/Resumo_Executivo_-_Refu%C3%A1gio_em_Nu%C3%81mero_s_-_27-06.pdf>. Acesso: em 17 de julho de 2022.

KARHAWI, Issaaf Santos. **De blogueira à influenciadora: motivações, ethos e etapas profissionais na blogosfera de moda brasileira**. 2018. 330 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LEE, Eunkyung. **Digital Diaspora on the Web: Formantion and role of na on-line commun**. A Dissertation submitted to the Graduate School-New BrunswickRutgers, The State University of New Jersey in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Disponível em <<https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/36617/PDF/1/play/>>. Acesso: 03 de março de 2022.

MELO, Ricardo Henrique Vieira de; MELO, Mércia, Lima de; VILAR, Rosana Alves de. **Análise de Redes Sociais: A Reciprocidade entre Usuários e Profissionais na Estratégia Saúde Da Família**. Revista Ciência Plural, v. 4, n. 1, p. 22-35, 6 jul. 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/13626/9818>>. Acesso: 03 de março de 2022.

NETO, Silvio Beltramelli Neto; MENACHO, Bianca Braga. COVID-19 e a vulnerabilidade de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. Em BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shaylen (Coords.). **Migrações internacionais e a pandemia da COVID-19**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2020, pp. 49-61. Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/impactos_pandemia/COVID%20NAS%20MIGRA%C3%87%C3%95ES%20INTERNACIONAIS.pdf>. Acesso: 13 de outubro de 2021.

OIM. **Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais**. Disponível em <<https://brazil.iom.int/pt-br/news/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais>>. Acesso: 03 de março de 2022.

OIM. **Glossário sobre Migração. Direito Internacional da Migração**. Organização Internacional para as Migrações. 2009. Disponível em <<https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso: 03 de março de 2022.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. **A migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, v.13, n.1, p. 219-244, 2019b. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/24297/21616>>. Acessado em 15 de julho de 2022.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum –comunidade, mídia e globalismo**. 2. Ed.Rio de Janeiro:Ed. Mauad, 2003.

PANORAMA MOBILE. **Uso de Apps no Brasil**. Time/Opinion Box. 2022. Disponível em <<https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/uso-de-apps-no-brasil-junho-de-2022/>>. Acesso em 14 de julho de 2022.

PATARRA, Neide Lopes. **Brasil. Pais de imigração?** Revista Internacional de Língua Português. III serie, nº 24, 2011. P. 65 Disponível em <<http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf#page=360>>. Acesso: 13 de outubro de 2021.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Mídia Local e Suas Interfaces com a Mídia Comunitária no Brasil**. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, n. 4, p. 141-162, 2006. Disponível em <<http://posftp.metodista.br/publicacoes/docentes/artigos/artigo-0020.zip>>. Acesso: 10 nov 2021.

R4V. **Informe de Migração Venezuelana - jan/2022**. 2022. Disponível em <<https://www.r4v.info/pt/document/informe-de-migracao-venezuelana-jan2022>>. Acesso: 04 de março de 2022.

R4V. **Monitoramento do Retorno de Refugiados e Migrantes Venezuelanos– Agosto 2020**. 2020. Disponível em <<https://www.r4v.info/en/node/5271>>. Acesso: 03 de março de 2022.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA. 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24759/4/AnaliseDeRedesPDF.pdf>>. Acesso: 03 de março de 2022.

SANTOS, Enrique Coraza de Los. **Territorialidades de la migración forzada. Los espacios nacionales y transnacionales como estrategia política**. Volumen 4, número 1, publicación semestral. Enero– junio. 2014. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/4195/419545121007.pdf>>. Acesso: 03 de março de 2022.

SCOPISE, Claire. Les sites web diasporiques: un nouveau genre médiatique? In MATTELART, Tristan (Eds.). **Revista Tic & amp; Société, 3 (1-2)**. 2009. Disponível em <<https://journals.openedition.org/ticetsociete/640>>. Acesso em: 10 nov 2021.

SILVA, Gustavo Junger; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; COSTA, Luis Fernando Lima; MACEDO, Marília. Refúgio em Números, 6ª Edição. **Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados**. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/06/Refugio_em_Numeros_6a_edicao.pdf>. Acesso: 03 de março de 2022.

SILVA, Renata Ferreira da. BENTO, Juliane Sant'Ana. **Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil.** Abril-junho, pp. 165-198. 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.7440/colombiaint106.2021.07>>. Acesso: 04 de março de 2022.

TELE SINTESE. **Proteção de Dados: Pesquisa Mapeia Informações Pessoais mais expostas na Internet.** 2022. Disponível em <<https://www.telesintese.com.br/protecao-de-dados-pesquisa-mapeia-informacoes-pessoais-mais-expostas-na-internet/>>. Acesso em 14 de julho de 2022.

TIC DOMICÍLIOS. **Acesso às tecnologias de informação e comunicação no domicílio.** 2021. Disponível <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2021/domicilios/>>. Acesso em 14 de julho de 2022.

TORRES, Vitor. Quanto ganha um *Youtuber*? Contabilizei.Blog. 2022. Disponível em <<https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/quanto-ganha-um-Youtuber/>>. Acesso em 20 de julho de 2022.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Reno. Uma missão eminentemente humanitária? Operação Acolhida e a gestão militarizada nos abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista- RR. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 29, n. 63, p. 107-122, Sept.2021. Disponível em <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852021000300107&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 20 junho de 2022.

VERSIANI, Fernanda e NETO, Antonio Carvalho. **Migração Sul-Sul: um estudo sobre refugiados trabalhando em pequenas e médias empresas brasileiras.** Cad. EBAPE.BR, v. 19, nº 2, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/7qLgFXVcxYVRFMKxHzRGGxr/?format=pdf&lang=pt>>. acessado em 13 de outubro de 2021.

ANEXOS

Roteiro de entrevista:

- 1- Informações pessoais (nome, idade, status migratório)
- 2- Quando chegou no Brasil e de que maneira (via operação acolhida, ONGS, redes sociais, iniciativa própria, com familiares ou sozinho)
- 3- Atividades remuneradas
- 4- uso da internet (horas utilizadas, equipamento que utiliza, forma de conexão - 4g, cabo)
- 5- Utilização de mecanismo de busca on-line para encontrar trabalho, moradia, documentação e Serviços do Estado
- 6- Ao acessar sítios do Estado ou instituição públicos, você encontrou alguma dificuldade para obter informações
- 7- Motivos para criar canais de informação na internet
- 8- Trabalhou sozinho na criação e desenvolvimento do canal ou recebeu ajuda (gravação, edição do vídeo, captação do som, iluminação)
- 9- Equipamentos utilizados para criação de mídia
- 10- Criação de conteúdo trouxe algum recurso financeiro ou social
- 11- Envia remessas de dinheiro para a Venezuela. Se sim, quais ferramentas utiliza para a transferência? Como é realizada a conversão de moeda?
- 12- você conhece o Centro de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná - CEIM?